

Ana Lopes



Afetos, desafetos e abuso relacional na adolescência

IPV - ESSI | 2014

Instituto Politécnico de Viseu
Escola Superior de Saúde de Viseu

Ana Isabel Silva Lopes

Afetos, desafetos e abuso relacional na adolescência

Mestrado de Educação para a Saúde

junho de 2014

Ana Isabel Silva Lopes

Afetos, desafetos e abuso relacional na adolescência

Mestrado de Educação para a Saúde

Estudo efetuado sob a orientação:

Professora Doutora Manuela Maria da Conceição Ferreira

Professor Doutor João Carvalho Duarte



Quero dedicar este trabalho à minha Mãe, que sempre esteve ao meu lado nas horas que chorei e nas horas que sorri, nas horas que me lamentei e nas horas que de uma forma ou de outra demonstrei total alegria, por estar ao seu lado.

Quero agradecer pelo sorriso diário, sem mágoas nem rancores, que sempre teve para comigo, ao longo de todo o processo, pois Tu és aquela que sofre, que luta, que vence, que sobe sempre um degrau da escada da vida a cada dia para me dar força e coragem que me faz seguir sempre em frente.

Hoje quero parar e agradecer, porque a Mãe fez, faz e fará sempre parte da minha história.

Obrigada, Mãe por estares aí sempre que preciso.

Obrigada, Mãe por lutares e venceres por mim.

Obrigada, por tudo Mãe.

Agradecimentos

A realização deste trabalho contou com importantes apoios e incentivos sem os quais não se teria tornado realidade e aos quais estarei eternamente grata.

Um agradecimento muito especial à Professora Doutora Manuela Maria da Conceição Ferreira, Professora Coordenadora do Instituto Politécnico de Viseu – Doutorada em Ciências da Educação pela Universidade de Aveiro, minha orientadora, pela qual nutro uma profunda gratidão e admiração. Pela sua imensa sabedoria, exigência e profissionalismo e pelo papel inestimável que desempenhou nesta etapa.

Ao Professor Doutor João Carvalho Duarte, Professor Coordenador do Instituto Politécnico de Viseu – Doutorado em Saúde Mental pelo Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar pela ajuda e disponibilidade inestimáveis nas análises em SPSS que estes estudos.

Ao meu irmão, André pela ajuda, carinho e atenção disponibilizada durante todo este processo, desde a seleção do Mestrado, até a conclusão do mesmo. Pelas leituras atentas, pelas críticas importantes e sempre pertinentes, transmitindo-me sempre a confiança e segurança que eu chegaria ao fim, mas também que o fim não era necessariamente aqui.

Às escolas e alunos que participaram nestes estudos. Sem a sua colaboração e contributo este processo não teria sido possível. Um agradecimento especial à Direção, professores e alunos da Escola Secundária Frei Rosa Viterbo de Sátão.

Resumo

Enquadramento - A violência no namoro é um problema social relevante nas relações românticas de adolescentes e jovens adultos, tendo começado a ser alvo de particular atenção por parte da comunidade científica nas últimas duas décadas. Não se restringe à dimensão sexual, podendo envolver múltiplas e variadas formas, entre as quais o abuso físico e o psicológico, requerendo diferentes estratégias de prevenção e de intervenção.

Objetivo - Identificar os fatores que influenciam a violência no namoro nos estudantes que frequentam o ensino secundário; determinar a sua prevalência e analisar o efeito de variáveis contextuais ao namoro no desenvolvimento da violência.

Material e Método - Optou-se por um estudo quantitativo não experimental, com corte transversal, descritivo e correlacional. Aplicamos um protocolo de questionários composto por caracterização sociodemográfica e contextual de namoro, Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes e Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro, a 243 adolescentes que frequentavam, os 10º, 11º e 12º anos.

Resultados – Cerca de 41,0% dos adolescentes têm idade superior a 17 anos (40.7%), com um predomínio de raparigas (44.1%). Habitam principalmente em zonas rurais e na sua maioria são de nacionalidade portuguesa, com prevalência dos que frequentam o 10º ano. Mais de metade vive com os pais (56.0%). A grande maioria é católica. Quase todos os participantes namoram ou já namoraram. Existiram diferenças estaticamente significativas em todos os tipos de violência, sobretudo nos estudantes que tiveram relações sexuais. A fonte de informação sobre a sexualidade influenciou algumas dimensões de violência tendo-se destacado a violência sexual masculina. Quanto às diferentes formas de violência exercidas pelos rapazes e raparigas, os valores mínimos foram para a violência física e sexual, enquanto os máximos se situaram na violência psicológica. As estratégias do conflito do outro sobrepuseram-se às do próprio. As estratégias não abusivas do próprio revelaram um índice médio mais elevado quando comparado com as estratégias não abusivas do outro.

Conclusão – Os resultados apontam para a necessidade de integrar a temática da violência no namoro na educação/formação do adolescente, utilizando metodologias ativas com a participação efetiva de todos os atores do processo (adolescentes, pais, professores e profissionais de saúde), pois só assim se conseguirá desenvolver competências relacionais afetivas saudáveis.

Palavras-chave: Adolescentes, namoro, violência no namoro

Abstract

Framework - The dating violence is a socially relevant problem in romantic relationships of adolescents and young adults, and has begun to receive particular attention by the scientific community over the past two decades. Not restricted to the sexual dimension, which may involve multiple and varied forms including physical and psychological abuse, requiring different strategies for prevention and intervention.

Objective - We intend to identify the factors that influence dating violence among students who attend secondary school; determine its prevalence and analyze the effect of contextual variables to dating in the development of violence.

Material and Methods - We opted for a quantitative non-experimental, cross-sectional, descriptive and correlational study. We applied a protocol of questionnaires consisting of socio-demographic and contextual characterization of dating, Inventory of Conflict in Dating Relationships among Teenagers and a Scale of Attitudes about Dating Violence to 243 adolescents attending the 10th, 11th and 12th years.

Results - Teens aged over 17 years (40.7%), with a predominance of girls (44.1%). Inhabit mainly in rural areas and are mostly Portuguese, with a prevalence of attending the 10th grade. More than half live with their parents (56.0%). The vast majority was Catholic. Almost all participants are dating or have dated. There are statistically significant differences in all kinds of violence, especially among students who had sexual intercourse. The source of information about sexuality influenced some dimensions of violence having been seconded by male sexual violence. Has to the different forms of violence by boys and girls, the minimum values were for physical and sexual abuse, while the maximum stood at psychological violence. The strategies of the conflict on the other overlapped those of himself. Non-abusive strategies of self revealed a higher average rate when compared with non-abusive strategies of the other

Conclusion - The results point to the need to integrate the topic of dating violence in the education / training of adolescents, using active methods with the effective participation of all stakeholders in the process (teens, parents, teachers and health professionals), because only thus will we be able to develop healthy emotional relationship skills.

Keywords: Adolescents, Dating, Dating Violence

Índice

Introdução.....	21
PARTE I - Enquadramento Teórico	
1. Conceito de violência.....	27
1.1. Tipos de violência	28
2. O amor e as relações de violência	31
2.1. As violências nas relações amorosas/namoro	32
2.2. Dados Epidemiológicos.....	33
2.3. Fatores de risco para a prática de violência nas relações de namoro	33
2.4. Impacto de violência na intimidade dos jovens	36
3. A escola como contexto privilegiado de prevenção.....	39
II – Parte - Investigação Empírica	
1. Metodologia	45
1.1. Métodos	45
1.2. Participantes	47
1.2.1. Caracterização Sociodemográfica da amostra	46
1.3. Instrumentos	51
1.3.1. Questionários de Caracterização	52
1.3.2 Inventários e escalas	53
1.4. Procedimentos	69
1.5. Análise dos dados	70
2. Resultados.....	73
2.1. Análise Descritiva	73
2.1.1. Caracterização do contexto.....	73
2.2. Análise inferencial.....	81
3. Discussão	101
Conclusão	107

Bibliografia	111
Anexos	117
Anexo A – Pedidos de autorização	
Anexo B – Questionário	

Índice de Quadros e Figuras

Figura 1 –	Representação esquemática da relação prevista entre as variáveis estudadas na investigação empírica (desenho de investigação).....	47
-------------------	--	----

Índice de Quadros

Quadro 1. Operacionalização das variáveis sociodemográficas	53
Quadro 2. Operacionalização das variáveis contextuais	53
Quadro 3. Valores de Coeficiente de Alpha de Cronbach	54

Índice de Tabelas

Tabela 1 –	Dados estatísticos relativos à idade em função do gênero	48
Tabela 2 –	Caracterização sociodemografica da amostra em função do gênero.....	51
Tabela 3 –	Consistência interna do questionário Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes	56
Tabela 4 –	Consistência interna do questionário Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes	57
Tabela 5 –	Itens da “Escala de comportamentos do próprio” que integram a subescala “Estratégias de resolução de conflitos abusivas”	58
Tabela 6 –	Itens da escala de comportamentos do próprio que integram a subescala “Estratégias de resolução de conflitos não abusivas/positivas”	59
Tabela 7 –	Itens da “Escala de comportamentos do outro” que integram a subescala “Estratégias de resolução de conflitos abusivas”	60
Tabela 8 –	Itens da “Escala de comportamentos do outro” que integram a subescala “Estratégias de resolução de conflitos não abusivas/positivas”	61
Tabela 9 –	Matriz de correlação de Pearson	61
Tabela 10 –	Consistência interna (1) Atitudes acerca da violência psicológica perpetrada pelos rapazes nas relações de namoro (VPM)	63
Tabela 11 –	Consistência interna (2) Atitudes acerca da violência física perpetrada pelos rapazes nas relações de namoro (VFM)	64
Tabela 12 –	Consistência interna (3) Atitudes acerca da violência sexual perpetrada pelos rapazes nas relações de namoro (VSM)	65
Tabela 13 –	Consistência interna (4) Atitudes acerca da violência psicológica perpetrada pelas raparigas nas relações de namoro (VPF)	66
Tabela 14 –	Consistência interna (5) Atitudes acerca da violência física perpetrada pelas raparigas nas relações de namoro (VFF).....	67
Tabela 15 –	Consistência interna (6) Atitudes acerca da violência sexual perpetrada pelas raparigas nas relações de namoro (VFS)	68

Tabela 16 –	Matriz de Correlação de Pearson entre subescalas e o índice da violência	69
Tabela 17 –	Caracterização da variável, idade mais apropriada para as pessoas iniciarem as relações sexuais em função do género.....	73
Tabela 18 –	Frequência dos adolescentes que já tiveram relações sexuais.....	74
Tabela 19 –	Estatísticas relativas à idade com que iniciaram relações sexuais.....	74
Tabela 20 –	Caracterização dos adolescentes que se sentiram forçados a iniciar a atividade sexual em função do género.....	75
Tabela 21 –	Caracterização dos adolescentes por quem se sentiram forçados a iniciar a atividade sexual	75
Tabela 22 –	Caracterização da variável, dos adolescentes que estariam ou não apaixonados pela pessoa com quem tiveram relações sexuais pela primeira vez	76
Tabela 23 –	Frequência dos adolescentes que tiveram relações sexuais/amorosas com alguém do mesmo sexo.....	76
Tabela 24 –	Adolescentes que presentemente namoram ou já namoraram	77
Tabela 25 –	Estatísticas relativas à idade com que começaram a namorar	77
Tabela 26 –	Fontes de informação sobre sexualidade em função do género	78
Tabela 27 –	Caracterização da variável, conhecimentos sobre sexualidade em função do género	78
Tabela 28 –	Frequência da facilidade de acesso às consultas de planeamento familiar.....	79
Tabela 29 –	À vontade para marcar uma consulta de planeamento família, em função do género	79
Tabela 30 –	Estatísticas relativas às estratégias utilizadas pelos adolescentes	80
Tabela 31 –	Estatísticas relativas aos vários tipos de violência nos rapazes.....	80
Tabela 32 –	Estatísticas relativas aos vários tipos de violência nas raparigas.....	81
Tabela 33 –	Teste t - estratégias do conflito e não abusivas do próprio e entre estratégias do conflito e não abusivas do outro	82
Tabela 34 –	Teste t para diferenças de médias entre estratégias e género.....	83
Tabela 35 –	Análise de variância entre estratégias e grupos etários	83
Tabela 36 –	Relação entre as estratégias e o curso.....	84
Tabela 37 –	Relação entre as estratégias e a nacionalidade	85

Tabela 38 –	Relação entre as estratégias e a zona de residência.....	85
Tabela 39 –	Relação entre as estratégias e ter tido relações sexuais	86
Tabela 40 –	Relação entre as estratégias e idade com que iniciou as relações sexuais	86
Tabela 41 –	T-Test e violência (psicológica, física e sexual) masculina e feminina	87
Tabela 42 –	Violência psicológica, sexual e física em função do género.....	87
Tabela 43 –	Violência psicológica, sexual e física em função do curso que frequentam.....	88
Tabela 44 –	Violência psicológica, sexual e física em função da idade	88
Tabela 45 –	Violência psicológica, sexual e física em função da nacionalidade	89
Tabela 46 –	Violência psicológica, sexual e física em função da zona de residência	90
Tabela 47 –	Violência psicológica, sexual e física em função da religião	90
Tabela 48 –	Violência psicológica, sexual e física em função das habilitações literárias dos pais..	91
Tabela 49 –	Violência psicológica, sexual e física em função de já ter tido relações sexuais	92
Tabela 50 –	Violência psicológica, sexual e física em função de namorar ou não.....	92
Tabela 51 –	Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função dos pais como fontes de informação	93
Tabela 52 –	Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função dos amigos como fontes de informação	94
Tabela 53 –	Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função dos professores como fontes de informação.....	95
Tabela 54–	Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função dos médicos/enfermeiros como fontes de informação	96
Tabela 55 –	Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função do(a) namorado(a) como fonte de informação	97
Tabela 56 –	Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função dos amigos como fontes de informação	97
Tabela 57 –	Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função dos jornais como fontes de informação	98
Tabela 58 –	Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função da rádio ou televisão como fonte de informação	99

Introdução

A violência na intimidade não se circunscreve às relações conjugais, estando presente quer nas relações de namoro, quer relações juvenis ocasionais. A investigação tem revelado níveis perturbadores de violência nas relações na intimidade juvenil. Nestas situações e no caso da relação se prolongar no tempo, a violência tem tendência a aumentar, na frequência e gravidade, conduzindo, por norma, à violência conjugal (Saavedra, Machado, Martins e Vieira, 2011).

A violência no namoro pode ser definida como um ato de violência, pontual ou contínua, cometida por um dos companheiros ou ambos, com o intuito de controlar, dominar e ter mais poder do que o outro na relação. Este é um ato que não discrimina géneros, havendo vítimas femininas e masculinas, tal como há agressores masculinos e femininos (Caridade & Machado, 2006). A violência no namoro tem um impacto devastador sobre as vítimas, independentemente do tipo de violência que é exercido. Há formas de violência que passam despercebidas, socialmente aceites e não vistas como tal. É frequente a banalização e até a romantização de alguns atos violentos (Saavedra et al., 2011).

Existem diferentes formas de violência no namoro e podem acontecer diferentes formas de violência na mesma relação de namoro. A título exemplificativo, as agressões verbais podem ocorrer antes de uma agressão física. Todas as formas de violência no namoro têm um objetivo comum: magoar, humilhar, controlar e assustar (Magalhães, 2006).

Constituindo a violência no namoro uma experiência pessoal caracterizada por sentimentos de vergonha, a grande maioria dos adolescentes não procura ajuda. O medo de serem culpabilizados, de que o segredo não seja preservado, que os adultos os pressionem para terminar a relação, considerarem que não vão ser ajudados, temerem punições parentais, faz com que os adolescentes não contem o que estão a passar. Os seus principais confidentes costumam ser os amigos, mas, na grande maioria, não reúnem condições para dar o devido apoio, ou porque também estão envolvidos em relações abusivas ou porque legitimam um conjunto de crenças perpetuadoras do fenómeno (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, APAV, 2013),

Um estudo nacional sobre a prevalência da violência do namoro envolveu 4667 jovens com idades entre os 13 e os 29 anos, dos quais 25,4% relataram ter sido vítimas de, pelo menos, um ato abusivo no último ano e 30,6% admitiu ter sido

agressor. Em termos de vitimação, os comportamentos emocionalmente abusivos lideram, seguindo-se os fisicamente abusivos e a violência física severa. A legitimação da violência surge mais elevada entre os jovens mais novos, com menor formação e rapazes, que são educados para serem mais fortes, emocionalmente pouco expressivos, competitivos e dominadores face às suas parceiras (APAV, 2013). De acordo com a mesma fonte, uma cultura de prevenção, que envolva a promoção de relacionamentos saudáveis, a consciencialização dos adolescentes e modificação de comportamentos violentos é a melhor forma de combater este fenómeno. Para isso, a APAV (2013) defende que terá de haver uma articulação concertada entre os adolescentes, entidades e agentes educativos (pais, professores, profissionais de saúde e outros técnicos), os pares e a comunidade.

Perante esta problemática, o desenvolvimento do processo de investigação orientou-se no sentido de responder às seguintes questões de investigação:

- Qual a prevalência da violência no namoro nos estudantes que frequentam o ensino secundário?
- Que variáveis sociodemográficas se relacionam com a violência do namoro?
- Qual a influência de variáveis contextuais ao namoro (duração do namoro e tipo de relacionamento) na violência do namoro?

No sentido de procurar responder às questões formuladas, delineámos os objectivos de investigação:

- Identificar os fatores que influenciam a violência no namoro nos estudantes que frequentam o ensino secundário;
- Determinar a prevalência da violência no namoro nos estudantes que frequentam o ensino secundário;
- Identificar as variáveis sociodemográficas que se relacionam com a violência do namoro;
- Analisar o efeito de variáveis contextuais ao namoro (duração do namoro e tipo de relacionamento) no desenvolvimento da violência do namoro.

Para a consecução das questões e objetivos de investigação formulados optamos pelo tipo de investigação quantitativa e não experimental, com corte transversal, descritiva e correlacional. A recolha de informação foi realizada através de um questionário de caracterização sociodemográfica e contextual de namoro e do Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes e Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro. Recorreu-se a uma amostragem não probabilística por conveniência que teve por base os adolescentes que frequentavam,

no ano letivo de 2012/2013, os 10^o, 11^o e 12^o anos de escolaridade, estudantes da escola Secundária Frei Rosa Viterbo em Sátão.

No sentido de uma melhor compreensão do presente estudo o corpo do trabalho é constituído por duas partes, o Enquadramento Teórico e o Estudo Empírico. A primeira parte é reservada à fundamentação teórica, onde se abordam conceitos relativos à violência no namoro, tipos de violência, o amor e as relações de violência, dados epidemiológicos, fatores de risco, perfil da vítima e do agressor, impacto de violência na intimidade dos jovens. Finalizamos o enquadramento teórico com uma abordagem à escola como contexto privilegiado de prevenção de violência no namoro. A segunda parte abarca todos os conteúdos próprios ao estudo empírico. Assim, na metodologia apresenta-se e descreve-se a investigação desenvolvida, nomeadamente, o tipo de estudo, desenho da investigação, os participantes, o instrumento de recolha de dados, os procedimentos e a análise dos dados. Segue-se a apresentação dos resultados e a sua análise estatística. Tem lugar ainda a apresentação e discussão dos resultados obtidos da análise descritiva e inferencial. O trabalho tem o seu *terminus* com as conclusões mais relevantes e que dão resposta às questões e objectivos de partida.

Parte I - Enquadramento Teórico

1. Conceito de violência

Embora o conhecimento sobre a problemática de violência no namoro tenha avançado significativamente nos últimos anos, inconsistências e omissões na definição dos conceitos avaliados nas diversas pesquisas, nomeadamente do que se entende por namoro e por violência, têm tornado difícil a comparação e síntese dos resultados obtidos e limitado o avanço desse mesmo conhecimento (Jackson, 1999).

Minayo e Souza (1997/1998) propõem a seguinte definição de violência, apesar de abrangente: “ *a violência consiste em ações humanas de indivíduos, grupos classes, nações que ocasionam a morte de outros seres humanos ou que afetam a sua integridade física, moral, mental ou espiritual*”

Este tipo de definição valoriza mais as consequências do que as ações que as produziram. No entanto, não distingue as ações violentas das não violentas. Tendo em consideração o aspeto anterior, Chaves, Ristum e Noronha (1998) complementam a definição: “*a violência, compreendida como um problema de saúde pública, foi definida como qualquer ação intencional, perpetrada por indivíduo, grupo ou instituição, dirigida a outrem que cause prejuízos, danos físico e/ou sociais e/ou psicológicos*”.

Sugarman e Hotaling entendem a violência como ameaça ou uso de força física levado a cabo com a intenção de causar dor ou ferir o outro no contexto da relação amorosa (1989, cit. por Lewis & Fremouw, 2001).

Segundo Dias (2004), o termo violência deriva do latim *violentia* que pode ser traduzido como qualquer comportamento ou conjunto de força, aplicação de força, vigor contra qualquer coisa ou ente.

A Associação Portuguesa de apoio à vítima (APAV) integra a violência no namoro no conceito de violência doméstica, considerando-a como qualquer conduta ou omissão de natureza criminal, reiterada e /ou intensa ou não, que inflija sofrimentos físicos, sexuais, psicológicos ou económicos, de modo direto ou indireto, a qualquer pessoa que resida habitualmente no mesmo espaço doméstico ou que, não residindo, seja conjugue ou ex-cônjuge, companheiro/a ou ex-companheiro/a, namorado/a ou ex-namorado/a, ou progenitor de descendente comum, ou esteja, ou tivesse estado, em situação análoga; ou que seja ascendente ou descendente, por consanguinidade, adoção ou afinidade.

Como referem Labrador, Rincón, Luis, Fernandez-Velasco (2004), a violência pode ser considerada em três categorias: física (conduta que implique a utilização intencional de algum instrumento de modo a incluir o risco de danos físicos, doença ou

dor); psicológica (conduta com o objetivo de produzir humilhação, desvalorização ou ridicularização); sexual (qualquer intimidade sexual forçada por parte de um membro do casal, ainda que seja através de ameaças e intimidação).

Para finalizar, Cláudia Coelho & Carla Machado (2010) optaram por definir violência em relações de intimidade como o recurso a comportamentos que visam assumir o poder na relação, magoar e/ou controlar o/a parceiro/a, podendo tomar a forma de violência física (e.g. bater, empurrar), psicológica (e.g. insultar, humilhar), sexual (e.g. beijar contra a vontade do outro, forçar práticas sexuais) ou *stalking* (e.g. perseguir, vigiar contactos).

1.1. Tipos de violência

Os tipos de violência íntima têm diferentes origens, diferentes dinâmicas e diferentes consequências. Requerem, por isso, diferentes enquadramentos teóricos e diferentes estratégias de prevenção e intervenção (Johnson, no prelo).

Como é sabido, a violência nas relações de namoro não se circunscreve à dimensão sexual, podendo envolver múltiplas e variadas formas, entre as quais abuso físico e psicológico. (Machado, Matos & Moreira, 2003; Paiva & Figueiredo, 2004).

De acordo com Caridade, Machado & Vaz (2007), as mulheres, em comparação com os homens, experimentam níveis mais elevados de violência severa e reações emocionais mais acentuadas. Matos (2006) refere que, para além de evidenciarem que os atos violentos não são exclusivamente praticados pelos homens, estes estudos têm um mérito de chamar a atenção para um dos fenómenos de violência mais ignorados: o da violência exercida pela mulher na intimidade. Uma grande parte dos estudos que têm produzido evidências científicas de simetria na violência íntima, quer em relações maritais quer não maritais, têm sido alvo de críticas.

Berry (2000) indica que 20% a 30% dos jovens envolvidos em relações de namoro experienciam violência e estimam que a prevalência da violência entre jovens adultos se situará entre os 21,8% e os 55%. Neste seguimento, Sugarman e Hotaling 1991, cit. por Mahoney, Williams & West, 2001) arbitra que cerca de 28% dos homens e mulheres, em algum momento das suas vidas, terão estado ou estarão inseridos numa relação de namoro que envolve atos de violência, sendo que a ocorrência destes atos abusivos é mais provável em relações afetivas mais duradouras e em que existe coabitação.

Violência física

A violência física é a forma mais comum de violência e está geralmente associada a uma forma de punição ou disciplina (Rodrigues, Brino & Williams, 2006).

Segundo Sugarman e Hotaling (1989, cit. por Paiva & Figueiredo, 2003), a violência como ameaça ou o uso de força física levado a cabo com a evolução de causar ou ferir o outro no contexto da relação amorosa. Neste sentido, empurrar, bater, estrangular, arremessar objetos são exemplos de comportamentos violentos.

Carlson (1987, cit. por Jackson, 1999) constatou que 11% dos estudantes do ensino secundário e 36% dos estudantes universitários experienciam algum tipo de violência nas suas relações amorosas.

Swart (2002) constatou, num estudo sobre prevalência da violência física conduzido em África do sul junto de uma amostra de estudantes do ensino secundário, que 49,8% rapazes e 52,4% raparigas tinham estado envolvidos num relacionamento amoroso violento.

Violência psicológica

Para Jenkins e Aubé (2002), a violência psicológica diz respeito a qualquer ato não físico realizado com a intenção de magoar o parceiro, podendo incluir elementos diretos ou indiretos, verbais ou não verbais. É uma violência que não deixa marcas corporais visíveis, mas emocionalmente pode provocar cicatrizes para toda a vida. Exemplos de comportamentos psicologicamente agressivos são o insultar, o humilhar, o deixar de falar ou de interagir com a vítima e o restringir a sua liberdade de ação.

Violência sexual

Violência sexual entende-se qualquer relacionamento no qual o agressor abusa do poder que tem sobre a vítima para obter gratificação sexual, sem o seu consentimento, ocorrendo com ou sem violência, seja esta física e/ou psicológica (Cohen & Figaro, 1996, cit. por Jackson & Davis, 2000).

De acordo com alguns autores (Jackson & Davis, 2000), o impacto da experiência de violência sexual poderá sentir-se também em outras pessoas para além da vítima, designadamente familiares e outros significativos, podendo estes experimentar sentimentos de raiva, culpa, sensação de perda e défices ao nível do ajustamento sexual.

Efetivamente, alguns estudos (Dekerseredy, Schwartz, 1998; Kilpatrick et al., 1988; Koss et al., 1987; Muehlenhard, Linton, 1987, cit. por Paiva & Figueiredo, 2003)

evidenciam que entre 6% a 28% das mulheres no mundo refere ter sido violada por um namorado ou pessoa conhecida. A violência sexual é definida por Paiva e Figueiredo (2003) como uma interação sexual conseguida contra a vontade do outro, através do uso da força,

2. O amor e as relações de violência

Ao pensar nas relações afetivas entre namorados é importante entender as concepções de amor existentes nessa relação, uma vez que o namoro é permeado por versões sobre o amor. A palavra namorar, conforme assinala Ferreira (1993, p. 378), apresenta essa ligação, uma vez que significa “procurar inspirar amor a; cortejar; enamorar-se”. A literatura sobre o tema da violência nas relações entre namorados aponta para a estreita relação entre as concepções de amor e a violência.

Muitas vezes, algumas práticas de violência aparecem disfarçadas de amor e justificadas por esse sentimento, possibilitando assim a vivência de relações asfixiantes, provenientes do desejo de controlar o outro (Méndez & Hernández, 2001).

Conforme destaca Rougemont (2003), o amor, pressupõe o estabelecimento de um vínculo emocional durável, profundamente ligado à questão da intimidade, sendo incompatível com a luxúria. Implica uma ligação, para além do físico, é “uma comunicação psíquica, um encontro de almas que tem um caráter reparador” (Giddens, 1993, p.56).

Para Grossi (1994), a violência é resultado da complexidade das relações afetivas e emocionais, não restritas ao âmbito heterossexual. Embora Matos (2006) afirme que, na literatura, de forma geral, a violência no namoro ou entre casais jovens é descrita como um fenómeno com uma dinâmica semelhante à da violência conjugal, também encontramos diferenças, como o fato da violência entre namorados exercida por mulheres é tipicamente menor do que a violência exercida pelos homens.

Gregori (1994) aponta para a importância de identificarmos os padrões culturais que influenciam os homens e as mulheres na relação, mas entende que estes padrões não devem ser considerados de forma dicotômica, como tradicionais ou modernos, mas sim como vários núcleos de significado que se sobrepõem e se misturam.

Bauman (2004) argumenta que a forma como as relações, entre elas as amorosas, se estabelecem, é um reflexo da sociedade de consumo, fruto da modernidade líquida, enquanto, para Giddens (1993), as transformações amorosas e a forma de se relacionar seriam fruto também das questões concernentes à reflexividade e à autoidentidade, além da modernidade.

2.1. As violências nas relações amorosas/namoro

A violência no namoro constitui um problema social importante nas relações românticas de adolescentes e jovens adultos, tendo começado a ser alvo de particular atenção por parte da comunidade científica nas últimas duas décadas (Straus, 2004).

Da mesma forma, a exposição à violência no namoro pode expor os jovens a outros riscos de saúde, como comportamentos sexuais de risco que aumentam o risco da gravidez (Women's Health and Development, 1997, cit. por Swart, Seedat, Stevens & Ricardo, 2002) ou doenças sexualmente transmissíveis (Dowsett & Aggleton, 1999, cit. por Swart et al., 2002).

Para Caridade & Machado (2006) e Muños-Rivas, Graña, O'Leary & González (2007), a violência no namoro caracteriza-se, quase sempre, por atos (menos graves) de violência, como insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou (ferir), gritar ou ameaçar com intenção de meter medo, partir ou danificar objetos intencionalmente ou levar uma bofetada.

Dado que os atos consideravelmente mais graves estão também presentes, ainda que em menos escala, nas vivências da população estudada, tais como, apertar o pescoço, atos sexuais contra a vontade, murros, pontapés e cabeçadas, bater com a cabeça na parede ou contra o chão e ameaça com armas (Machado, Matos & Moreira, 2003).

Magalhães (2006) considera que a relação entre duas pessoas é geradora de conflitos, em certos momentos, podendo tornar-se agressiva em situações específicas. No entanto, essa agressividade (psicológica, física ou outra) surge em episódios que se autolimitam no tempo. Acosta (2001, cit. por Magalhães, 2006), adiciona ainda que brigas ou discursões entre certas pessoas, como no caso dos namorados, podem ser consideradas "normais".

Os estudos desenvolvidos na área de violência na intimidade juvenil vieram contraditar uma alegação comum acerca da essência desta forma de abuso, nomeadamente a de que o homem é o seu perpetrador e a mulher a sua vítima. Muito embora vários autores apoiem esta tese (Bachmam, 1998; Rennison & welchans, 2000; Coker et al., 2000, cit. por Caridade & Machado, 2006) a maioria das investigações internacionais e nacionais desenvolvidas nesta área revela que a violência entre companheiros amorosos se caracteriza por trocas mútuas de agressão (Magdol et al., 1997; Lewis & Fremouw, 2002, cit. por Caridade & Machado, 2006; Machado Matos & Moreira, 2003; Paiva & Figueiredo, 2004; Straus, 2004),

evidenciando que as mulheres podem ser fisicamente tão violentadas como os homens.

2.2. Dados epidemiológicos

Caridade e Machado (2006) propõem uma revisão da literatura sobre o tema da violência no contexto do namoro. As autoras apontam a carência e marginalização dos estudos voltados para este tipo de relação, em detrimento dos realizados com enfoque nas relações conjugais.

Contudo, destacam que, recentemente, observa-se uma abertura nos estudos voltados para o fenômeno da violência contra a mulher, no panorama internacional, englobando outros grupos específicos, entre eles a violência entre os jovens casais de namorados, conhecidos como “dating violence” ou “courtship violence”. Em sua maioria, estes estudos têm sido realizados nos Estados Unidos e na Europa. Nos últimos 10 anos também foram realizados estudos na América Latina, conhecidos como “violencia en el noviazgo”.

As autoras referidas, juntamente com Matos, Machado, Caridade e Silva (2006) destacam três dificuldades na realização dos estudos sobre as relações de namoro violento: a própria definição de violência no namoro, a dificuldade de acesso a esta população, e a escassa produção acadêmica sobre o tema. Essa dificuldade em reconhecer a violência na relação é apontada também por autoras como De La Rosa (2005) e Alvarez (s/d).

Embora Matos (2006) afirme que, na literatura, de forma geral, a violência no namoro ou entre casais jovens é descrita como um fenômeno com uma dinâmica semelhante à da violência conjugal, também encontramos diferenças, como o fato da violência entre namorados ser caracterizada por atos de “menor gravidade”, principalmente quando a autora da violência é a mulher (Caridade & Machado, 2006; Hickman, JJaycox & Aronoff, 2004; Medeiros & Straus, 2006).

2.3. FATORES DE RISCO PARA A PRÁTICA DE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE NAMORO

Callahan; Tolman & Saunders (2003) referem que o isolamento imposto pelo parceiro agressor durante o namoro é também um importante fator de risco para a violência, embora muitas vezes não seja reconhecido como tal pelos jovens. O empenho no isolamento da vítima e até mesmo alguns comportamentos de *stalking* (e.g., impedir contactos sociais com os pares) são alguns dos sinais de risco para a violência, podendo, contudo, ser confundidos com manifestações de amor do parceiro.

A explicação mais frequente para a ocorrência da violência está relacionada com as atitudes culturais e crenças, contudo, verifica-se que os estudos empíricos nesta área, são muito reduzidos. No entanto, verifica-se que a relação entre estas atitudes e os comportamentos violentos não é assim tão linear, embora não podendo ser postos de parte, visto ter uma importância significativa (Caridade, Machado & Vaz, 2007).

De acordo com os mesmos autores, também a falta de experiência relacional, associada à necessidade de emancipação e de independência dos jovens nesta fase (e.g., condições que conduzem à procura de um tempo superior de relacionamento a sós e à tomada de decisões de forma autónoma), nem sempre facilitam o reconhecimento de uma condição de vitimação, nem tão-pouco a identificação de eventuais recursos para a gerir (e.g., contacto com outros adultos ou pares).

Straus (2004) indica que os homens apresentam índices maiores de atos de violência no namoro, justificando esses atos com o comportamento da mulher.

Aos fatores de risco Méndez e Hernández (2001, p. 34) acrescentam o desejo de controlar e isolar o parceiro, que se revela por meio de atitudes como: “desejar saber tudo o que o parceiro faz, exigir explicações por tudo, proibir e ameaçar o parceiro, impor regras, não desejar que existam segredos, exigir que o outro dedique a maior parte de seu tempo a ele/ela”¹⁶. Além de comportamentos como desaparecer sem dar explicações, mostrar-se sedutor(a) para com outras pessoas, manipulador(a), e não admitir seus próprios erros.

O desejo de controlar, segundo Méndez e Hernández (2001), associa-se em geral ao ciúme crônico, à insegurança na relação e à dependência emocional. Contudo, ressaltam que o ciúme é possível mesmo quando o valor dado à relação ameaçada não é de natureza afetiva, mas, sim, social ou econômico ou de algum outro tipo.

Designadamente, as assimetrias de poder entre os parceiros íntimos, são igualmente reconhecidas como fortes preditores da violência no namoro. Nas relações de namoro em que o poder e, conseqüentemente, a tomada de decisão não são partilhados, os níveis de violência são significativamente superiores (Kaura & Allen, 2004).

Um estudo pioneiro desenvolvido com adolescentes de ambos os sexos evidencia a importância de se trabalhar com adolescentes masculinos que manifestem problemas de externalização, consumo de drogas e história de agressão a parceiros anteriores. Por sua vez, com as adolescentes agressivas no namoro o estudo sublinha que é importante estar atento a sintomas internalizadores (e.g., isolamento, depressão, ansiedade) e àquelas que percebem pouca disponibilidade afetiva,

pobre envolvimento e fraca supervisão por parte dos pais. De acordo com este estudo, os pais assumem um papel decisivo numa eventual progressão para uma trajetória antissocial ou inadaptada (Chase, Treboux & O'leary, 2002). Por outro lado, para Caridade & Machado (2006), vários jovens veem a violência como um ato de amor, sendo esta situação mais característica das raparigas adolescentes, que confundem ciúme com amor.

Alguns estudos desenvolvidos em contextos de namoro corroboram a ideia de que as raparigas reportam um dano mais severo como resultado do abuso na intimidade, taxas mais elevadas de vitimação sexual e, ainda, um recurso superior a estratégias de autodefesa face à violência, quando comparadas com os rapazes. Callahan, Tolman e Saunders (2003) tentam explicar esta circunstância numa ótica desenvolvimental: as identidades femininas promovem-se mais relacionalmente, por comparação com os rapazes, cujas identidades se promovem sobretudo através da independência e da autonomia. Estas questões poderão não só repercutir-se no impacto que estas experiências têm na vida dos indivíduos vitimados, mas também na forma como cada género acaba por gerir essa condição.

Black e Weiz (2003) fazem referência a alguns autores que alertam para o fato de ser precisamente na adolescência que se podem exacerbar as diferenças entre os papéis de género, que se pode consolidar a aceitação da violência como uma versão do amor ou como “aceitável” em certas circunstâncias e, ainda, como um período especialmente propício à adesão a alguns mitos “perigosos” sobre as relações “românticas” (indissolubilidade, associação do amor ao sofrimento). Qualquer um desses fatores pode aumentar o risco de envolvimento numa relação abusiva.

Para finalizar, outros autores defendem que determinadas condições biológicas podem levar à violência na intimidade (Matos, 2006).

Perfil da vítima

Para Matos (2006) a perturbação do stresse pós traumático e a síndrome da mulher batida são conceitos frequentemente utilizados para caracterizar as mulheres vitimizadas.

A síndrome da mulher batida caracteriza esta como sendo passiva e submissa e com diversos problemas psicológicos, como a depressão, baixa autoestima, medo, entre outros (Rothenberg, 2003, cit. por Matos, 2006). Matos (2006) refere que a mulher se encontra dentro de um ciclo de violência e o facto de ser incapaz de interromper esse ciclo a impede de sair da relação. Já Foreman & Dallos (1993),

referenciados por Matos (2006), veem este problema psicológico da mulher como sendo uma causa da violência e não um efeito dessa.

Perfil do agressor

Podemos descrever alguns fatores que podem ir de encontro a atos abusivos nos relacionamentos íntimos, tais como, a aceitação de determinados mitos sociais baseados nas crenças tradicionais acerca dos papéis de gênero (Andrade, 2008).

A influência dos pares também é um fator a ter em vista, porque segundo um estudo em que se avaliou a influência dos amigos na adoção de determinados comportamentos, chegou-se à conclusão que se um amigo de um determinado jovem percebe os comportamentos violentos nas relações como normativos, este tipo de comportamentos é provavelmente mais aceite (Vidal, 2008).

O isolamento social e a violência na família de origem são outros fatores que devemos ter em atenção, dado que este último assume particular relevância na literatura que se debruça sobre este assunto (Andrade, 2008).

2.4. Impacto de violência na intimidade dos jovens

As consequências físicas e psicológicas da violência íntima são, geralmente, mais graves para as mulheres do que para os homens (Kaura & Allen, 2004).

As evidências empíricas têm vindo a demonstrar que os homens, normalmente, infligem maior número e variedade de danos físicos com as suas agressões do que as mulheres, dado que, o dano causado nas mulheres é cerca de três vezes mais severo que o dano causado aos homens (Callahan, Tolman & Saunders, 2003).

Desta forma, os rapazes subscrevem mais a crença de que a violência poderá ser justificável em função dos comportamentos das mulheres, consideram mais importante preservar a privacidade familiar e acreditam que a violência poderá ser atribuída a causas externas e fora do controlo do agressor, como por exemplo, o álcool, a pobreza, entre outros, minimizando mais a “pequena violência” no contexto das relações íntimas (Machado, Matos & Moreira, 2003).

Outros estudos mostram que, ainda que ambos os parceiros possam ser vitimados no contexto de namoro, o abuso tem um maior impacto emocional sobre as mulheres (Katz, Kuffel & Coblenz, 2002). Alguns autores consideram que esta diferenciação se deve, ao significado que estas atribuem aos episódios abusivos, do tipo de relacionamento e da intimidação causada pela violência, ou seja, impede-as de reagirem assertivamente após a vitimação (Katz et al., 2002).

De um modo geral, a violência feminina tende a circunscrever-se àquilo que se poderá designar de atos “menores” de violência e que as mulheres, muitas vezes, recorrem à violência em contextos de retribuição ou autodefesa (Sousela, 2006).

Neste sentido, alguns autores referem (Wolfe, Wekerle, & Scott, 1996, cit. por Caridade & Machado, 2006) que os rapazes tendem a perceber-se como possuindo mais poder do que as suas companheiras, agindo em conformidade com os modelos dominantes na cultura. Demonstram, assim, uma postura de poder, competitividade e controlo, esperando encontrar nas suas relações a perpetuação dos papéis de género tradicionais nos quais foram educados.

No estudo de Dobash e Dobash (2004), tanto os homens como as mulheres concordam que a violência exercida pelo sexo masculino é mais severa do que a exercida pelas mulheres, considerada como não severa ou leve.

Refere que as mulheres têm significativamente mais medo durante as discussões violentas, ao contrário dos homens (Hamberger & Guse, 2002). Num estudo de Tjaden e Thoennes (2000), as mulheres vítimas relataram ter sofrido mais ameaças de vida e sentido mais receio relativamente à sua integridade física do que os homens.

A investigação tem vindo assim a demonstrar que a violência contra as mulheres tem consequências significativas para a saúde física e mental, sendo a mais severa o homicídio ou o suicídio feminino (Sharps & Campbell, 1999, cit. por Caridade & Machado, 2006). A desordem de stresse pós traumático, a baixa autoestima, as reações psicossomáticas e o decréscimo do rendimento profissional, são outras sequelas deste tipo de violência (Chase, Treboux & O’ Leary, 2002).

Uma grande parte das mulheres batidas revela sentir-se assustada, desamparada, sozinha e encurralada na situação. Apesar disso, quer os homens, quer as mulheres envolvidos em relações violentas exibem níveis de raiva (Johnson & Ferraro, 2000).

As reações dos homens face à violência perpetrada por mulheres, em termos de impacto emocional, são tipicamente diferentes, ou seja, os homens reportam não se preocuparem com as agressões do sexo oposto (Dobash & Dobash, 2004). Há também homens que revelam sentir-se zangados ou surpreendidos, mas poucos admitem sentir-se vitimizados.

Num estudo de Hamberger e Guse (2002), alguns homens admitiram divertir-se e troçar em resposta à violência física exercida pelas suas namoradas, parecendo não tomar a violência destas tão a sério como elas, o que sugere um maior controlo

situacional. A troça comunica a mensagem de que não só as suas parceiras não os conseguem magoar, como as suas tentativas agressivas são fúteis e infrutíferas. Ao contrário das mulheres, poucos homens reagem à violência como se esta tivesse afetado seriamente os seus sentimentos de bem-estar, a sua segurança ou a qualidade do seu dia-a-dia, considerando esse tipo de violência como inconsequente e sem seriedade.

Apesar de a violência física estar associada a consequências negativas de saúde também para alguns homens, são as mulheres que significativamente mais sofrem de distúrbios psicológicos relacionados com a depressão, a ansiedade e o abuso de substâncias (Anderson, 2002).

Matos et al. (2006) consideram que a violência na intimidade pode desencadear nas vítimas uma grande diversidade de sentimentos, apresentando, na sua maioria, uma autoperceção desvalorizada, um ceticismo e um sentimento de impotência que as impede de se perceberem como seres com poder e direitos.

3. A escola como contexto privilegiado de prevenção

A prevenção da violência nos relacionamentos íntimos, numa vertente mais proactiva de combate à problemática, foi, durante muito tempo, relegada para um segundo plano no âmbito da intervenção e investigação sobre este tema. A relevância deste estudo resulta da constatação que a violência nas relações de namoro assume, também entre os jovens portugueses, valores inquietantes de vitimação, pois Portugal é ainda um país onde a falta de investigação epidemiológica sistémica tem estado relacionada com uma relativa negligência na área da educação para a saúde na escola, o que pode refletir uma dificuldade de aplicação de modelos biopsicossociais estruturalmente relevantes na promoção da saúde.

Nas últimas três décadas, as estratégias da prevenção dirigidas á violência nos relacionamentos íntimos (referenciada na literatura como *partner violence* ou *intimate partner violence*) veio adotar uma linha de intervenção sobretudo reativa, numa lógica de combate contra um problema inequivocamente grave (Atkinson, Indermaur, & Blagg, 1998; Hammond, Whitaker, Lutzker, Mercy, & Chin, 2006; Matos, 2002; Wolfe & Jaffe, 1999, cit. por Matos et al., 2006).

Este tipo de projeto alargou-se, sendo hoje possível encontrar diversos programas já desenvolvidos. Estes programas visam, essencialmente, consciencializar a população juvenil da gravidade e impacto da violência e diminuir a probabilidade de os jovens se tornarem, futuramente, ofensores ou vitimas (Matos et al., 2006).

Especificamente, os programas de prevenção de violência integram como objetivos principais a modificação de crenças e atitudes que subjaz a necessidade de adoção de um conjunto de ações técnicas no sentido de minimizar ou eliminar determinadas condições sociais, culturais e psicológicas, entre outras, que possam estar na origem do surgimento de problemas junto das populações (Matos et al., 2006).

No seguimento O'Brien (2001), citado por Matos et al., (2006), envolve a promoção de fatores protetores, como, (conhecimento acerca dos efeitos prejudiciais da violência nas relações íntimas, capacidade de resolução de conflitos para com o parceiro íntimo) e a redução de fatores de risco (atitudes que sustentam e legitimam a violência no namoro). Alguns dos programas dirigem-se ao público em geral (anúncios e campanhas públicas) e outros têm alvos mais específicos (comunidades escolares, comunidades desfavorecidas). A prevenção permite que os indivíduos se livrem a um percurso de vida negativo e também medita o desenvolvimento de competências e

conhecimentos que poderão levar à melhor aquisição de resultados dos indivíduos. (Kaplan et al., 2000, cit. por Andrade, 2008).

Estes programas têm evoluído de projetos com uma única componente (incrementar o conhecimento acerca da problemática) para programas com múltiplos componentes. Os programas multifacetados são desenvolvidos tendo por base a premissa de que se a componente educacional (aumentar ou contribuir para conhecimento novo) for associada a capacidades adquiridas (promover atitudes diferentes). Por intermédio dessas ações conjuntas, espera-se que os adolescentes possam demonstrar comportamentos relacionais não violentos e sejam capazes de proporcionar ajuda aos pares envolvidos em relações violentas (Jaffe et al., 1992, cit. por Andrade, 2008).

Para Gordon (1987, cit. por Andrade, 2008), a prevenção pode, ser concetualizada em função do tipo de população a que os esforços preventivos se dirigem, sendo estas de três tipos: a primeira, designada por prevenção universal, é dirigida à população em geral; a segunda, designada prevenção indicada, é dirigida a grupos específicos de indivíduos que apresentam um risco maior de vir a sofrer de determinado problema, em comparação, com a população em geral; para finalizar, a prevenção seletiva destina-se a grupos de alto risco.

De acordo com Bloom (1996), uma das principais questões relacionadas com a prevenção, é a prevenção primária, esta poderá ser definida como um conjunto de “ações coordenadas que procuram prevenir problemas previsíveis, proteger estados atuais de saúde e funcionamento saudável e promover potencialidades desejáveis nos indivíduos e grupos, nos seus contextos físico e sociocultural, ao longo do tempo”.

Da perspetiva da saúde pública, as estratégias de prevenção podem ser classificadas em 3 tipos (Dahlberg & Krug, 2007):

A Prevenção primária refere-se a abordagens que objetivam a prevenção da violência antes que ocorra, ou seja, trabalhar com indivíduos que ainda não estiveram em contato com realidades violentas ou experiências de vitimação, com o objetivo de os ajudar a garantir essa condição.

Em síntese, a prevenção primária deve ser proactiva, universal e deve lotar cada individuo dos instrumentos necessários para reagir a adoção de comportamentos prejudiciais (Fields & McNamara, 2003, cit. por Matos et al., 2006).

Com a prevenção secundária pretende-se, que as intervenções sejam destinadas ao tratamento o mais precoce possível. Uma vez identificado o problema, é necessário trabalhar concretamente com indivíduos que apresentam o risco de se tornarem vítima ou agressores na intimidade.

Para finalizar, a prevenção terciária pretende que não haja recaídas no trabalho que é feito em indivíduos que já foram alvo de violência no namoro e que procuram ajuda, de forma a minimizar o impacto negativo dessa experiência com o objetivo de evitar uma nova vitimação (Wolf & Jaffe, 1999, Saavedra, 2007, Negreiros, 1998, Manita, 2005, cit. por Matos et al., 2006).

Contudo, a integração das componentes atrás referidas nos programas preventivos não é, por si só, garantia de que se promovam mudanças efetivas ao nível dos comportamentos e atitudes (O'Brien, 2001).

Negreiros (1998), citado por Andrade (2008) contradiz este conceito e concebe a prevenção primária, como uma intervenção que se realiza num período de pré patogénese, a prevenção secundária, como uma intervenção que se realiza no início do período de patogénese, adquirindo um diagnóstico precoce e tratamento adequado, por último, a prevenção terciária, que se realiza quando a patogénese se encontra perfeitamente instalada.

Atualmente devido à necessidade de utilizar abordagens multifatoriais, os programas de prevenção envolvem a combinação de um conjunto de estratégias, contendo várias sessões didáticas, diversas atividades escolares, envolvimento dos pais, professores e comunidade.

De acordo com vários autores as estratégias de prevenção estão em quatro tipologias: a primeira tipologia diz respeito aos programas educacionais para os estudantes, realizados através de sessões didáticas na sala de aula e em que se com a finalidade mútua de envolver os professores. A segunda tipologia envolve as atividades que envolvem os pais e pares, destinadas a reforçar as mensagens adquiridas na sala de aula. A terceira tipologia focaliza as atividades destinadas a promover as mudanças culturais na escola e em casa. Para finalizar, a quarta tipologia destina-se às ações focalizadas no sistema macrossocial, procurando intervir nas oportunidades económicas, da acessibilidade a armas de fogo e da exposição à violência nos meios de comunicação.

Durlak (1995, cit. Vidal, 2008) define este conceito como um conjunto de estratégias que procuram prevenir o desenvolvimento de problemas, em populações normais, através da introdução de mudanças no meio e/ou nos indivíduos.

Existe um número muito reduzido de estudos sobre os tipos de programas de prevenção relativo ao impacto dos programas preventivos da violência nas relações amorosas. (Lanier, 2001, cit. por Matos et al. 2006).

Um estudo sobre as perceções dos adolescentes relativamente à violência no namoro evidenciou também que os adolescentes continuavam a atribuir parte da

responsabilidade pela violência às vítimas (provocação, personalidade) (Lavoie, Robitaille & Research Hébert, 2000, cit. por Caridade & Machado, 2006). Este estudo denuncia a presença de alguns mitos em torno da violência no namoro.

Num outro estudo realizado por Jones (1998) e Hickman et al. (2004), citados por Matos et al. (2006), resultou de um programa de prevenção da violência em que se procurou não só sensibilizar para este tipo de abuso, mas também fomentar alterações atitudinais face à violência no contexto de namoro. Após a realização do pós-teste, com o objetivo de avaliar os conhecimentos, observar o aumento da média da pontuação total relativa ao conhecimento, embora o mesmo não tenha sucedido quanto às atitudes.

II – Parte - Investigação Empírica

1. Metodologia

A segunda parte deste trabalho diz respeito à investigação empírica a qual se inicia com as considerações metodológicas. Neste capítulo, procuramos definir estratégias para estudarmos a problemática da violência no namoro em adolescentes numa população estudantil numa escola secundária do distrito de Viseu. Neste sentido, com base no enquadramento teórico elaborado, definimos os procedimentos metodológicos que procurarão dar resposta às questões e objetivos que formulámos. Assim, iremos descrever e explicar o tipo de investigação, as variáveis em estudo, a amostragem realizada, os instrumentos de recolha de dados utilizados, bem como os procedimentos efetuados e o respetivo tratamento estatístico que nos irão permitir tirar conclusões sobre a problemática em estudo.

1.1. Métodos

A violência no namoro, normalmente referenciada na literatura internacional como “dating violence” ou “courtship violence”, foi sendo, progressivamente, considerado um problema social relevante (Callahan, Tolman & Saunders, 2003), porém este fenómeno ainda permanece pouco visível nos discursos sociais e educativos, quando comparada com a violência marital (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006). São vários os fatores que contribuíram para este facto, tais como as dificuldades associadas à definição de violência e à sua operacionalização, a dificuldade de acesso à população em causa (juvenil) ou a inexistência de um estatuto legal, autónomo deste tipo de violência (Hickman, Jaycox & Aronoff, 2004).

A adolescência é considerada uma fase do desenvolvimento do indivíduo que tem início na puberdade e termina com a entrada na idade adulta (Papalia, Olds & Felman, 2001). Segundo Papalia et al. (2001, p. 573), “os adolescentes estão no limiar do amor. Precisam de abraçar valores e estabelecer compromissos”. Sendo o período em que se iniciam as relações amorosas, é também na adolescência que surgem os primeiros padrões de violência na intimidade (Caridade & Machado, 2006) e que no namoro se revelam mútuos (Paiva & Figueiredo, 2004; Matos et al., 2006).

O desenvolvimento do processo de investigação orientar-se-á no sentido de responder à questão de investigação principal:

- Que fatores influenciam a violência no namoro nos estudantes que frequentam o ensino secundário?

Com base na questão de investigação principal, acima referenciada, elaborámos as seguintes questões:

- Qual a prevalência da violência no namoro nos estudantes que frequentam o ensino secundário?

- Que variáveis sociodemográficas se relacionam com a violência do namoro?

- Qual a influência de variáveis contextuais ao namoro (duração do namoro e tipo de relacionamento) na violência do namoro?

No sentido de procurar responder às mesmas, delineamos os seguintes objectivos de investigação:

- Identificar os fatores que influenciam a violência no namoro nos estudantes que frequentam o ensino secundário;

- Determinar a prevalência da violência no namoro nos estudantes que frequentam o ensino secundário;

- Identificar as variáveis sociodemográficas que se relacionam com a violência do namoro;

Optámos pelo tipo de investigação que tem as características dos estudos quantitativos e não experimentais com corte transversal, descritivos e correlacionais, no qual se procura estudar o modo como as variáveis sociodemográficas e contextuais se refletem na violência no namoro em adolescentes.

Utilizámos a metodologia quantitativa por se fundamentar no método hipotético dedutivo e pelo qual os dados colhidos fornecem realidades objetivas no que respeita às variáveis em estudo, susceptíveis de serem conhecidas (Sampieri, Collado & Lucio, 2006). A análise quantitativa garante-nos a precisão dos resultados, evitando distorções de análise e de interpretação (Fortin, 2009).

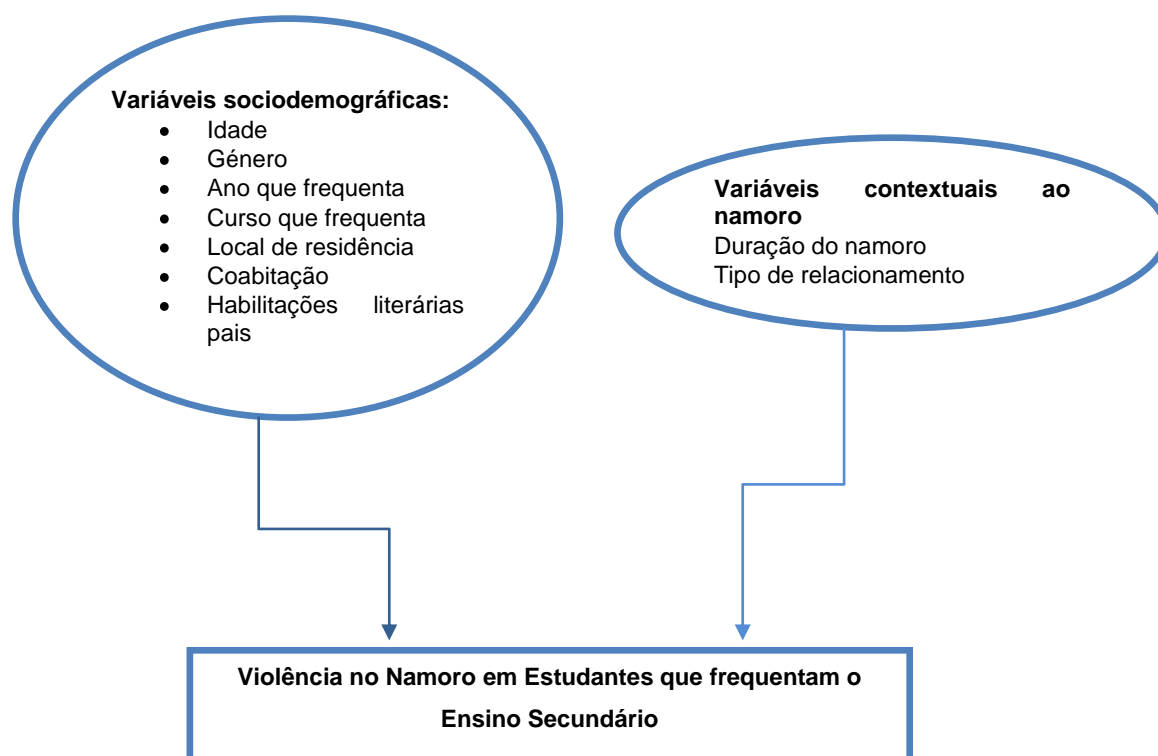
Trata-se de estudo transversal, pois “caracteriza-se pelo facto de a causa e o efeito estarem a ocorrer simultaneamente, embora a causa possa existir só no momento atual, ou existir desde algum tempo no passado, ou, por fim ser uma característica do indivíduo” (Sampieri et al., 2006, p.129)

Possui as características de um estudo descritivo e correlacional, pois se por um lado recolhe informação de maneira independente ou conjunta sobre conceitos ou variáveis que se analisem especificando as suas propriedades e características oferecendo ainda a possibilidade de fazer predições, por outro, tem como propósito avaliar a relação que existe entre dois ou mais conceitos categorias ou variáveis (Sampieri et al., 2006).

O estudo insere-se no tipo de investigação não experimental, uma vez que a manipulação de variáveis não é considerada na presente investigação (Sampieri et al., 2006).

Nesta perspetiva e tendo em conta as considerações metodológicas adotadas para este estudo, procurámos através de uma representação esquemática dar a conhecer o tipo de relação que se pretende estabelecer entre as variáveis.

Figura 1 – Representação esquemática da relação prevista entre as variáveis estudadas na investigação empírica.



1.2. Participantes

Para o nosso estudo recorreremos a uma amostra não probabilística por conveniência que teve por base os adolescentes que frequentavam, no ano letivo de 2012/2013, os 10º, 11º e 12º anos de escolaridade, num total de 243 estudantes da escola Secundária Frei Rosa Viterbo em Sátão.

1.2.1. Caracterização Sociodemográfica da amostra

Idade e Género

As estatísticas da idade revelam que os estudantes apresentam uma idade mínima de 15 anos e uma máxima de 21 anos, ao que corresponde uma idade média de 16.29 anos, com um desvio padrão de 1.02 anos.

Para o sexo masculino, que representa 44.0% da totalidade da amostra, a idade mínima é de 15 anos e a idade máxima é de 19 anos, enquanto para o feminino com uma representatividade de 56.0%, é de 15 anos, sendo a máxima de 21 anos.

As raparigas são em média mais velhas ($M = 16.37$ anos com um desvio padrão 1.094) que os rapazes ($M = 16.19$ anos, com um desvio padrão de 0.933) mas as diferenças entre os dois grupos não são estatisticamente significativas conforme resultado do teste t para amostras independentes ($t = 1.363$; $p = 0.075$). O teste de *Kolmogorov-Smirnov* (K/S) não apresenta uma distribuição normal, revelando os valores de assimetria e curtose, curvas leptocúrticas e enviesadas à esquerda para os dois géneros e para a totalidade da amostra. Já os coeficientes de variação indicam uma dispersão baixa face às idades médias encontradas (cf. tabela 1).

Tabela 1 – Dados estatísticos relativos à idade em função do género

Idade	N	Min	Max	Media	D.P.	CV (%)	Sk/erro	K/erro	K/S
Sexo									
Idade feminina	136	15	21	16.37	1.094	6.68	3.72	3.30	0.000
Idade masculina	107	15	19	16.19	0.933	5.76	1.69	-0.76	0.000
Idade global	243	15	21	16.29	1.028	6.31	4.40	3.25	0.000

Embora seja pequena a amplitude de variação da idade, uma vez que se situa nos 6 anos, procedeu-se, mesmo assim, ao seu agrupamento em classes homogéneas com base nas frequências absolutas. Dos resultados que se apresentam na tabela 2 verifica-se que dos 243 estudantes que participaram no estudo, 25.1% têm idade igual a 15 anos, 34.2% idade igual a 16 anos e 40.7% de adolescentes que apresentam uma idade igual ou superior a 17 anos. Para as raparigas, é no grupo etário dos 17 anos que encontramos valores percentuais mais elevados com 44.1% enquanto nos rapazes é no grupo etário dos 16 anos com 37.4%.

Ao invés, é no grupo dos estudantes com idade igual ou inferior a 15 anos que encontramos os percentuais mais baixos com 24,3% para as raparigas e 26.2% para os rapazes (cf. Tabela 2).

Ano de Curso

O curso de “Ciências e tecnologias” é o que representa mais de metade da amostra (59.3%) sendo 55.6% raparigas e 62.6% rapazes. Com 21.0% segue-se o curso de “Línguas e Humanidades” sendo a percentagem mais elevada nas raparigas (28.7%). Apurou-se que 8.6% dos alunos frequentam o curso Profissional Técnico de Restauração; 6.2% o curso Profissional Técnico de mobiliário. 4.9% frequentam o curso Técnico de Gestão de Sistemas Informáticos (cf. tabela 2).

Ano de escolaridade

Relativamente ao ano escolar que frequentam a percentagem maior centra-se no 10º ano (48.6%) tendo os rapazes maior percentagem com (48.6%) que as raparigas (37.5%). No 11º ano a percentagem é de (35.4%) sendo também os rapazes os que mais contribuem para este valor com (37.4%). Verificou-se que 22.2% dos alunos frequentam o 12º sobressaindo as raparigas (28.7%) (cf. tabela 2).

Nacionalidade

Fazemos também na tabela 2 referência à nacionalidade dos inquiridos e verificamos que a quase totalidade da amostra é de nacionalidade Portuguesa (95.9%) resultando para este valor (96.3%) masculino e (95.6%) feminino. O restante percentual reparte-se pelos de nacionalidade Suíça 3.3% e 0.8% pela nacionalidade Francesa (cf. tabela 2).

Local de residência

A maioria dos adolescentes vive em zona rural (71.2%), sendo que apenas (28.8%) a viver em zona urbana (cf. tabela 2).

Religião

Verificou-se que a grande maioria dos inquiridos é católica (93.0%) contribuindo para este valor (97.8%) do sexo feminino e (86.9%) do sexo masculino. Apenas (7.0%) têm outra religião (cf. tabela 2).

Coabitação

Fazemos também referência na tabela 2 à coabitação, tendo-se verificado que mais de metade dos adolescentes vive com os pais (56.0%) contribuindo para estas percentagens 93.4% de estudantes do género feminino e 89.7% do género masculino. Mais de metade da amostra vive com irmãos (65.4%), sendo 93.4% raparigas. Apenas 0.8% dos estudantes vive com o pai, 7.0% vivem só com a mãe (cf. tabela 2).

Habilitações literárias dos pais

Quanto à situação académica dos pais verificamos que na sua maioria possuem habilitações literárias situadas até ao primeiro ciclo representando globalmente para o pai (73.3%) e para a mãe (65.4%). Ao nível secundário verificamos apenas para o pai (19.6%) e para a mãe (21.7%). Apenas uma percentagem mínima tem habilitações literárias situadas no ensino superior sendo 7.1% para o pai e 12.9% para a mãe (cf. tabela 2).

Tabela 2 - Caracterização sociodemográfica da amostra em função do género

Variáveis	Feminino		Masculino		Total		Residuais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	1	2
	136	56.0	107	44.0	243	100.0		
Grupo etário								
15 anos	33	24.3	28	26.2	61	25.1	-.3	.3
16 anos	43	31.6	40	37.4	83	34.2	-.9	.9
≥17 anos	60	44.1	39	36.4	99	40.7	1.2	-1.2
Curso								
Ciências e tecnologias	77	55.6	67	62.6	144	59.3	-.9	.9
C. Prof. Técnico de des. de mobiliário	5	3.7	10	9.3	15	6.2	-1.8	1.8
C. Prof. Técnico de restauração	13	9.6	8	7.5	21	8.6	.6	-.6
Línguas e humanidades	39	28.7	12	11.2	51	21.0	3.3	-3.3
Técnico de gestão de sistema inform.	2	1.5	10	9.3	12	4.9	-2.8	2.8
Ano escolar.								
10º ano	51	37.5	52	48.6	103	42.4	-1.7	1.7
11º ano	46	33.8	40	37.4	86	35.4	-.6	.6
12º ano	39	28.7	15	14.0	54	22.2	2.7	-2.7
Nacionalidade								
Portuguesa	130	95.6	103	96.3	233	95.9	-.3	.3
Suíça	5	3.7	3	2.8	8	3.3	.4	-.4
Francesa	1	0.7	1	0.9	2	0.8	-.2	.2
Residência								
Rural	95	39.1	78	32.1	173	71.2	-.5	.5
Urbana	41	16.9	29	11.9	70	28.8	.5	-.5
Religião								
Católica	133	97.8	93	86.9	226	93.0	3.3	-3.3
Não católica	3	2.2	14	13.1	17	7.0	-3.3	3.3
Vive irmão								
Sim	99	72.8	60	56.1	159	65.4	1.0	-1.0
Não	37	27.2	47	43.9	84	34.6	-1.0	1.0
Vive pai								
Sim	1	0.7	1	0.9	2	0.8	-0.2	0.2
Não	135	99.3	106	99.1	241	99.2	0.2	-0.2
Vive mãe								
Sim	8	5.9	9	8.4	17	7.0	0.8	0.8
Não	128	94.1	98	91.6	226	93.0	0.8	-0.8
Vive pais								
Sim	127	93.4	96	89.7	223	91.6	1.0	-1.0
Não	9	6.6	11	10.3	20	8.4	1.0	1.0
Escolaridade pai								
Até 1º ciclo	97	40.4	79	32.9	176	73.3	-.6	.6
Secundário	29	12.1	18	7.5	47	19.6	.8	-.8
Superior	9	3.8	8	3.3	17	7.1	-.3	.3
Escolaridade mãe								
Até 1º ciclo	89	37.1	68	28.3	157	65.4	.0	.0
Secundário	29	12.1	23	9.6	52	21.7	-.1	.1
Superior	18	7.5	13	5.4	31	12.9	.2	-.2

Em síntese:

- A amostra em estudo é constituída por 243 adolescentes que apresentam uma idade mínima de 15 anos e uma máxima de 21 sendo a idade média de 16.29 anos com um desvio padrão de 1.02 anos.
- O grupo etário mais prevalente é o de idade superior a 17 anos. As raparigas surgem em maior percentagem (44.1%) do que os rapazes.

- Os adolescentes habitam sobretudo em zonas rurais com 71.2% e são na maioria com nacionalidade portuguesa (95.9%).
- Ciências e Tecnologias é o curso que representa mais de metade da amostra (59.3%); sendo 55.6% raparigas e 62.6% rapazes.
- Relativamente ao ano de escolaridade centra-se no 10º ano (48.6%).
- Mais de metade dos adolescentes vive com os pais (56.0%).
- Quanto à religião, a grande maioria dos inquiridos são católicos (93.0%).
- As habilitações literárias dos progenitores situam-se, na sua maioria, até ao 1º Ciclo do Ensino Básico.

1.3. Instrumentos

Para Sampieri et al. (2006), o método de recolha de dados a utilizar é determinado pela natureza do problema de investigação, pelas variáveis em estudo e pelas estratégias de análise estatística a realizar.

Por isso, com base nestes pressupostos decidimos efetuar a recolha de informação, tendo como suporte **questionários e escalas** elaborado e selecionado com base na pesquisa bibliográfica sobre a temática, que permite avaliar entre outros aspetos a violência no namoro em adolescentes do ensino secundário.

O questionário autoaplicado elaborado (apêndice A) apresenta um breve texto introdutório onde se escreve a sua finalidade, a garantia de anonimato, confidencialidade e apelo à participação terminando com um agradecimento à colaboração do respondente.

1.3.1. Questionários de Caracterização

O questionário tem em vista a caracterização sociodemográfica e contextual constituída por vinte e duas questões.

Esta secção do questionário permite a mensuração de algumas variáveis, tais como, género, idade, curso e ano que frequenta, nacionalidade, local de residência, religião, coabitação, habilitações literárias dos pais e questões relacionadas com a sexualidade.

Consideramos as variáveis sociodemográficas (cf. quadro 1) como variáveis independentes. Estas variáveis permitem a caracterização da amostra do estudo e avaliação da sua interferência na variável dependente.

Quadro 1. Operacionalização das variáveis sociodemográficas

Variáveis sociodemográficas		
Componentes	Atributos	Indicadores
Sociodemográficas	Gênero	Masculino Feminino
	Idade	Anos
	Ano que frequenta	10º 11º 12º
	Curso que frequenta	
	Local de residência	Aldeia Vila Cidade
	Coabitação	Pais Pai Mãe Irmão (s)
	Habilitações literárias dos pais	

De seguida as variáveis contextuais ao namoro (cf. quadro2), as quais servem para caracterizar a amostra e avaliar a sua influência na variável dependente.

Quadro 2. Operacionalização das variáveis contextuais

Variáveis contextuais ao namoro		
Componentes	Atributos	Indicadores
Contextuais	Existe alguma idade mais apropriada para iniciar as relações sexuais	Sim Não
	Já teve relações sexuais	Sim Não
	Pressionado a iniciar a atividade sexual	Sim Não
	Apaixonado pela pessoa	Sim Não
	A pessoa era	Mais nova Aproximad. Mesma idade Bastante mais velha
	Relações sexuais com alguém do mesmo sexo	Sim Não
	Presentemente	Namora Ou já namorou
	Idade começou a namorar	Anos
	Quantos namorados teve	Número
	Com quantos teve relações	Numero
	Fontes de informação	Pais Outros familiares Professores Médicos ou enfermeiros Namorado (a) Amigos (as) Jornais, revistas ou livros Rádio ou televisão
	Conhecimentos	Muito bons Bons Suficientes Insuficientes
	Consultas planeamento familiar	Sim Não

1.3.2 Inventários e escalas

A segunda parte do instrumento de recolha de dados é constituída pelo Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes. É uma adaptação do *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI), desenvolvido e validado em 2001 por uma equipa de investigadores coordenada por David Wolfe (Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, Wekerle, Grasley, & Straatman, 2001) e pela Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro, é uma adaptação da *Attitudes Toward Dating Violence Scale*, desenvolvida e validada em 1999, por Price, Byers e The Dating Violence Research Team.

Uma vez concedida autorização de utilização por parte do autor da escala (CADRI) (Anexo A) e partindo do facto dos instrumentos de recolha de dados utilizados na investigação se encontrarem traduzidos e validados para a população portuguesa, procedemos à descrição de cada um dos inventários/escala e à avaliação das propriedades psicométricas.

A análise da consistência interna refere-se ao grau de uniformidade e de coerência entre as respostas dos respondentes a cada um dos itens que compõem a prova, isto é, avalia o grau em que a variância geral dos resultados se associa ao somatório da variância item a item (Duarte, 2011). Deste modo, o estudo da homogeneidade dos itens seguiu as seguintes orientações:

- Determinação do valor de *Alpha de Cronbach*, que consiste num índice de estimativa (consistência interna) que utiliza todas as informações sobre a variância e covariância dos itens através da concentração de fatores comuns (Fontes, 2009). O valor do coeficiente varia entre 0.00 e 1.00, correspondendo o valor mais elevado a uma maior consistência interna (cf. quadro 3).

Quadro 3. Valores de Coeficiente de *Alpha de Cronbach*

<i>Alpha de Cronbach</i>	Consistência interna
1.00 – 0.90	Muito boa
1.00 – 0.90	Boa
1.00 – 0.90	Razoável
1.00 – 0.90	Fraca
1.00 – 0.90	Inadmissível

Fonte: Pestana e Gageiro (2008).

- Determinação do coeficiente de correlação de Pearson das diversas questões com a nota global.

- Determinação do coeficiente de bipartição ou método das metades (*split-half*). Este divide os itens de uma escala em dois grupos e examina a correlação dentro de

cada grupo e entre os dois grupos, ou seja, procura corroborar se uma das metades dos itens da escala é tão consistente a medir o constructo como a outra metade (Duarte, 2011).

Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes

Este questionário de autorrelato é constituído por 35 itens que permitem avaliar a utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas (ou não abusivas) e abusivas nos relacionamentos de namoro entre adolescentes, estabelecendo a distinção entre o comportamento do próprio e o comportamento do(a) parceiro(a).

É preenchido individualmente por adolescentes que namorem ou que tenham tido um relacionamento. Antes de começarem o questionário este deve ser explicado e esclarecido pois apesar das duas perguntas em cada item parecerem semelhantes, a primeira questão relaciona-se com o comportamento do próprio e a segunda com o comportamento do outro, ou seja do (a) namorado (a) ou ex-namorado (a) e que, por isso devem responder às duas. Não há limite de tempo para responder ao mesmo.

Relativamente à pontuação os itens são cotados de 0 a 3, de acordo com a sua frequência, em que o “nunca” é cotado como “0”, “raramente” como “1”, o “às vezes” é cotado como “2” e o “frequentemente” é cotado como “3”.

Estudo Psicométrico - Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes

Relativamente às características psicométricas do inventário acima referido a respeito da fiabilidade do instrumento (consistência interna), a Tabela 5 apresenta os valores estatísticos (médias e desvios padrão) e as correlações obtidas entre cada item e o valor global.

Os valores de *alfa de Cronbach* são classificados de muito bons, visto o Coeficiente *Alpha de Cronbach* global ser superior a 0.8 (0.954).

O item “*Eu apresentei os meus motivos*”, e o item “*Eu admiti que tinha alguma culpa*” deviam ser eliminados, dado que têm valores de R inferiores a 0.20 o que iria aumentar o valor de *Alpha global*.

Tabela 3 – Consistência interna do questionário Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes

	Média	Desvio Padrão	Ritem-total (s/item)	α sem item
1- Eu apresentei os meus motivos;	2.31	0.860	-0.051	0.956
2- Eu toquei-o (a, sexualmente, contra a vontade dele (a);	0.45	0.865	0.647	0.951
3- Eu tentei pôr os amigos dele (a) contra ele (a);	0.35	0.749	0.742	0.950
4- Eu fiz alguma coisa para lhe provocar ciúmes;	1.01	0.895	0.560	0.951
5- Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa do que ele (a) gostava;	0.42	0.817	0.725	0.950
6- Eu admiti que tinha alguma culpa;	1.62	0.901	0.184	0.954
7- Eu relembrei uma coisa má que ele (a) tinha feito no passado;	1.18	0.940	0.511	0.952
8- Eu atirei-lhe alguma coisa;	0.52	0.856	0.682	0.951
9- Eu disse coisas só para o (a) deixar furioso (a);	0.84	0.897	0.687	0.950
10- Eu dei razões para achar que ele (a) estava errado (a);	1.46	1.010	0.369	0.953
11- Eu concordei que ele (a) estava, em parte, certo (a);	1.73	0.806	0.201	0.954
12- Eu falei com ele (a) num tom de voz agressivo e mau;	0.91	0.861	0.710	0.950
13- Eu forcei-o (a) a ter relações sexuais comigo quando ele (a) não queria;	0.45	0.810	0.756	0.950
14- Eu apresentei uma solução que achei boa para os dois;	1.69	0.944	0.234	0.954
15- Eu ameacei-o (a), para tentar ter relações sexuais com ele (a);	0.48	0.847	0.764	0.950
16- Eu deixei de falar até ele (a) se acalmar;	1.25	0.953	0.486	0.952
17- Eu insultei-o (a) com coisas humilhantes;	0.51	0.790	0.743	0.950
18- Eu discuti o assunto calmamente;	1.71	1.019	0.261	0.954
19- Eu beijei-o (a) quando ele (a) não queria;	0.81	0.920	0.606	0.951
20- Eu contei coisas aos amigos dele (a) para os pôr contra ele (a);	0.48	0.831	0.773	0.950
21- Eu gozei-o (a) ou fiz pouco dele (a) em frente de outros;	0.52	0.847	0.783	0.950
22- Eu disse-lhe o quanto aborrecido (a) estava;	1.38	1.009	0.415	0.953
23- Eu controlo com quem ele (a) está e onde está;	0.77	0.888	0.695	0.950
24- Eu culpei-o (a) pelo problema;	0.92	0.929	0.692	0.950
25- Eu dei-lhe pontapés, bati-lhe ou dei-lhe murros;	0.50	0.827	0.795	0.950
26- Eu abandonei a sala para me acalmar;	0.77	0.892	0.741	0.950
27- Eu desisti só para evitar um conflito;	1.14	0.960	0.633	0.951
28- Eu acusei-o (a) de se meter com outras (os) raparigas/rapazes;	0.89	0.931	0.508	0.952
29- Eu tentei assusta-lo (a) de propósito;	0.65	0.864	0.683	0.950
30- Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo;	0.43	0.792	0.717	0.950
31- Eu ameacei magoá-lo (a);	0.45	0.850	0.771	0.950
32- Eu ameacei terminar o namoro;	0.71	0.898	0.699	0.950
33- Eu ameacei bater-lhe ou atirar-lhe com qualquer coisa;	0.44	0.814	0.759	0.950
34- Eu empurrei-o (a), dei-lhe encontrões ou abanei-o (a);	0.43	0.798	0.753	0.950
35- Eu espalhei boatos contra ele (a).	0.41	0.768	0.763	0.950

Coeficiente Split Half	Primeira metade = 0.878
	Segunda metade = 0.949
Coeficiente alpha Cronbach global	0.954

Com a análise da Tabela 4 podemos verificar que os valores médios oscilam entre 0.41 no item 2.1 “*Ele (a) tocou-me, sexualmente, contra a minha vontade;*” e no item 34.1 *Ele (a) empurrou-me, deu-me encontrões ou abanou-me;* e os 2,20 no item 1.1 “*Ele (a) apresentou os motivos dele (a);*”.

Os valores de *alfa de Cronbach* são classificados de muito bons pois o seu valor é superior a 0.8 (0.927).

Tabela 4 – Consistência interna Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes

	Média	Desvio Padrão	Ritem-total (s/item)	α sem item
1.1- Ele (a) apresentou os motivos dele (a);	2.20	0.863	-0.046	0.957
2.1- Ele (a) tocou-me, sexualmente, contra a minha vontade;	0.41	0.837	0.665	0.953
3.1- Ele (a) tentou pôr os meus amigos contra mim;	0.44	0.813	0.661	0.953
4.1- Ele (a) fez alguma coisa para me provocar ciúmes;	1.09	0.882	0.458	0.954
5.1- Ele (a) destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa de que eu gostava;	0.51	0.857	0.679	0.953
6.1- Ele (a) admitiu que tinha alguma culpa;	1.53	0.876	0.287	0.955
7.1- Ele (a) relembrou uma coisa má que eu tinha feito no passado;	1.05	0.908	0.511	0.954
8.1- Ele (a) atirou-me alguma coisa;	0.53	0.841	0.672	0.953
9.1- Ele (a) disse coisas só para me deixar furiosa (o);	0.88	0.905	0.622	0.953
10.1- Ele (a) deu razões para achar que eu estava errada (o);	1.31	0.951	0.413	0.955
11.1- Ele (a) concordou que eu estava, em parte, certa (o);	1.74	0.796	0.230	0.955
12.1- Ele (a) falou comigo num tom de voz agressivo e mau;	0.84	0.844	0.740	0.952
13.1- Ele (a) forçou-me a ter relações sexuais com ele (a) quando eu não queria;	0.48	0.815	0.723	0.952
14.1- Ele (a) apresentou uma solução que achou boa para os dois;	1.62	0.940	0.285	0.955
15.1- Ele (a) ameaçou-me, para tentar ter relações sexuais comigo;	0.47	0.836	0.755	0.952
16.1- Ele (a) deixou de me falar até eu me acalmar;	1.13	0.905	0.480	0.954
17.1- Ele (a) insultou-me com coisas humilhantes;	0.58	0.848	0.788	0.952
18.1- Ele (a) discutiu o assunto calmamente;	1.67	1.000	0.310	0.955
19.1- Ele (a) beijou-me quando eu não queria;	0.79	0.911	0.645	0.953
20.1- Ele (a) contou coisas aos meus amigos para os pôr contra mim;	0.54	0.856	0.766	0.952
21.1- Ele (a) gozou-me ou fez pouco de mim em frente de outros;	0.57	0.859	0.781	0.952
22.1- Ele (a) disse-me o quanto aborrecido (a) estava;	1.30	1.010	0.453	0.954
23.1- Ele (a) controla com quem eu estou e onde estou;	0.82	0.922	0.671	0.953
24.1- Ele (a) culpou-me pelo problema;	0.87	0.897	0.694	0.952
25.1- Ele (a) deu-me pontapés, bateu-me ou deu-me murros;	0.45	0.809	0.799	0.952
26.1- Ele (a) abandonou a sala para se acalmar;	0.72	0.912	0.737	0.952
27.1- Ele (a) desistiu só para evitar um conflito;	1.04	0.957	0.622	0.953
28.1- Ele (a) acusou-me de me meter com outros (as) rapazes/raparigas;	0.85	0.888	0.585	0.953
29.1- Ele (a) tentou assustar-me de propósito;	0.62	0.893	0.714	0.952
30.1- Ele (a) deu-me uma bofetada ou puxou-me o cabelo;	0.45	0.840	0.771	0.952
31.1- Ele (a) ameaçou magoar-me;	0.45	0.824	0.738	0.952
32.1- Ele (a) ameaçou terminar o namoro;	0.67	0.913	0.719	0.952
33.1- Ele (a) ameaçou bater-me ou atirar-me com qualquer coisa;	0.42	0.767	0.782	0.952
34.1- Ele (a) empurrou-me, deu-me encontrões ou abanou-me;	0.41	0.784	0.749	0.952
35.1- Ele (a) espalhou boatos contra mim.	0.48	0.876	0.706	0.952

Coefficiente Split Half	Primeira metade = 0.880
	Segunda metade = 0.951
Coefficiente alpha Cronbach global	0.927

Alguns itens de violência física e violência sexual foram somados numa categoria designada por violência severa para dar seguimento à análise que foi realizada pelos autores da escala. Assim sendo, os itens que englobam a violência física: “*Eu atirei-lhe alguma coisa*”; “*Eu dei-lhe pontapés, bati-lhe ou dei-lhe murros*”; “*Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo*”; “*Eu empurrei-o(a), dei-lhe encontrões ou abanei-o*”. Os de violência sexual: “*Eu toquei-o(a), sexualmente, contra a vontade dele(a)*”; “*Eu forcei-o(a) a ter relações sexuais comigo quando ele(a) não queria*”; “*Eu ameacei-o(a) para tentar ter relações sexuais com ele(a)*”; “*Eu beijei-o(a) quando ele(a) não queria*”.

Também alguns itens relativos aos comportamentos de ameaça “*Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ele(a) gostava*”; “*Eu tentei assustá-lo(a) de propósito*”; “*Eu ameacei magoá-lo(a)*” e “*Eu ameacei terminar o namoro*” foram somados numa categoria designada por comportamento ameaçador.

Da análise da Tabela 5, relativa à “Escala de comportamentos do próprio” que integram a subescala “Estratégias de resolução de conflitos abusivas”, pode inferir-se que os valores médios variam entre 0.35 e 1.17 e a consistência interna, obtida através do valor de *Alfa de Cronbach* é de 0.809.

Tabela 5 - Itens da “Escala de comportamentos do próprio” que integram a subescala “Estratégias de resolução de conflitos abusivas”

	Média	Desvio Padrão	Ritem-total (s/item)	α sem item	H ²
3- Eu tentei pôr os amigos dele (a) contra ele (a);	0.35	0.747	0.721	0.920	0.657
4- Eu fiz alguma coisa para lhe provocar ciúmes;	1.01	0.895	0.548	0.926	0.414
7- Eu lembrei uma coisa má que ele (a) tinha feito no passado;	1.17	0.941	0.518	0.927	0.439
9- Eu disse coisas só para o (a) deixar furioso (a);	0.84	0.897	0.692	0.920	0.554
12- Eu falei com ele (a) num tom de voz agressivo e mau;	0.91	0.862	0.714	0.919	0.603
17- Eu insultei-o (a) com coisas humilhantes;	0.51	0.789	0.745	0.919	0.747
20- Eu contei coisas aos amigos dele (a) para os pôr contra ele (a);	0.47	0.830	0.745	0.918	0.806
21- Eu gozei-o (a) ou fiz pouco dele (a) em frente de outros;	0.52	0.846	0.762	0.918	0.800
23- Eu controlo com quem ele (a) está e onde está;	0.76	0.888	0.700	0.920	0.574
24- Eu culpei-o (a) pelo problema;	0.92	0.928	0.713	0.919	0.551
28- Eu acusei-o (a) de se meter com outras (os) raparigas/rapazes;	0.89	0.930	0.539	0.926	0.476
32- Eu ameacei terminar o namoro;	0.71	0.898	0.699	0.920	0.563
35- Eu espalhei boatos contra ele (a).	0.41	0.767	0.734	0.919	0.679

Coefficiente Split Half	Primeira metade = 0.865
	Segunda metade = 0.864
Coefficiente alpha Cronbach global	0.809

Os resultados da Tabela 6, relativos à “Escala de comportamentos do próprio” que integram a subescala “Estratégias de resolução de conflitos não abusivas/positivas”, demonstram que os valores médios variam entre 0.77 e 2.31 e o valor *Alpha de Cronbach* é de 0.925.

Tabela 6 - Itens da escala de comportamentos do próprio que integram a subescala “Estratégias de resolução de conflitos não abusivas/positivas”

	Média	Desvio Padrão	Ritem-total (s/item)	α sem item	H ²
1- Eu apresentei os meus motivos;	2.31	0.859	0.290	0.812	0.213
6- Eu admiti que tinha alguma culpa;	1.62	0.900	0.426	0.798	0.272
10- Eu dei razões para achar que ele (a) estava errado (a);	1.46	1.009	0.406	0.802	0.214
11- Eu concordei que ele (a) estava, em parte, certo (a);	1.73	0.804	0.554	0.786	0.385
14- Eu apresentei uma solução que achei boa para os dois;	1.69	0.943	0.599	0.779	0.423
16- Eu deixei de falar até ele (a) se acalmar;	1.25	0.951	0.568	0.783	0.384
18- Eu discuti o assunto calmamente;	1.71	1.020	0.600	0.778	0.431
22- Eu disse-lhe o quanto aborrecido (a) estava;	1.38	1.007	0.558	0.783	0.345
26- Eu abandonei a sala para me acalmar;	0.77	0.891	0.359	0.805	0.363
27- Eu desisti só para evitar um conflito;	1.13	0.958	0.503	0.790	0.407

Coefficiente Split Half	Primeira metade = 0.687
	Segunda metade = 0.757
Coefficiente alpha Cronbach global	0.925

As duas escalas referidas anteriormente mantêm todos os itens do instrumento original.

A análise dos resultados expostos na Tabela 7, que se referem à “Escala de comportamentos do outro” que integram a subescala “Estratégias de resolução de conflitos abusivas”, demonstram que os valores médios variam entre 0.44 e 1.08 e a consistência interna, obtida através do valor de *Alfa de Cronbach* é de 0.818.

Tabela 7 - Itens da “Escala de comportamentos do outro” que integram a subescala “Estratégias de resolução de conflitos abusivas”

	Média	Desvio Padrão	Ritem-total (s/item)	α sem item	H ²
3.1- Ele (a) tentou pôr os meus amigos contra mim;	0.44	0.815	0.680	0.919	0.568
4.1- Ele (a) fez alguma coisa para me provocar ciúmes;	1.08	0.881	0.472	0.927	0.342
7.1- Ele (a) lembrou uma coisa má que eu tinha feito no passado;	1.05	0.910	0.539	0.925	0.470
9.1- Ele (a) disse coisas só para me deixar furiosa (o);	0.89	0.914	0.643	0.921	0.550
12.1- Ele (a) falou comigo num tom de voz agressivo e mau;	0.84	0.843	0.757	0.917	0.615
17.1- Ele (a) insultou-me com coisas humilhantes;	0.58	0.849	0.774	0.916	0.784
20.1- Ele (a) contou coisas aos meus amigos para os pôr contra mim;	0.54	0.857	0.739	0.917	0.780
21.1- Ele (a) gozou-me ou fez pouco de mim em frente de outros;	0.57	0.860	0.776	0.916	0.767
23.1- Ele (a) controla com quem eu estou e onde estou;	0.82	0.921	0.641	0.921	0.537
24.1- Ele (a) culpou-me pelo problema;	0.86	0.898	0.705	0.918	0.605
28.1- Ele (a) acusou-me de me meter com outros (as) rapazes/raparigas;	0.85	0.889	0.629	0.921	0.523
32.1- Ele (a) ameaçou terminar o namoro;	0.67	0.913	0.717	0.918	0.560
35.1- Ele (a) espalhou boatos contra mim.	0.48	0.877	0.673	0.920	0.595

Coefficiente Split Half	Primeira metade = 0.865
	Segunda metade = 0.874
Coefficiente alpha Cronbach global	0.818

Após a análise dos resultados expostos na Tabela 8, referente à “Escala de comportamentos do outro” que integram a subescala “Estratégias de resolução de conflitos não abusivas/positivas”, pode dizer-se que os valores médios variam entre 0.73 e 2.20.

Tabela 8 - Itens da “Escala de comportamentos do outro” que integram a subescala “Estratégias de resolução de conflitos não abusivas/positivas”

	Média	Desvio Padrão	Ritem-total (s/item)	α sem item	H ²
1.1- Ele (a) apresentou os motivos dele (a);	2.20	0.860	0.267	0.824	0.240
6.1- Ele (a) admitiu que tinha alguma culpa;	1.53	0.877	0.480	0.804	0.285
10.1- Ele (a) deu razões para achar que eu estava errada (o);	1.31	0.947	0.402	0.813	0.173
11.1- Ele (a) concordou que eu estava, em parte, certa (o);	1.74	0.792	0.578	0.796	0.389
14.1- Ele (a) apresentou uma solução que achou boa para os dois;	1.63	0.939	0.538	0.798	0.349
16.1- Ele (a) deixou de me falar até eu me acalmar;	1.14	0.911	0.551	0.797	0.384
18.1- Ele (a) discutiu o assunto calmamente;	1.67	0.998	0.635	0.786	0.464
22.1- Ele (a) disse-me o quanto aborrecido (a) estava;	1.31	1.011	0.596	0.791	0.375
26.1- Ele (a) abandonou a sala para se acalmar;	0.73	0.915	0.407	0.812	0.377
27.1- Ele (a) desistiu só para evitar um conflito;	1.06	0.964	0.549	0.797	0.455

Coefficiente Split Half	Primeira metade = 0.682
	Segunda metade = 0.783

Uma contribuição para o estudo da validade da escala é a determinação da matriz de correlação entre os diversos fatores e o valor global da escala. Vaz Serra (1994) refere que as correlações não devem ser demasiado elevadas pois este facto indica-nos que os itens são redundantes, sendo preferível existir uma correlação moderada entre si, facto que nos revela uma sensibilidade a aspetos diferentes do mesmo constructo.

De acordo com os resultados obtidos e que se apresentam na Tabela 9, podemos verificar que as correlações entre os quatro fatores com a valor global da escala, oscilando entre 0,486 (estra. Não abusivas próprio vs. estra. Conflito próprio) e 0,940 (estra. Conflito próprio vs. estra. Conflito outro) sendo significativos. Entre os fatores em questão bem como com o valor global da escala existe uma correlação positiva, o que significa que o aumento numa das dimensões da escala se encontra associado a aumentos nas restantes.

Tabela 9 - Matriz de correlação de Pearson

	Estra. Conflito próprio	Estra. N abusivas próprio	Estra. Conflito outro	Estra. N abusivas outro
Estra. Conflito próprio	--	0.486**	0.940**	0.546**
Estra. N abusivas próprio	0.486**	--	0.496**	0.925**
Estra. Conflito outro	0.940**	0.496**	--	0.526**
Estra. N abusivas outro	0.526**	0.925**	0.526**	--

Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro

É um instrumento de auto-relato, com um total de 76 itens, organizados em três subescalas de atitudes face à violência masculina no namoro e três subescalas de atitudes face à violência feminina no namoro, medindo as atitudes dos sujeitos relativamente à violência psicológica, física e sexual nestas relações.

Esta escala deve ser aplicada em conjunto com a anterior. Embora haja perguntas semelhantes, são abordagens diferentes para comportamentos de rapazes ou raparigas.

Quase todos os itens são cotados de 1 a 5 em que (1= discordo totalmente; 2=discordo; 3=não concordo nem discordo; 4=concordo e 5=concordo totalmente) os que estão assinalados com um asterisco são cotados de forma invertida (5= discordo totalmente; 4=discordo; 3=não concordo nem discordo; 2=concordo e 1=concordo totalmente).

Estudo Psicométrico - Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro

No que concerne às características psicométricas da escala acima referida, a respeito da fiabilidade do instrumento (consistência interna), o quadro 11 mostra-nos valores estatísticos (médias e desvios padrão) e as correlações obtidas entre cada item e o valor global.

No que concerne à subescala (1) Atitudes acerca da violência psicológica perpetrada pelos rapazes nas relações de namoro (VPM), verificamos que os valores médios oscilam entre 257 e 191 e a consistência interna, obtida através do valor de Alfa de Cronbach é de 0.871.

Esta subescala mantém os 15 itens da versão original. A tabela 10 resume os itens que a integram.

Tabela 10 – Consistência interna (1) Atitudes acerca da violência psicológica perpetrada pelos rapazes nas relações de namoro (VPM)

Parte A

	Média	Desvio Padrão	Ritem-total (s/ítem)	α sem ítem	H ²
1 *- Um rapaz não deve insultar a namorada;	2.09	1.218	0.415	0.843	0.371
2 *- Um rapaz não deve dizer à namorada o que fazer;	2.18	1.239	0.339	0.847	0.297
3- Uma rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos;	2.34	1.318	0.619	0.831	0.568
4- Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os namorados;	2.07	1.202	0.460	0.841	0.506
5 *- Não existe nenhuma razão para um rapaz ameaçar a namorada;	1.91	1.245	0.355	0.846	0.467
6- Por vezes, os rapazes não conseguem evitar insultar as namoradas;	2.03	1.223	0.411	0.844	0.276
7- Uma rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado;	2.35	1.202	0.678	0.828	0.688
8- Uma rapariga deve fazer sempre o que o namorado lhe diz para fazer;	2.17	1.218	0.683	0.828	0.716
9 *- Um rapaz não precisa de saber tudo o que a namorada faz;	2.48	1.224	0.176	0.855	0.274
10 *- Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a namorada;	1.98	1.214	0.296	0.850	0.390
11- É normal um rapaz gritar com a namorada quando está furioso;	2.09	1.294	0.572	0.835	0.534
12- Um rapaz pode dizer mal da namorada;	2.57	1.138	0.658	0.829	0.652
13 *- Não existe nenhuma razão para um rapaz gritar e berrar com a namorada;	2.09	1.290	0.151	0.859	0.341
14- Uma rapariga não deve estar com os amigos se isso aborrecer o namorado;	2.22	1.285	0.718	0.827	0.756
15- É importante que uma rapariga se vista sempre de forma que o namorado quer;	2.57	1.138	0.718	0.826	0.748

* Itens codificados de forma invertida (5=discordo totalmente; 4= discordo; 3= não concordo nem discordo; 2=concordo; 1=concordo totalmente)

Coefficiente Split Half	Primeira metade = 0.771
	Segunda metade = 0.707
Coefficiente alpha Cronbach global	0.871

Na subescala (2) Atitudes acerca da violência física perpetrada pelos rapazes nas relações de namoro (VFM) o valor de *Alfa de Cronbach* é de 0.887 e os valores médios da subescala variam entre 1.86 e 2.48. Esta subescala conserva os 12 itens da subescala original. A Tabela 11 resume os itens que a integram.

Tabela 11 – Consistência interna (2) Atitudes acerca da violência física perpetrada pelos rapazes nas relações de namoro (VFM)

Parte B

	Média	Desvio Padrão	Ritem-total (s/item)	α sem item	H ²
1*- Uma rapariga deve acabar o namoro se o namorado lhe bater;	1.86	1.157	0.423	0.868	0.391
2- Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados;	2.07	1.202	0.673	0.853	0.554
3*- Não é correto um rapaz bater na namorada;	1.91	1.245	0.504	0.864	0.581
4- Por vezes os rapazes não conseguem evitar dar murros nas namoradas;	2.03	1.223	0.615	0.857	0.531
5*- Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a namorada;	2.09	1.218	0.422	0.869	0.470
6-Por vezes um rapaz não consegue evitar bater na namorada quando ela o irrita;	2.18	1.239	0.586	0.859	0.474
7*-Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada;	2.34	1.318	0.295	0.878	0.269
8- Por vezes o ciúme põe um rapaz tão louco que ele bate na namorada;	2.36	1.227	0.482	0.865	0.433
9- As raparigas que traem os namorados merecem ser esbofeteadas;	2.35	1.202	0.631	0.856	0.536
10- Por vezes, o amor faz com que um rapaz fique tão louco que ele bate na namorada;	2.17	1.218	0.708	0.851	0.627
11- Normalmente um rapaz não bate na namorada a não ser que este mereça;	2.48	1.224	0.623	0.856	0.525
12- Um rapaz pode bater na namorada se ele merecer;	1.98	1.214	0.759	0.848	0.662

* Itens codificados de forma invertida (5=discordo totalmente; 4= discordo; 3= não concordo nem discordo; 2=concordo; 1=concordo totalmente)

Coefficiente Split Half	Primeira metade = 0.759
	Segunda metade = 0.797
Coefficiente alpha Cronbach global	0.887

A subescala (3) Atitudes acerca da violência sexual perpetrada pelos rapazes nas relações de namoro (VSM) é composta por 13 itens. A pontuação total da subescala dos valores médios variam entre 1.87 e 2.57. O valor global de Alfa de Cronbach é de 0.907. A Tabela 12 resume os itens que a integram.

Tabela 12 – Consistência interna (3) Atitudes acerca da violência sexual perpetrada pelos rapazes nas relações de namoro (VSM)

Parte C

	Média	Desvio Padrão	Ritem-total (s/item)	α sem item	H ²
1- Quando um rapaz paga a conta num encontro pode pressionar a namorada para ter relações sexuais com ele;	1.87	1.119	0.695	0.873	0.564
2*- Os rapazes não são donos do corpo das namoradas;	2.09	1.294	0.408	0.889	0.371
3- Quando os rapazes ficam muito excitados sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais;	2.57	1.138	0.495	0.883	0.416
4*- Os rapazes nunca devem embriagar as namoradas para conseguirem ter relações sexuais com elas;	2.09	1.290	0.520	0.883	0.514
5*- Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira;	2.22	1.285	0.431	0.888	0.416
6- Um rapaz pode forçar a namorada a beijá-lo;	2.11	1.102	0.645	0.876	0.597
7- Às vezes os rapazes têm de ser brutos com as namoradas para as excitarem;	2.13	1.157	0.700	0.872	0.687
8- Para provar o seu amor uma rapariga deve ter relações sexuais com o namorado;	1.96	1.101	0.787	0.868	0.803
9- Uma rapariga que entra no quarto de um rapaz está a concordar ter relações sexuais com ele;	2.06	1.150	0.741	0.870	0.719
10- Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais;	1.93	1.083	0.791	0.868	0.822
11- Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais se ela já teve relações no passado;	2.07	1.152	0.751	0.870	0.763
12*- Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz não tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais;	2.37	1.346	0.287	0.897	0.358

* Itens codificados de forma invertida (5=discordo totalmente; 4= discordo; 3= não concordo nem discordo; 2=concordo; 1=concordo totalmente)

Coefficiente Split Half	Primeira metade = 0.747
	Segunda metade = 0.865
Coefficiente alpha Cronbach global	0.907

Relativamente à subescala (4), Atitudes acerca da violência psicológica perpetrada pelas raparigas nas relações de namoro (VPF) conserva os 13 itens da escala original e os valores médios oscilam entre 1.96 e 2.54. o valor global do coeficiente de *Alfa de Cronbach* é 0.830. A Tabela 13 resume os itens que a integram.

Tabela 13 – Consistência interna (4) Atitudes acerca da violência psicológica perpetrada pelas raparigas nas relações de namoro (VPF)

Parte D

	Média	Desvio Padrão	Ritem-total (s/item)	α sem item	H ²
1*- Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado;	2.29	1.195	0.409	0.909	0.809
2*- Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado;	2.36	1.157	0.376	0.910	0.804
3- As raparigas têm o direito de dizer aos namorados como se devem vestir;	2.15	1.156	0.668	0.898	0.558
4- Um rapaz deve fazer sempre o que a namorada lhe diz para fazer;	1.98	1.048	0.832	0.891	0.799
5- Se uma rapariga berrar e gritar com o namorado, não o magoa a sério;	2.07	1.054	0.744	0.895	0.671
6- As raparigas têm o direito de dizer aos namorados o que fazer;	1.96	1.024	0.852	0.891	0.831
7- É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a namorada quer;	2.01	1.089	0.848	0.890	0.834
8- Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados;	2.21	1.148	0.758	0.894	0.679
9- Um rapaz deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos;	1.99	1.095	0.787	0.893	0.776
10- Uma rapariga pode dizer mal do namorado;	1.93	1.032	0.790	0.893	0.721
11- É normal uma rapariga gritar com o namorado quando fica furiosa;	2.40	1.114	0.570	0.902	0.576
12- Por vezes as raparigas têm de ameaçar os namorados para eles as ouvirem;	2.25	1.127	0.681	0.897	0.662
13*- Uma rapariga não deve controlar o que o namorado veste;	2.54	1.426	0.070	0.928	0.175

* Itens codificados de forma invertida (5=discordo totalmente; 4= discordo; 3= não concordo nem discordo; 2=concordo; 1=concordo totalmente)

Coefficiente Split Half	Primeira metade = 0.871
	Segunda metade = 0.777
Coefficiente alpha Cronbach global	0.830

Em relação à subescala (5) Atitudes acerca da violência física perpetrada pelas raparigas nas relações de namoro (VFF), constituída por 12 itens os valores médios variam entre 1.95 e 2.84. O coeficiente *Alpha de Cronbach* é de 0.800. A Tabela 14 resume os itens que a integram.

Tabela 14 - Consistência interna (5) Atitudes acerca da violência física perpetrada pelas raparigas nas relações de namoro (VFF)

Parte E

	Média	Desvio Padrão	Ritem-total (s/item)	α sem item	H ²
1-Uma rapariga pode bater no namorado se ele merecer;	1.95	1.152	0.664	0.803	0.631
2- Não tem mal se uma rapariga empurrar o namorado;	2.05	1.097	0.677	0.803	0.704
3- Por vezes, as raparigas não conseguem evitar dar murros nos namorados;	1.96	1.120	0.674	0.802	0.683
4- Alguns rapazes merecem levar uma bofetada da namorada;	2.38	1.208	0.499	0.816	0.528
5- Por vezes, uma rapariga tem de bater no namorado para ele a respeitar;	2.10	1.125	0.711	0.799	0.698
6- Normalmente uma rapariga só bate no namorado quando ele merece;	2.38	1.218	0.555	0.811	0.601
7*-Uma rapariga não deve bater no namorado, independentemente do que ele tenha feito;	2.82	1.332	0.263	0.837	0.540
8*- Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada na namorada;	2.70	1.345	0.231	0.839	0.553
9- Puxar o cabelo é uma forma de uma rapariga se vingar do namorado;	2.16	1.118	0.525	0.814	0.580
10*- Nunca está correto uma rapariga dar uma bofetada ao namorado;	2.80	1.262	0.302	0.832	0.528
11- Algumas raparigas têm de bater nos namorados para serem ouvidas;	2.20	1.085	0.624	0.807	0.637
12*- Um rapaz deve terminar o namoro com uma rapariga se esta o esbofetear;	2.84	1.232	0.286	0.833	0.420

* Itens codificados de forma invertida (5=discordo totalmente; 4= discordo; 3= não concordo nem discordo; 2=concordo; 1=concordo totalmente)

Coefficiente Split Half	Primeira metade = 0.904
	Segunda metade = 0.683
Coefficiente alpha Cronbach global	0.800

Em relação à subescala (6) Atitudes acerca da violência sexual perpetrada pelas raparigas nas relações de namoro (VFS), podemos verificar que os valores médios oscilam entre 2.19 e 3.56 e o valor de *Alfa de Cronbach* é de 0.907. A Tabela 15 resume os itens que a integram.

Tabela 15 - Consistência interna (6) Atitudes acerca da violência sexual perpetrada pelas raparigas nas relações de namoro (VFS)

Parte F

	Média	Desvio Padrão	Ritem-total (s/item)	α sem item	H ²
1*- Uma rapariga não deve tocar no namorado a não ser que ela queira;	2.53	1.306	0.698	0.759	0.609
2*- Não tem nada de mal um rapaz mudar a sua opinião sobre ter relações sexuais;	2.55	1.157	0.617	0.770	0.631
3*- Um rapaz deve terminar o namoro com a namorada se ela o obrigar a ter relações sexuais;	2.66	1.158	0.546	0.777	0.574
4*- Uma rapariga só deve tocar no namorado nos sítios onde ele quer;	2.58	1.194	0.457	0.785	0.608
5- Um rapaz que entra no quarto de uma rapariga está a concordar a ter relações sexuais;	2.36	1.192	0.363	0.794	0.511
6- Não tem nada de mal uma rapariga forçar o namorado a beijá-la;	2.35	1.086	0.407	0.789	0.539
7*- As raparigas nunca devem embriagar os namorados para conseguirem ter relações sexuais com eles;	3.56	1.279	-0.576	0.874	0.488
8*- Mesmo se um rapaz tiver dito "sim" sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias;	2.35	1.208	0.736	0.757	0.790
9*- Depois de um casal assumir um compromisso, a rapariga não tem o direito de forçar o namorado a ter relações sexuais;	2.39	1.279	0.670	0.763	0.742
10*- As raparigas nunca devem mentir aos namorados para eles terem relações sexuais com elas;	2.45	1.270	0.659	0.764	0.694
11- Para provar o seu amor, um rapaz deve ter relações sexuais com a namorada;	2.19	1.100	0.551	0.777	0.695
12- Uma rapariga pode dizer a um rapaz que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais com ele;	2.21	1.131	0.482	0.783	0.631

Coefficiente Split Half	Primeira metade = 0.747
	Segunda metade = 0.865
Coefficiente alpha Cronbach global	0.907

Efetuamos uma matriz de correlação de Pearson entre as subescalas e o índice global. Dos resultados que se expressam na tabela 4 notamos que as correlações entre as seis subescalas variam entre 0,562 (violência sexual feminina vs violência física masculina) e 0.805 (violência psicológica feminina vs violência sexual feminina e violência sexual masculina vs violência psicológica feminina). Estes resultados permitem-nos inferir que o aumento ou diminuição numa das subescalas se encontra associado a aumentos ou diminuições nas restantes subescalas (cf. Tabela 16).

Tabela 16 - Matriz de Correlação de Pearson entre subescalas e o índice da violência

	Viol.psic. masc.	Viol.fis. masc.	Viol.sexual masc.	Viol. Psic. Fem.	Viol. Fis. Fem.
Viol. Fis. Masc.	0.767**	--			
Viol. Sexual masc.	0.749**	0.747**	--		
Viol. Psic. Fem.	0.670**	0.691**	0.805**	--	
Viol. Fis. Fem.	0.570**	0.631**	0.639**	0.720**	--
Viol. Sexual fem.	0.625**	0.562**	0.675**	0.641**	0.592**

Em síntese:

Consideramos como variável dependente da investigação, a violência no namoro em estudantes que frequentam o ensino secundário. Esta variável consiste na consequência ou efeito presumível da variável independente, correspondente ao objeto de estudo, que se pretende conhecer, avaliar, e resulta da variável independente (Fortin, 2009).

No que concerne às variáveis independentes, estas correspondem à sua causa presumida, permitindo-nos explicar a variável dependente. Permitem a caracterização da amostra e avaliação da sua interferência na variável dependente. Neste estudo consideramos como variáveis independentes as variáveis sociodemográficas (cf. quadro 2) e as variáveis contextuais ao namoro (cf. quadro 3).

1.4. Procedimentos

O processo inerente à recolha de dados compreendeu várias fases e envolveu algumas considerações éticas que consideramos de fundamental importância.

Foi efetuado um pedido de autorização formal ao Presidente do Conselho Pedagógico de uma Escola Secundário do Distrito de Viseu, para a recolha de dados necessários à investigação. No pedido apresentava-se um breve resumo dos objectivos do estudo, um exemplar do instrumento de recolha de dados e de um ofício da Escola Superior de Saúde de Viseu (Anexo B).

1.5. Análise dos dados

Depois de finalizada a colheita de dados, foi feita uma primeira análise a todos os questionários a fim de excluirmos aqueles que por alguma razão não responderam a qualquer pergunta ou aqueles que estariam incompletos para posteriormente seguirmos para a estatística descritiva e analítica.

Na **estatística descritiva** determinámos frequências absolutas e percentuais, algumas medidas de tendência central ou de localização como médias e medidas de variabilidade ou dispersão como amplitude de variação, coeficiente de variação e desvio padrão, para além de medidas de assimetria e achatamento, de acordo com as características inerentes às variáveis em estudo.

De acordo com Pestana e Gageiro (2005), o coeficiente de variação permite comparar a variabilidade de duas variáveis devendo os resultados obtidos serem interpretados do seguinte modo:

Coeficiente de variação Classificação do Grau de dispersão

0% - 15% Dispersão baixa

15% a 30% média ou moderada

> 30% Dispersão alta

- **Coefficiente de correlação de Pearson** é uma medida de associação linear usada para o estudo do comportamento conjunto de duas variáveis quantitativas. A correlação indica que os fenómenos não estão indissolúvelmente ligados, mas que a intensidade de um (em média) é acompanhada tendencialmente com a intensidade do outro, no mesmo sentido ou em sentido inverso, oscilando assim os valores entre -1 e +1. Se a associação for negativa a variação entre as variáveis ocorre em sentido contrário, isto é, o aumento de uma variável estão associados em média à diminuição da outra. Caso a associação seja positiva, a variação das variáveis ocorre no mesmo sentido (Duarte, 2011; Pestana & Gageiro, 2008). Acresce ainda referir que a comparação de dois coeficientes deve ser feita em termos do seu valor ao quadrado designado por coeficiente de determinação (R^2) que indica a percentagem de variação de uma variável explicada pela outra, e que tanto R como R^2 não exprimem relações de causalidade. A violação de normalidade afeta pouco o erro tipo 1 e a potência do teste principalmente quando se trabalham com grandes amostras;

Relativamente à **estatística inferencial ou analítica**, esta permite-nos verificar se as relações existentes entre variáveis de uma amostra podem ser expandidas ao universo da população (Duarte, 2011). Na análise inferencial fizemos uso da estatística paramétrica e não paramétrica.

Assim, quanto à estatística paramétrica e não paramétrica destacam-se:

- **Testes t de Student ou teste de U-Mann Whitney (UMW)** - para comparação de médias de uma variável quantitativa em dois grupos de sujeitos diferentes e quando se desconhecem as respectivas variâncias populacionais;

- **Análise de variância a um facto (ANOVA)** - para comparação de médias de uma variável quantitativa (variável endógena) em três ou mais grupos de sujeitos diferentes (variável exógena - qualitativa), isto é, analisa o efeito de um fator na variável endógena, testando se as médias da variável endógena em cada categoria do fator são ou não iguais entre si. O teste One-Way Anova é uma extensão do teste t de Student que permite comparar mais de dois grupos em estudo.

Todavia, quando se testa a igualdade de mais de duas médias recorre-se habitualmente aos testes post hoc, para saber quais as médias que se diferenciam entre si (Pestana e Gageiro, 2005);

- **Teste de Qui- quadrado (X^2)** - para o estudo de relações entre variáveis nominais.

Aplica-se a uma amostra em que a variável nominal tem duas ou mais categorias comparando as frequências observadas com as que se Quando há relação entre as variáveis, o uso dos valores residuais em variáveis nominais torna-se mais potente que o teste de Qui-quadrado na medida em que os resíduos ajustados na forma estandardizada informam sobre as células que mais se afastam da independência entre as variáveis, isto é os valores elevados dos resíduos indicam uma relação de dependência entre as duas variáveis (Pestana & Gageiro, 2008). Os autores consideram para uma probabilidade igual a 0.05, o valor de referência igual ou superior a 1.96 para diferenças estatisticamente significativas e menor que 1.96 para diferenças não significativas.

Na análise estatística utilizámos os seguintes valores de significância:

- $p < 0.05$ * - diferença estatística significativa
- $p < 0.01$ ** - diferença estatística bastante significativa
- $p < 0.001$ *** - diferença estatística altamente significativa
- $p \geq 0.05$ n.s. – diferença estatística não significativa

- **Regressão linear simples ou múltipla** é um modelo da estatística analítica usado para prever o comportamento de uma variável quantitativa (variável dependente

ou endógena) a partir de uma ou mais variáveis relevantes de natureza intervalar ou rácio (variáveis independentes ou exógenas) informando o investigador sobre as margens de erro dessas previsões, permitindo determinar quais as variáveis independentes que são predictoras da variável dependente e quais possuem maior pelo preditivo.

Quando utilizamos apenas uma variável dependente e uma independente, efetuámos uma **regressão linear simples**. Por outro lado quando comparamos uma variável dependente e mais que uma variável independente efetuámos a **regressão múltipla**.

Em relação às correlações de *Pearson* que este tipo de teste gera, utilizamos os valores de *r* que, por convenção, Pestana e Gageiro (2005,) sugerem que:

- $r < 0.2$ – associação muito baixa
- $0.2 \leq r < 0.39$ – associação baixa
- $0.4 \leq r < 0.69$ – associação moderada
- $0.7 \leq r < 0.89$ – associação alta
- $0.9 \leq r < 1$ – associação muito alta

Na nossa investigação utilizámos os valores de significância preconizados por Maroco (2007) e Pestana & Gageiro (2008):

- $p < 0.05^{**}$ - Diferença estatística significativa
- $p < 0.01^{***}$ - Diferença estatística bastante significativa
- $p < 0.001^{****}$ - Diferença estatística altamente significativa
- $p > 0.005^{**}$ - Diferença estatística não significativa

Concluídas as considerações metodológicas relativas à investigação, iniciamos no capítulo seguinte a apresentação e análise de resultados.

2 – Resultados

Este capítulo é utilizado para descrever e explicar a temática em estudo, através da análise dos resultados obtidos, com vista a dar respostas às questões e aos objectivos que foram estabelecidos. Os resultados serão apresentados com o auxílio de quadros e tabelas, de forma a organizar e sistematizar eficazmente a informação.

Na descrição e análise dos resultados procurámos obedecer à ordem pela qual foi elaborado o instrumento de recolha de dados.

Neste sentido, o presente capítulo está organizado em duas partes. Na primeira parte, recorreremos à estatística descritiva de forma a sumariar os dados obtidos, permitindo uma leitura clara e objetiva dos mesmos. A segunda é dedicada à análise inferencial dos dados.

2.1. Análise descritiva

2.1.1. Caracterização do contexto de namoro

Idade para iniciar relações sexuais

De acordo com a opinião acerca da idade mais apropriada para as pessoas iniciarem as relações sexuais, verificámos que mais de metade (58.0%) dos adolescentes acha que não há uma idade certa, sendo que 57.4% pertence ao género feminino e 58.9% ao género masculino. Apurámos também que para 41.1% considera haver uma idade certa para iniciarem as relações sexuais.

As diferenças encontradas são estatisticamente significativas conforme resultado do teste t para amostras independentes ($t= 3.708$; $p= 0.000$) (cf. Tabela 17).

Tabela 17 –idade apropriada para inicio das as relações sexuais em função do género.

Variáveis	Feminino		Masculino		Total		Residuais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	1	2
	136	56	107	44	243	100.0		
Id. Rel. Sexual¹³								
Sim	58	42.6	44	41.1	102	42.0	.2	-.2
Não	78	57.4	63	58.9	141	58.0	-.2	.2

Relações sexuais

Procuramos saber qual a percentagem de adolescentes que já tinha tido relações sexuais. Dos resultados obtidos, podemos verificar que mais de metade (66.7%) dos inquiridos nunca tivera relações sexuais. Apenas 33.3% tiveram relações sexuais, contribuindo para esse valor 48.6% dos sujeitos do género masculino e 21.3% dos participantes do género feminino (cf. Tabela 18).

Tabela 18 – Frequência dos adolescentes que já tiveram relações sexuais

Variáveis	Feminino		Masculino		Total		Residuais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	1	2
	136	56	107	44	243	100.0		
Rel. Sexual								
Sim	29	21.3	52	48.6	81	33.3	-4.5	4.5
Não	107	78.7	55	51.4	162	66.7	4.5	-4.5

No seguimento da questão anterior e para os que responderam afirmativamente questionamos sobre a idade de início das relações sexuais. Pela Tabela 19, podemos verificar que a idade mínima com que os adolescentes iniciaram as relações sexuais é de 10 anos para o sexo masculino e 12 anos para o sexo feminino. Quanto à idade máxima, verificamos que, para ambos os sexos, é de 17 anos. A média, para a idade global, é de 14.62 valores, com um desvio padrão de 1.786 e um coeficiente de variação de 12.21anos .

O sexo masculino inicia relações sexuais mais precocemente (média= 14.15±1.92 dp) que o feminino (média= 15.45±1.12 dp) com significância estatística ($t= 3.317$; $p= 0.001$) conforme resultado do teste t para amostras independentes

Tabela 19 – Estatísticas relativas à idade com que iniciaram relações sexuais

Idade relações sexuais	Min	Max	Media	D.P.	CV (%)	Sk/erro	K/erro	K/S
Idade relações sexuais feminina	12	17	15.45	1.121	7.25	-2.69	2.88	0.000
Idade relações sexuais masculina	10	17	14.15	1.924	13.59	-2.25	-0.47	0.000
Idade global	10	17	14.62	1.786	12.21	-3.92	0.96	0.000

Motivos que levaram a ter relações sexuais – Pressionado

Ao analisarmos os resultados expostos na Tabela 20, podemos constatar que 4.9% dos adolescentes se sentiu pressionado a iniciar a atividade sexual, sendo 6.9% do sexo feminino e 3.8% do sexo masculino, ao invés de 95.1% que não se sentiram pressionados.

Tabela 20 – Caracterização dos adolescentes que se sentiram forçados a iniciar a atividade sexual em função do gênero

Variáveis	Feminino		Masculino		Total		Residuais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	1	2
	29	35.8	52	64.2	81	100.0		
Pressionado rel. Se.								
Sim	2	6.9	2	3.8	4	4.9	0.6	-0.6
Não	27	93.1	50	96.2	77	95.1	-0.6	0.6

Motivos que levaram a ter relações sexuais - Forçado

No que se refere à questão por quem se sentiram forçados a iniciar a atividade sexual, constatamos que 75% dos adolescentes responderam ser pelo(a) namorado(a) e 25% referiram ter-se sentido pressionados pelo grupo de amigos (cf. Tabela 21).

Tabela 21 – Caracterização dos adolescentes por quem se sentiram forçados a iniciar a atividade sexual

Variáveis	Feminino		Masculino		Total		Residuais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	1	2
	2	50	2	50	4	100.0		
Pressionado rel. Se.								
Namorado	2	100	1	50	3	75	1.2	-1.2
Grupo de amigos	0	0	1	50	1	25	2	2

Motivos que levaram a ter relações sexuais - Apaixonado

Relativamente à questão se estavam ou não apaixonados pela pessoa com quem tiveram relações sexuais pela primeira vez, a maioria dos adolescentes respondeu afirmativamente (71.6%), sendo que 74.1% dos inquiridos responderam que a pessoa era aproximadamente da mesma idade; 6.2% afirmaram ter tido relações sexuais com uma pessoa mais nova e 19.8% disseram ter sido com uma pessoa bastante mais velha (cf. Tabela 22).

Tabela 22 – Caracterização da variável, dos adolescentes que estariam ou não apaixonados pela pessoa com quem tiveram relações sexuais pela primeira vez.

Variáveis	Feminino		Masculino		Total		Residuais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	1	2
		29	35.8	52	64.2	81	100.0	
Apaixonado								
Sim	28	96.6	30	57.7	58	71.6	3.7	-3.7
Não	1	3.4	22	42.3	23	28.4	-3.7	3.7
Idade da pessoa								
Mais nova	3	10.3	2	3.8	5	6.2	1.2	-1.2
Aprox. mesma idade	23	79.3	37	71.2	60	74.1	0.8	-0.8
Bastante mais velha	3	10.3	13	25.0	16	19.8	-1.6	1.6

Relações homossexuais

No que se refere ao facto de os adolescentes terem tido relações sexuais/amorosas com alguém do mesmo sexo, constatamos que a maioria respondeu negativamente (95.9%), respondendo afirmativamente apenas 4.1%, destes a maior percentagem é do sexo feminino. (cf. Tabela 23).

Tabela 23 – Frequência dos adolescentes que tiveram relações sexuais/amorosas com alguém do mesmo sexo

Variáveis	Feminino		Masculino		Total		Residuais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	1	2
		136	56.0	107	44.0	243	100.0	
Rela. Amorosas								
Sim	6	4.4	4	3.7	10	4.1	0.3	-0.3
Não	130	95.6	103	96.3	233	95.9	-0.3	0.3

Namora ou já namorou

Pela análise da Tabela 24, verificamos que 99.4% dos adolescentes namora ou já namorou.

A quase totalidade da amostra afirma namorar ou já ter namorado, com percentuais similares entre raparigas e rapazes (95.6% vs 94.4%).

Tabela 24 – Adolescentes que presentemente namoram ou já namoraram

Variáveis	Feminino		Masculino		Total		Residuais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	1	2
		136	56.0	107	44.0	243	100.0	
Namoro ou já nam.								
Sim	130	95.6	101	94.4	231	95.1	0.4	-0.4
Não	6	4.4	6	5.6	12	4.9	-0.4	0.4

Para os estudantes que namoram ou já namoraram, conforme a tabela 25, podemos constatar que a idade mínima com é de 10 anos para ambos os sexos e uma máxima de 17 anos para o sexo feminino e 16 anos para o sexo masculino, com uma média global de 13.16 e um desvio padrão de 1.541 anos.

Os rapazes (média 12.98anos \pm 1.55 dp) iniciam o namoro mais cedo que as raparigas (média= 13.29 anos \pm 1.52 dp) com diferenças estatisticamente significativas, conforme resultado do teste t ($t= 3.734$; $p= 0.000$).

Tabela 25 – Estatísticas relativas à idade com que começaram a namorar

Idade começou a namorar	Min	Max	Media	D.P.	CV (%)	Sk/erro	K/erro	K/S
Idade feminina	10	17	13.29	1.522	11.45	-1.44	0.00	0.000
Idade masculina	10	16	12.98	1.556	11.98	-1.07	-0.48	0.000
Idade global	10	17	13.16	1.541	11.70	-1.78	-0.40	0.000

Fontes de informação sobre a sexualidade

Através dos resultados da tabela 26, podemos verificar que a maior percentagem relativamente às fontes de informação sobre sexualidade, recaiu nas informações dadas pelos professores (74.9%), 80.9% das raparigas e 67.3% dos rapazes, seguindo-se as informações dadas pelos pais (67.9%). Em terceiro lugar, foram assinaladas as informações dadas pelos médicos (50.6%), as informações dadas pelos amigos com 47.3% e 45.3% referem-se às informações lidas nos jornais. No que concerne às informações tidas pela rádio ou televisão, 30.0% dos adolescentes responderam afirmativamente. As informações dadas pelo(a) namorado(a) obtiveram 28.8% das respostas. Por fim, as informações dadas por outros familiares (28.0%) e as informações dadas por outros meios (3.7%) não especificados.

Tabela 26 – Fontes de informação sobre sexualidade em função do gênero.

Variáveis	Feminino		Masculino		Total		Residuais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	1	2
Fontes inf. pais	136	56.0	107	44.0	243	100.0		
Sim	101	74.3	64	59.8	165	67.9	2.4	-2.4
Não	35	25.7	43	40.2	78	32.1	-2.4	2.4
Fontes inf. O. Famil.								
Sim	32	23.5	36	33.6	68	28.0	-1.7	1.7
Não	104	76.5	71	66.4	175	72.0	1.7	-1.7
Fontes inf. Profess.								
Sim	110	80.9	72	67.3	182	74.9	2.4	-2.4
Não	26	19.1	35	32.7	61	25.1	-2.4	2.4
Fontes inf. Médicos								
Sim	79	58.1	44	41.1	123	50.6	2.6	-2.6
Não	57	41.9	63	58.9	120	49.4	-2.6	2.6
Fontes inf. Namorad								
Sim	39	28.7	31	29.0	70	28.8	-0.1	0.1
Não	97	71.3	76	71.0	173	71.2	0.1	-0.1
Fontes inf. Amigos								
Sim	67	49.3	48	44.9	115	47.3	0.7	-0.7
Não	69	50.7	59	55.1	128	52.7	-0.7	0.7
Fontes inf. Jornais..								
Sim	53	39.0	57	53.3	110	45.3	-2.2	2.2
Não	83	61.0	50	46.7	133	54.7	2.2	-2.2
Fontes inf. Rádio/ tv								
Sim	36	26.5	37	34.6	73	30.0	-1.4	1.4
Não	100	41.2	70	28.8	170	70.0	1.4	-1.4
Fontes inf. Outros								
Sim	2	1.5	7	6.5	9	3.7	-2.1	2.1
Não	134	98.5	100	93.5	234	96.3	2.1	-2.1

Conhecimentos sobre sexualidade

Os dados da Tabela 27, demonstram que mais de metade dos adolescentes (55.1%) disse ter bons conhecimentos sobre sexualidade. Também apurámos que 30.9% dos adolescentes disseram que tinham muito bons conhecimentos acerca da sexualidade, enquanto 14.0% referiam ter conhecimentos suficientes.

Tabela 27 – Caracterização da variável, conhecimentos sobre sexualidade em função do gênero

Variáveis	Feminino		Masculino		Total		Residuais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	1	2
Conhecimentos	136	56.0	107	44.0	243	100.0		
Muito bons	25	18.4	50	46.7	75	30.9	-4.7	4.7
Bons	88	64.7	46	43.0	134	55.1	3.4	-3.4
Suficientes	23	16.9	11	10.3	34	14.0	1.5	-1.5

Facilidade de acesso às consultas de planeamento familiar

No que se refere à facilidade de acesso às consultas de planeamento familiar, em conformidade com os dados expostos na Tabela 28, confirmámos que a maior parte dos inquiridos tem facilidade de acesso às consultas (83.1%), sendo esta uma situação reiterante quer para os participantes do género masculino (84.6%), quer para os do género feminino (81.3%).

Tabela 28 – Frequência da facilidade de acesso às consultas de planeamento familiar

Variáveis	Feminino		Masculino		Total		Residuais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	1	2
	136	56.0	107	44.0	243	100.0		
Plan. Familiar								
Sim	115	84.6	87	81.3	202	83.1	0.7	-0.7
Não	21	15.4	20	18.7	41	16.9	-0.7	0.7

Em conformidade com os resultados expostos na Tabela 29, 69.5% dos adolescentes sentem-se à vontade para marcar uma consulta de planeamento familiar. Confirmámos 70.6% dos adolescentes do género feminino e 68.2% do género masculinos admitiram essa facilidade.

Tabela 29 – À vontade para marcar uma consulta de planeamento família, em função do género

Variáveis	Feminino		Masculino		Total		Residuais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	1	2
	136	56.0	107	44.0	243	100.0		
Cons. Plan. Familiar								
Sim	96	70.6	73	68.2	169	69.5	0.4	-0.4
Não	40	29.4	34	31.8	74	30.5	-0.4	0.4

Estratégias de resolução de conflitos no namoro

A Tabela 30 faz referência às estatísticas das diferentes estratégias utilizadas pelos adolescentes. Como podemos verificar os valores mínimos encontram-se todos em 0.00, enquanto os máximos se situam entre os 24.00 nas estratégias não abusivas outro e 29.00 para as estratégias conflito próprio.

O teste de *Kolmogorov Smirnov* evidencia pelas probabilidades apresentadas que a distribuição não é normal. Confirmámos igualmente que existem diferenças estatisticamente significativas em todas as estratégias ($p=0,000$).

Tabela 30 - Estatísticas relativas às estratégias utilizadas pelos adolescentes

Variáveis	Min	Max	Media	D.P.	CV (%)	Sk/erro	K/erro	K/S
Estra. Conflito próprio	0.00	29.00	9.48	8.166	86.13	4.591	-1.728	0.000
Estra. N abusivas próprio	0.00	25.00	14.99	5.672	37.83	-6.075	1.375	0.000
Estra. Conflito outro	0.00	29.00	9.74	8.319	85.41	4.408	-1.993	0.000
Estra. N abusivas outro	0.00	24.00	14.26	5.684	39.85	-5.679	0.4858	0.000

Violência exercidas pelos rapazes

Relativamente às estatísticas das diferentes formas de violência exercidas pelos rapazes, em consonância com os dados apresentados na Tabela 31, apurámos que o valor mínimo é de 12.00 para a violência física e violência sexual, enquanto os máximos se situam entre os 65.00 na violência psicológica. A média mais elevada foi a da violência psicológica (33,57).

O teste de *Kolmogorov Smirnov* evidencia pelas probabilidades apresentadas que a distribuição não é normal, resultando em diferenças estatisticamente significativas para todos os tipos de violência ($p=0.000$).

Tabela 31 - Estatísticas relativas aos vários tipos de violência nos rapazes

	Min	Max	Media	D.P.	CV (%)	Sk/erro	K/erro	K/S
Viol. Psic. Masc.	15.00	65.00	33.57	10.456	34.82	1.461	-2.652	0.001
Viol. Fis. Masc.	12.00	52.00	25.82	9.440	83.41	1.429	-3.154	0.000
Viol. Sexual Masc.	12.00	49.00	25.47	9.528	39.85	1.147	-4.147	0.000

A tabela 32 faz referência às estatísticas das diferentes formas de violência exercidas pelo género feminino. Como podemos verificar o valor mínimo é de 12.00 para a violência física e violência sexual, enquanto os máximos se situam entre os 65.00 na violência psicológica. A média mais elevada recaiu na violência psicológica (53.00).

O teste de *Kolmogorov Smirnov* evidencia pelas probabilidades apresentadas que a distribuição não é normal, resultando em diferenças estatisticamente significativas para todos os tipos de violência ($p=0.000$).

Tabela 32 - Estatísticas relativas aos vários tipos de violência nas raparigas

	Min	Max	Media	D.P.	CV (%)	Sk/erro	K/erro	K/S
Viol. Psic. Fem.	13.00	53.00	28.14	10.110	35.86	0.801	-3.762	0.000
Viol. Fis. Fem.	12.00	47.00	28.33	8.453	82.42	-1.878	-2.739	0.000
Viol. Sexual Fem.	12.00	49.00	30.16	8.045	38.82	-2.487	-2.803	0.000

Em síntese:

- mais de metade (58.0%) dos adolescentes considerou que não há uma idade certa para se iniciarem as relações sexuais;
- 66.7% da totalidade amostral dos inquiridos nunca tiveram relações sexuais;
- a idade mínima com que os adolescentes iniciaram as relações sexuais é de 10 anos para o sexo masculino e 12 anos para o sexo feminino;
- somente 4.9% dos adolescentes se sentiram pressionados a iniciar a atividade sexual;
- 71.6% disseram estar apaixonados pela pessoa com quem tiveram relações sexuais pela primeira vez;
- 99.4% dos adolescentes namoram ou já namoraram;
- 47.9% dos adolescentes referiram que as fontes de informação sobre sexualidade foram as informações dadas pelos professores;
- mais de metade dos adolescentes (55.1%) disse ter bons conhecimentos sobre a sexualidade;
- mais de metade (69.5%) dos adolescentes refiram sentir-se à vontade para marcar uma consulta de planeamento familiar;
- no que se refere às diferentes estratégias utilizadas pelos adolescentes, os valores mínimos encontraram-se todos em 0.00, enquanto os máximos se situaram entre os 24.00 nas estratégias não abusivas; 29.00 para as estratégias conflito próprio;
- as médias mais elevadas, quer nos rapazes, quer nas raparigas, foram as da violência psicológica (33,57; 53.00, respetivamente).

2.2. Análise inferencial

Após a caracterização da amostra face às diversas variáveis em estudo, iremos, neste subcapítulo, proceder à análise inferencial dos dados, mediante a aplicação da estatística analítica, com a finalidade de determinarmos a existência ou inexistência de relação significativa entre as variáveis estudadas.

Estratégias do conflito e não abusivas do próprio *versus* estratégias do conflito e não abusivas do outro

Na Tabela 33 estão os resultados relativos à percepção dos adolescentes face às estratégias de conflito de si próprios com as dos outros, bem como as estratégias não abusivas do próprio com as dos outros. Para o efeito, efetuámos um Teste t emparelhado, cujos resultados demonstram que as estratégias do conflito do outro se sobrepõem às do próprio, considerando a diferença de médias que se apresenta negativa. Já as estratégias não abusivas do próprio apresentam um índice médio mais elevado quando comparado com as estratégias não abusivas do outro. As diferenças para ambas as situações não são estatisticamente significativas e os valores correlacionais revelam associações positivas muito elevadas. Nesse sentido, a percentagem de variância explicada, ou seja, a influência de uma variável na outra é também elevada sendo de 88,3% para as estratégias do conflito de próprio vs outro e de 85% nas estratégias não abusivas do próprio vs outro, onde registámos diferenças estatisticamente significativas ($p=0.000$).

Tabela 33 - Teste t - estratégias do conflito e não abusivas do próprio e entre estratégias do conflito e não abusivas do outro

	Media	D.P.	t	p	r	V.E. %
Estrat. Conf. próprio vs estrat. Conf. outro	-0.279	2.86	-1.500	0.135	0.940	0.88,3
Estr. N abus. próprio vs Estr. N abus. outro	0.716	2.20	4.999	0.000	0.925	0.85,0

No que se refere às diferenças de médias entre as estratégias de resolução de conflitos no namoro e o género, apurámos, pelos resultados apresentados na Tabela 34, que o sexo feminino apresenta índices médios mais baixos no que respeita às estratégias conflito próprio e estratégias conflito outro, mas índices médios mais elevados no que concerne às estratégias não abusivas do próprio e do outro. Assumindo igualdade de variâncias para as estratégias não abusivas do próprio e estratégias não abusivas do outro e variâncias desiguais para as estratégias do conflito próprio e conflito do outro, o valor de t revela-se apenas significativo para a estratégia conflito próprio e estratégia conflito outro ($p=0.000$).

Tabela 34 - Teste t para diferenças de médias entre estratégias e gênero

Estratégias	Masculino		Feminino		Leven,s p	t	p
	Média	Dp	Média	Dp			
Est. Conflito próprio	11.75	9.29	7.62	6.68	0.000	-3.841	0.000
Est. N abusivas próprio	14.99	5.30	15.11	5.98	0.425	0.166	0.868
Est. Conflito outro	12.38	9.24	7.53	6.77	0.000	-4.493	0.000
Est. N abusivas outro	14.06	5.52	14.52	5.83	0.880	0.617	0.538

Relação entre estratégias e grupos etários

Para estudarmos a relação da idade e a percepção face à tendência para a violência, utilizámos a análise de variância a um fator (cf. Tabela 35). Através dos resultados obtidos, podemos verificar que as estratégias não abusivas do próprio e as estratégias não abusivas do outro apresentam, em todas as idades, uma média superior às restantes. Os estudantes com idade igual ou superior a 17 anos são aqueles que apresentam uma média superior (16.26) nas estratégias não abusivas próprio, enquanto os estudantes com 16 anos são aqueles que apresentam média inferior (9.01) nas estratégias conflito próprio.

O valor de *p-value* revela que há diferenças estaticamente significativas nas estratégias não abusivas próprio ($f= 4.789$ e $p= 0.009$) e estratégias não abusivas outro ($f=5.717$ e $p=0.004$).

Como existem diferenças significativas nas variáveis “Estratégias não abusivas próprio” e “Estratégias não abusivas outro” utilizámos teste *Pos Hoc Tukey* que se localizam em ambas as situações entre os adolescentes com 16 e 17 anos de idade ($p= 0.006$) e ($p=0.003$), respetivamente.

Tabela 35 - Análise de variância entre estratégia de resolução de conflitos e grupos etários

Variáveis	15 anos		16 anos		≥ 17 anos		f	p	% VE
	Médi a	dp	Médi a	dp	Médi a	dp			
Estra. Conflito próprio	9.80	9.13	9.01	8.39	9.63	7.47	0.191	0.826	0.162
Estra. N abusivas próprio	14.95	5.64	13.66	6.42	16.26	4.76	4.789	0.009	3.916
Estra. Conflito outro	9.55	9.23	9.22	8.69	10.15	7.41	0.284	0.753	0.243
Estra. N abusivas outro	14.48	5.81	12.69	6.27	15.54	4.77	5.717	0.004	4.678
Total									

Relação entre as estratégias e o curso

Com a finalidade de estudarmos a relação entre o curso e as estratégias, utilizámos o teste *Kruskal-Wallis*. Assim, pelos resultados da Tabela 38, verificámos que as estratégias conflito próprio (OM=162.42) e conflito outro (OM=162.25). apresentam uma ordenação média superior no curso técnico de gestão de sistemas

informáticos As estratégias não abusivas do próprio(OM=146.79) e não abusivas do outro (OM=141.46), com índices mais elevados no curso Línguas e Humanidades.

No seguimento da análise, verificámos que existe relação de dependência para as estratégias conflito próprio e as estratégias não abusivas próprio e significância marginal para as estratégias do conflito próprio e não abusivas do outro.

Realizado o teste *post hoc* de *Tukey* com as ordenações médias, apurámos que não há diferenças dentro dos grupos para as estratégias co conflito do próprio e nas estratégias não abusivas do próprio, apenas entre os cursos de Línguas e Humanidades, Ciências e Tecnologias ($p= 0.014$).

Tabela 36 - Relação entre as estratégias e o curso

Variáveis	Ciências e tecn. Ordenação média OM	Téc. Mobiliário Ordenação média OM	Téc. restauração Ordenação média OM	Línguas e human. Ordenação média OM	Téc. Gestão Ordenação média OM	X2	p
Estra. Conflito próprio	113.13	139.07	99.57	129.23	162.42	9.880	0.043
Estra. N abusivas próprio	111.61	128.60	108.76	146.79	102.33	11.425	0.022
Estra. Conflito outro	112.97	131.40	97.24	128.32	162.25	9.475	0.050
Estra. N abusivas outro	110.87	130.40	116.17	141.46	99.83	8.816	0.066

Relação entre as estratégias e a nacionalidade

Com o intuito de verificarmos se há uma relação entre a nacionalidade dos adolescentes e as estratégias, recorremos a um *Teste de U Mann Whitney*, cujos resultados demonstram que, na generalidade, os adolescentes com outra nacionalidade, apresentam médias mais elevadas em todas as estratégias em relação às registadas nos adolescentes de nacionalidade portuguesa. Todavia, não registámos diferenças estatisticamente significativas ($p>0,05$).

Salientamos que as estratégias não abusivas próprio (OM=160.30) e as estratégias não abusivas outro (OM=151.90) foram as que revelaram valores de ordenação média superiores no grupo de alunos com outra nacionalidade, enquanto no grupo de alunos de nacionalidade portuguesa, a média mais elevada foi a das estratégias conflito outro (OM=119.14).

Tabela 37 - Relação entre as estratégias e a nacionalidade

Variáveis \ Nacionalidade	Portuguesa OM	Outra OM	UMW	p
Estra. Conflito próprio	119.14	127.70	1058.000	0.700
Estra. N abusivas próprio	117.71	160.30	732.000	0.055
Estra. Conflito outro	117.75	135.55	959.500	0.419
Estra. N abusivas outro	117.02	151.90	796.000	0.113

Relação entre as estratégias e a zona de residência

Com o intuito de verificarmos se há uma relação entre as estratégias e a zona de residência dos adolescentes, recorremos a um *Teste de U Mann Whitney*, cujos resultados evidenciaram que, no grupo de adolescentes que residem no meio rural, a média mais elevada foi a das estratégias não abusivas próprio (OM=120.60), estando as restantes muito próximas umas das outras. Por sua vez, no grupo de adolescentes residentes em meio urbano o valor médio mais elevado foi o das estratégias conflito próprio (OM=121.40), seguindo-se as estratégias não abusivas outro (OM=119.12). No entanto, não registámos diferenças estatisticamente significativas ($p>0,05$) (cf. Tabela 38).

Tabela 38 - Relação entre as estratégias e a zona de residência

Variáveis \ Residência	Rural OM	Urbana OM	UMW	p
Estra. Conflito próprio	118.76	121.40	5601.500	0.790
Estra. N abusivas próprio	120.60	116.70	5541.000	0.694
Estra. Conflito outro	118.54	118.40	5654.500	0.988
Estra. N abusivas outro	118.25	119.12	5620.000	0.930

Relação entre as estratégias de resolução de conflitos e relações sexuais

Procurámos saber se há uma relação entre as estratégias e o facto de os adolescentes terem ou não tido relações sexuais. Assim, através do *Teste de U Mann Whitney*, verificámos que, na globalidade, os adolescentes que já tiveram relações sexuais foram os que apresentaram valores médios mais elevados em todas as estratégias, comparativamente aos que não tiveram relações sexuais. Destacamos que as estratégias não abusivas próprio (OM=130.15) e as estratégias conflito outro (OM=130.10) foram as mais pontudas. Há a referir que não existem diferenças estatisticamente significativas ($p>0,05$) (cf. Tabela 39).

Tabela 39 - Relação entre as estratégias e ter tido relações sexuais

Relações sexuais Variáveis	Sim OM	Não OM	UMW	p
Estra. Conflito próprio	129.07	114.56	5583.500	0.123
Estra. N abusivas próprio	130.15	114.01	5496.000	0.086
Estra. Conflito outro	130.10	112.55	5312.000	0.061
Estra. N abusivas outro	126.91	114.10	5596.000	0.170

Estratégias e idade com que iniciou as relações sexuais

Tentámos verificar se há uma relação entre as estratégias e a idade com que iniciou as relações sexuais, tendo, para tal, recorrido *Teste de U Mann Whitney*, cujos resultados revelaram que, na globalidade, os adolescentes que iniciaram a sua atividade sexual com idades inferiores ou iguais a 14 anos foram os que apresentaram valores médios mais elevados em todas as estratégias, comparativamente aos que tiveram a primeira relação sexual com 15 anos. Destacamos que as estratégias conflito próprio (OM=34.62) e as estratégias conflito outro (OM=33.52) foram as mais pontudas, no grupo de alunos com idades iguais ou inferiores a 14 anos. Há a referir que existem diferenças estatisticamente significativas nas estratégias conflito próprio ($p=0.000$) e nas estratégias conflito outro ($p=0.001$) (cf. Tabela 40).

Tabela 40 - Relação entre as estratégias e idade com que iniciou as relações sexuais

Idade relações Variáveis	<=14 anos OM	15 anos OM	UMW	p
Estra. Conflito próprio	34.62	19.67	153.000	0.000
Estra. N abusivas próprio	28.64	25.52	311.000	0.475
Estra. Conflito outro	33.42	20.09	164.500	0.001
Estra. N abusivas outro	30.52	23.61	259.500	0.101

Violência (psicológica, sexual e física) feminina e masculina exercida

Os resultados expostos na Tabela 41 demonstram que a violência psicológica masculina vs violência psicológica feminina apresenta a média mais elevada (5.42), seguindo-se a violência sexual (4.69). A violência física, para ambos os géneros, foi a menos elevada, com uma média de 2.51. O valor de *p-value* revela que há diferenças estaticamente significativas em todos os tipos de violência ($p=0.000$).

Tabela 41 – T-Test e violência (psicológica, física e sexual) masculina e feminina

	Media	D.P.	t	p	r	V.E. %
Viol. Psic. Masc. Vs viol. Psic. Fem.	5.42	8.35807	10.124	0.000	0.670	0.4489
Viol. Fis. Masc. Vs viol. Fis. Fem.	2.51	7.73496	-5.059	0.000	0.631	0.3981
Viol. Sexual masc. Vs viol. Sexual fem.	4.69	7.21725	-10.142	0.000	0.675	0.4556

Violência psicológica, sexual e física exercida em função do gênero

Com o intuito de verificarmos se há relação entre a violência psicológica, física e sexual exercida e o gênero dos adolescentes, recorremos a um T-test, cujos dados demonstraram que foram os participantes do gênero masculino a apresentarem médias mais elevadas em todos os tipos de violência, sendo o valor médio mais alto o da violência psicológica masculina (40.95), uma situação análoga à do grupo de estudantes do gênero feminino, com uma média de 27.76. Verificou-se que há diferenças estatisticamente significativas em todos os tipos de violência masculina e feminina ($p=0.000$) (cf. Tabela 42).

Tabela 42 – Violência psicológica, sexual e física em função do gênero

Violência	Gênero	Masculino		Feminino		Leven,s p	t	p
		Média	Dp	Média	Dp			
Viol. Psic. Masc.		40.95	8.48	27.76	7.88	0.405	-12.400	0.000
Viol. Fis. Masc.		31.17	8.89	21.61	7.56	0.043	-8.880	0.000
Viol. Sexual masc.		32.49	7.11	19.94	7.29	0.734	-13.458	0.000
Viol. Psic. Fem.		34.02	8.98	23.51	8.41	0.698	-9.310	0.000
Viol. Fis. Fem.		32.01	7.31	25.44	8.17	0.053	-6.517	0.000
Viol. Sexual fem.		34.64	5.50	26.64	7.98	0.000	-8.832	0.000

Violência psicológica, sexual e física em função do curso que frequentam

Para saberemos se há relação entre a violência psicológica, física e sexual praticada pelos participantes e o curso que os adolescentes frequentam, recorremos ao *Teste de Kruskal-Wallis*, segundo o qual foram os participantes que frequentam o curso Técnico Mobiliário e os que frequentam o curso Técnico de Gestão a obterem os valores médios mais elevados em todos os tipos de violência. Assim, no curso técnico de mobiliário a violência física masculina e a violência sexual masculina foram as que apresentaram valores médios mais altos (156.10; 156.80, respetivamente), enquanto no grupo de alunos que frequentam o curso Técnico de Gestão a violência psicológica feminina foi a que apresentou um valor médio mais elevado (201.79), seguindo-se a violência sexual masculina (198.25) e a violência física masculina (194.54). Em todos

os tipos de violência existem diferenças estatisticamente significativas ($p < 0.05$) (cf. Tabela 43).

Com isto, podemos dizer que o tipo de curso que os estudantes frequentam influencia a tendência para existirem comportamentos violentos.

Tabela 43 - Violência psicológica, sexual e física em função do curso que frequentam

Variáveis	Ciências e tecn. Ordenação média	Téc. Mobiliário Ordenação média	Téc. restauração Ordenação média	Línguas e human. Ordenação média	Téc. Gestão Ordenação média	X ²	p
Viol. Psic. Masc.	121.45	147.20	112.57	105.65	183.13	14.169	0.007
Viol. Fis. Masc.	117.32	156.10	121.88	108.17	194.54	18.999	0.001
Viol. Sexual masc.	121.74	156.80	107.62	100.48	198.25	23.596	0.000
Viol. Psic. Fem.	118.82	146.80	119.02	106.14	201.79	20.499	0.000
Viol. Fis. Fem.	120.09	153.97	125.71	102.91	179.63	15.254	0.004
Viol. Sexual fem.	124.82	154.97	124.43	91.12	173.96	20.285	0.000

Violência psicológica, sexual e física em função da idade

Com a finalidade de estudarmos a relação entre a idade e o tipo de violência exercida pelos estudantes, utilizamos o teste One-Way Anova, cujos resultados se apresentam na Tabela 46. A sua análise demonstra que a violência psicológica masculina apresenta, em todas as idades, uma média superior às restantes. Os estudantes com 15 anos são aqueles que apresentam uma média superior (33.73) em relação à violência psicológica masculina, enquanto os estudantes com idade igual ou superior a 17 anos são aqueles que apresentam média inferior (24.35) em relação à violência sexual masculina. Destacamos que a violência sexual feminina, sobretudo, nas participantes com 15 e 16 anos apresenta valores médios elevados (31.00; 31.22, respetivamente). O valor de *p-value* revela que não existem diferenças estatisticamente significativas ($p > 0.05$). Concluimos que a idade não influencia a tendência para a prática dos vários tipos de violência existentes.

Tabela 44 - Violência psicológica, sexual e física em função da idade

Variáveis	15 anos		16 anos		≥ 17 anos		f	p	% VE
	Média	dp	Média	dp	Média	dp			
Viol. Psic. Masc.	33.73	10.00	33.83	10.53	33.25	10.75	0.079	0.924	0.0656
Viol. Fis. Masc.	25.70	10.02	26.25	8.45	25.54	9.92	0.133	0.876	0.1104
Viol. Sexual masc.	26.26	10.67	26.22	8.80	24.35	9.35	1.155	0.317	0.9535
Viol. Psic. Fem.	28.29	10.61	29.51	9.57	26.89	10.17	1.530	0.219	1.2593
Viol. Fis. Fem.	29.50	9.11	28.90	7.45	27.14	8.74	1.773	0.172	1.4563
Viol. Sexual Fem.	31.00	8.58	31.22	7.60	28.76	7.93	2.581	0.078	2.1052

Violência psicológica, sexual e física em função da nacionalidade

Com a finalidade de estudarmos a relação entre a nacionalidade e o tipo de violência exercida pelos sujeitos da amostra, utilizámos o Teste de *U Mann Whitney*, cujos resultados se apresentam na Tabela 45. A sua análise evidencia que a violência psicológica masculina apresenta, nos estudantes de nacionalidade portuguesa, uma média superior às restantes (122.76). Os valores médios obtidos para a violência física e sexual masculina estão muito próximos. No que se refere à violência feminina no grupo de participantes de nacionalidade portuguesa, sobressai, em termos de média (122.55), em relação aos outros tipos de violência, cujas médias estão muito próximas.

Quanto aos estudantes de outra nacionalidade, sobressaiu a violência sexual feminina, com uma média de 113.05, seguindo-se a violência sexual feminina com um valor médio de 130.15. A violência sexual masculina foi a mais elevada, em termos de masculino, com uma média de 114.10.

O valor de *p-value* revela que não existem diferenças estaticamente significativas ($p > 0.05$). Concluimos que a nacionalidade não influencia a tendência para a prática dos vários tipos de violência existentes.

Tabela 45 - Violência psicológica, sexual e física em função da nacionalidade

Variáveis \ Nacionalidade	Portuguesa OM	Outra OM	UMW	p
Viol. Psic. Masc.	122.76	104.35	988.500	0.417
Viol. Fis. Masc.	122.35	113.90	1084.000	0.709
Viol. Sexual masc.	122.34	114.10	1086.000	0.716
Viol. Psic. Fem.	121.65	130.15	1083.500	0.706
Viol. Fis. Fem.	122.55	109.20	1037.000	0.554
Viol. Sexual Fem.	121.10	143.05	954.500	0.330

Violência psicológica, sexual e física em função da zona de residência

Pretendemos estudar a relação entre a zona de residência e o tipo de violência exercida pelos sujeitos da amostra, tendo-se, para tal, utilizado o Teste de *U Mann Whitney* (cf. Tabela 46). A análise dos resultados demonstra que os estudantes que residem na zona rural foram os que obtiveram médias mais elevadas, em todos os tipos de violência, com destaque para a violência física masculina e feminina ($M=127.57$; $M=125.85$, respetivamente). No grupo de estudantes residentes na zona urbana o valor médio mais elevado é o da violência sexual masculina ($M=118.46$), seguindo-se a violência psicológica ($M=117.77$). Sobressai igualmente a violência sexual feminina, com a média de 114.56.

O valor de *p-value* mostra que não existem diferenças estaticamente significativas ($p>0.05$), sugerindo que a zona de residência não influencia a tendência para a prática dos vários tipos de violência.

Tabela 46 - Violência psicológica, sexual e física em função da zona de residência

Variáveis \ Residência	Rural OM	Urbana OM	UMW	p
Viol. Psic. Masc.	123.71	117.77	5759.000	0.551
Viol. Fis. Masc.	127.57	108.24	5091.500	0.052
Viol. Sexual masc.	123.43	118.46	5807.500	0.617
Viol. Psic. Fem.	125.68	112.90	5418.000	0.197
Viol. Fis. Fem.	125.85	112.49	5389.000	0.177
Viol. Sexual Fem.	125.01	114.56	5534.000	0.290

Violência psicológica, sexual e física em função da zona da religião

Procurámos verificar se há relação entre a religião e o tipo de violência exercida pelos participantes, tendo-se, para tal, utilizado o Teste de *U Mann Whitney* (cf. Tabela 47). A análise dos resultados demonstra que os estudantes com religião não católica obtiveram médias mais elevadas, em todos os tipos de violência, com destaque para a violência sexual masculina ($M=158.26$), tendo a violência sexual feminina uma média também considerável (139.09), seguindo-se a violência psicológica masculina ($M=151.21$). No grupo de estudantes de religião católica, o valor médio mais elevado é o da violência física feminina ($M=121.81$), seguindo-se a violência psicológica feminina ($M=121.73$).

O valor de *p-value* indicia que a existência de diferenças estaticamente significativas ($p=0.027$) ao nível da violência sexual masculina, sugerindo que a religião pode influenciar a tendência para a prática de violência sexual masculina.

Tabela 47 - Violência psicológica, sexual e física em função da religião

Variáveis \ Religião	Católica OM	Não católica OM	UMW	p
Viol. Psic. Masc.	119.80	151.21	1424.500	0.075
Viol. Fis. Masc.	120.67	139.68	1620.500	0.281
Viol. Sexual masc.	119.27	158.26	1304.500	0.027
Viol. Psic. Fem.	121.73	125.59	1860.000	0.826
Viol. Fis. Fem.	121.81	124.50	1878.500	0.879
Viol. Sexual Fem.	120.71	139.09	1630.500	0.295

Violência psicológica, sexual e física em função das habilitações literárias dos pais

Procurámos verificar se há relação entre as habilitações literárias dos pais e o tipo de violência exercida pelos participantes, recorrendo ao Teste de *Teste de Kruskal-Wallis* (cf. Tabela 48), verificámos que os pais que têm habilitações literárias até ao 1º Ciclo do Ensino Básico apresentam valores de ordenação média mais elevados em todos os tipos de violência, destacando-se a violência psicológica feminina (M=127.42), contrariamente aos pais que têm habilitações literárias ao nível superior que revelam valores médios inferiores, na generalidade, onde se destacam a violência sexual masculina (M=108.47) e a violência física feminina (M=104.35).

O valor de *p-value* revela a existência de diferenças estaticamente significativas ($p=0.043$) ao nível da violência sexual feminina. Com isto, podemos concluir que as habilitações literárias dos pais levam à existência de comportamentos violentos.

Tabela 48 - Violência psicológica, sexual e física em função das habilitações literárias dos pais

Variáveis	Até primeiro ciclo OM	Secundário OM	Superior OM	KW	p
Viol. Psic. Masc.	124.46	119.24	102.58	2.595	0.273
Viol. Fis. Masc.	124.68	121.42	97.76	3.921	0.141
Viol. Sexual Masc.	124.05	116.96	108.47	1.485	0.476
Viol. Psic. Fem.	127.42	111.87	99.92	5.146	0.076
Viol. Fis. Fem.	125.21	115.90	104.35	2.654	0.265
Viol. Sexual Fem.	125.82	121.51	91.87	6.305	0.043

Violência psicológica, sexual e física em função de já ter tido relações sexuais

Procurámos verificar se há relação entre o facto de os estudantes já terem tido relações sexuais e o tipo de violência exercida, tendo, para tal, recorrido ao Teste de *U Mann Whitney* (cf. Tabela 49). Deste modo, verificámos que os estudantes que já tiveram relações sexuais foram os que obtiveram médias mais elevadas em todos os tipos de violência, com destaque para a violência sexual masculina (M=142.72), seguindo-se-lhes a violência psicológica masculina e feminina (M=140.79; M=139.35, respetivamente).

O valor de *p-value* revela a existência de diferenças estaticamente significativas em todos os tipos de violência, sugerindo que o facto de os estudantes já terem tido relações sexuais leva à existência de comportamentos violentos no namoro.

Tabela 49 - Violência psicológica, sexual e física em função de já ter tido relações sexuais

Variáveis \ Relações sexuais	Sim OM	Não OM	UMW	p
Viol. Psic. Masc.	140.79	112.60	5039.000	0.003
Viol. Fis. Masc.	134.53	115.73	5546.000	0.049
Viol. Sexual masc.	142.72	111.64	4882.500	0.001
Viol. Psic. Fem.	139.35	113.32	5155.500	0.006
Viol. Fis. Fem.	137.22	114.39	5328.000	0.016
Viol. Sexual Fem.	135.51	115.25	5467.000	0.033

Violência psicológica, sexual e física em função de namorar ou não

Pretendemos averiguar se há relação entre o facto de os estudantes namorarem ou não e o tipo de violência exercida, tendo, para tal, recorrido ao Teste de *U Mann Whitney* (cf. Tabela 50). Deste modo, verificámos que os estudantes que não namoram foram os que obtiveram médias mais elevadas na violência sexual masculina (M=132.58) e na violência física masculina (M=131.58). No grupo de aluno que namoram o destaque vai para a violência sexual feminina (M=123.34).

O valor de *p-value* revela que não existem diferenças estaticamente significativas em todos os tipos de violência, sugerindo que a variável namoro não resulta em comportamentos violentos no namoro.

Tabela 50 - Violência psicológica, sexual e física em função de namorar ou não

Variáveis \ Namora	Sim OM	Não OM	UMW	p
Viol. Psic. Masc.	122.39	114.46	1295.500	0.703
Viol. Fis. Masc.	121.50	131.58	1271.000	0.627
Viol. Sexual masc.	121.45	132.58	1259.000	0.592
Viol. Psic. Fem.	122.37	114.83	1300.000	0.716
Viol. Fis. Fem.	123.01	102.63	1153.500	0.325
Viol. Sexual Fem.	123.34	96.25	1077.000	0.189

Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função dos pais como fontes de informação sobre sexualidade

Os resultados apurados, através do Teste de *U Mann Whitney* (cf. Tabela 51), revelam que os estudantes, cujos pais não são fontes de informação, foram os que obtiveram um valor médio mais elevados, nomeadamente na violência física feminina (M=137.06) e na violência psicológica feminina (M=134.52). Destaca-se ainda a violência sexual masculina (M=128.60). Quanto ao grupo de estudantes, cujos pais são fontes de informação, a violência física masculina foi a que se destacou em termos de média (122.06).

Em termos de estratégias, os valores médios mais elevados recaíram no grupo de alunos, cujos pais são fonte de informação, com destaque para a estratégias não abusiva próprio (M=121.75). Já no grupo de participantes, que os pais não são fonte de informação, a média mais elevada foi a das estratégias conflito próprio (M=115.83).

Existem diferenças estaticamente significativas na violência física feminina ($p=0.021$), sugerindo que esta variável pode resultar em comportamentos violentos no namoro.

Tabela 51 - Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função dos pais como fontes de informação

Variáveis	Fontes inf. pais	Sim OM	Não OM	UMW	p
Viol. Psic. Masc.		120.09	126.04	6120.000	0.538
Viol. Fis. Masc.		122.06	121.87	6425.000	0.984
Viol. Sexual masc.		118.88	128.60	5920.000	0.313
Viol. Psic. Fem.		116.08	134.52	5458.500	0.055
Viol. Fis. Fem.		114.88	137.06	5260.500	0.021
Viol. Sexual Fem.		120.09	126.04	6119.500	0.534
Estra. Conflito prop.		121.25	115.83	5916.000	0.569
Estra. N. abusivas prop.		121.75	114.79	5835.500	0.464
Estra. Conflito outro		120.36	114.67	5826.500	0.548
Estra. N. abusivas outro		121.18	112.86	5651.500	0.380

Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função dos amigos como fontes de informação sobre sexualidade

Os resultados apurados, através do Teste de *U Mann Whitney* (cf. Tabela 52), revelam que os estudantes, cujos amigos são fonte de informação, foram os que obtiveram um valor médio mais elevados em todos os tipos de violência, à exceção da violência psicológica feminina (M=122.23).

No que se refere às estratégias, os valores médios mais elevados recaíram igualmente no grupo de alunos, cujos amigos são fonte de informação, com destaque para a estratégias não abusiva outro (M=122.29).

Não existem diferenças estaticamente significativas na violência física feminina ($p>0.05$), sugerindo que o facto de os adolescentes terem como fonte de informação os amigos, sobre questões da sexualidade, não resulta em comportamentos violentos no namoro.

Tabela 52 - Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função dos amigos como fontes de informação

Variáveis	Fontes inf. amigos	Sim OM	Não OM	UMW	p
Viol. Psic. Masc.		126.66	120.19	5633.000	0.519
Viol. Fis. Masc.		132.40	117.96	5242.500	0.150
Viol. Sexual masc.		133.01	117.72	5201.000	0.127
Viol. Psic. Fem.		121.42	122.23	5910.500	0.936
Viol. Fis. Fem.		124.51	121.03	5779.500	0.727
Viol. Sexual Fem.		128.94	119.30	5478.000	0.333
Estra. Conflito prop.		121.80	118.62	5524.000	0.749
Estra. N. abusivas prop.		121.86	118.60	5520.500	0.743
Estra. Conflito outro		119.63	118.08	5432.000	0.877
Estra. N. abusivas outro		122.29	117.03	5360.000	0.594

Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função dos professores como fontes de informação sobre sexualidade

Os resultados alcançados, com recurso ao Teste *U Mann Whitney* (cf. Tabela 53), demonstram que os estudantes, que referiram que os professores não são fonte de informação, foram os que obtiveram um valor médio mais elevados em todos os tipos de violência e nas estratégias. No tipo de violência, os valores médios mais significativos foram o da violência psicológica masculina (M=151.95) e da violência sexual feminina (M=148.84). Quanto às estratégias, sobressaiu o valor médio das estratégias conflito outro (M=139.98).

Registaram-se diferenças estaticamente significativas em todos os tipos de violência exercida, bem como nas estratégias conflito outro, sugerindo que o facto de os professores serem fonte de informação sobre questões da sexualidade resulta em comportamentos violentos no namoro.

Tabela 53 - Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função dos professores como fontes de informação

Variáveis \ Fontes inf. Prof.	Sim OM	Não OM	UMW	p
Viol. Psic. Masc.	111.96	151.95	3724.000	0.000
Viol. Fis. Masc.	114.29	145.01	4147.500	0.003
Viol. Sexual masc.	114.15	145.43	4121.500	0.003
Viol. Psic. Fem.	113.41	147.62	3988.000	0.001
Viol. Fis. Fem.	116.58	138.16	4565.000	0.037
Viol. Sexual Fem.	113.01	148.84	3914.000	0.001
Estra. Conflito prop.	115.20	131.98	4637.000	0.100
Estra. N. abusivas prop.	116.10	129.35	4797.500	0.194
Estra. Conflito outro	112.06	136.98	4210.500	0.014
Estra. N. abusivas outro	114.82	129.31	4631.500	0.154

Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função dos médicos/enfermeiros como fontes de informação sobre sexualidade

Os resultados alcançados, com recurso ao T-Teste (cf. Tabela 56), evidenciam que os estudantes, que referiram que os médicos/enfermeiros não são fonte de informação, foram os que obtiveram um valor médio mais elevados em todos os tipos de violência, com destaque para a violência psicológica masculina (M=35.42) e violência sexual feminina (M=31.84). Quanto às estratégias, as não abusivas próprio obtiveram um valor médio mais elevados, nomeadamente nos participantes que admitiram que os médicos/enfermeiros são fonte de informação (M=15.25), seguindo-se as estratégias não abusivas outro (M=14.41).

Registaram-se diferenças estaticamente significativas na violência psicológica e sexual masculina e feminina, sugerindo que esta variável resulta em comportamentos violentos no namoro. Contrariamente às estratégias, onde não houve diferenças estaticamente significativas.

Tabela 54 - Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função dos médicos/enfermeiros como fontes de informação

Fontes inf. Médicos Estratégias	Sim		Não		Leven,s p	t	p
	Média	Dp	Média	Dp			
Viol. Psic. Masc.	31.76	10.51	35.42	10.10	0.980	-2.766	0.006
Viol. Físic. Masc.	24.88	9.11	26.79	9.11	0.583	-1.578	0.116
Viol. Sexual masc.	23.94	9.51	27.04	9.32	0.697	-2.563	0.011
Viol. Psic. Fem.	26.35	9.76	30.00	10.16	0.555	-2.880	0.004
Viol. Físic. Fem.	27.44	8.48	29.25	8.35	0.859	-1.668	0.097
Viol. Sexual fem.	28.53	8.01	31.84	7.75	0.260	-3.265	0.001
Est. Conflito próprio	9.05	7.85	9.88	8.54	0.381	-0.782	0.435
Est. N abusivas próprio	15.25	5.61	14.86	5.75	0.620	0.524	0.601
Est. Conflito outro	8.82	7.99	10.53	8.54	0.349	-1.585	0.114
Est. N abusivas outro	14.41	5.62	14.22	5.77	0.528	0.251	0.802

Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função do(a) namorado(a) como fonte de informação sobre sexualidade

Os resultados alcançados, com recurso ao *U Mann Whitney* (cf. Tabela 55), mostram que os estudantes, que referiram que o(a) namorado(a) não é fonte de informação, foram os que obtiveram um valor médio mais elevados em todos os tipos de violência, com destaque para a violência psicológica feminina (M=127.16; M=) e violência sexual feminina (M=31.84). Quanto às estratégias, na globalidade, foram os estudantes, cujo(a) namorado(a) é fonte de informação, que obtiveram valores médios mais elevados, sobretudo nas estratégias não abusivas próprio (M=137.62).

Registaram-se diferenças estaticamente significativas nas estratégias, nomeadamente nas não abusivas próprio e outro, sugerindo que a variável fonte de informação por parte do(a) namorado(a) influencia o recurso às estratégias.

Tabela 55 - Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função do(a) namorado(a) como fonte de informação

Variáveis	Fontes inf. Nam.	Sim OM	Não OM	UMW	p
Viol. Psic. Masc.		118.50	123.42	5810.000	0.621
Viol. Fis. Masc.		118.27	123.51	5794.000	0.598
Viol. Sexual masc.		120.17	122.74	5927.000	0.796
Viol. Psic. Fem.		109.24	127.16	5161.500	0.070
Viol. Fis. Fem.		119.35	123.07	5869.500	0.707
Viol. Sexual Fem.		110.84	126.51	5274.000	0.113
Estra. Conflito prop.		124.78	117.30	5510.500	0.444
Estra. N. abusivas prop.		137.62	111.95	4611.500	0.009
Estra. Conflito outro		123.80	116.31	5396.000	0.443
Estra. N. abusivas outro		132.43	112.63	4835.000	0.041

Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função dos amigos como fontes de informação sobre sexualidade

Os resultados apurados, com recurso ao T-Teste (cf. Tabela 56), demonstram que os estudantes, que referiram que os amigos são fonte de informação, foram os que obtiveram valores médios mais elevados em todos os tipos de violência e nas estratégias, com destaque para a violência psicológica masculina ($M=35.70$) e estratégias não abusivas próprio ($M=16.18$).

Registaram-se diferenças estaticamente significativas nas estratégias conflito próprio e não abusivas outro, sugerindo que esta variável interfere nas estratégias utilizadas pelos participantes. Nos tipos de violência exercidos, houve diferenças estaticamente significativas na violência psicológica feminina.

Tabela 56 - Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função dos amigos como fontes de informação

Variáveis	Fontes inf. amigos		Sim		Não		Leven,s p	t	p
	Média	Dp	Média	Dp	Média	Dp			
Viol. Psic. Masc.	32.70	10.01	34.35	10.81	0.045	-1.227	0.221		
Viol. Fisic. Masc.	25.27	9.62	26.32	9.27	0.938	-0.857	0.392		
Viol. Sexual masc.	24.45	9.82	26.39	9.19	0.119	-1.583	0.115		
Viol. Psic. Fem.	26.68	10.14	29.45	9.94	0.936	-2.143	0.033		
Viol. Fisic. Fem.	27.84	8.89	28.78	8.04	0.175	-0.858	0.392		
Viol. Sexual fem.	29.31	7.91	30.93	8.11	0.806	-1.576	0.116		
Est. Conflito próprio	9.60	7.97	9.34	8.42	0.696	0.242	0.809		
Est. N abusivas próprio	16.18	5.09	14.04	5.99	0.064	2.958	0.003		
Est. Conflito outro	10.20	8.25	9.22	8.36	0.742	0.904	0.367		
Est. N abusivas outro	15.19	4.98	13.52	6.17	0.013	2.279	0.024		

Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função dos jornais como fontes de informação sobre sexualidade

Os resultados apurados, com recurso ao T-Teste (cf. Tabela 57), evidenciam que os estudantes, que referiram que os jornais são fonte de informação, foram os que obtiveram valores médios mais elevados em todos os tipos de violência e nas estratégias, com destaque para a violência psicológica masculina ($M=33.79$) e estratégias não abusivas próprio ($M=15.72$).

Não se registram diferenças estaticamente significativas nos tipos de violência exercidos e nas estratégias, sugerindo que esta variável não interfere nos comportamentos violentos nem nas estratégias utilizadas pelos estudantes.

Tabela 57 - Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função dos jornais como fontes de informação

Fontes inf. jornais Variáveis	Sim		Não		Leven,s p	t	p
	Média	Dp	Média	Dp			
Viol. Psic. Masc.	33.79	10.45	33.39	10.49	0.715	0.296	0.767
Viol. Físic. Masc.	25.73	9.80	25.90	9.16	0.405	-0.135	0.893
Viol. Sexual masc.	25.30	10.12	25.60	9.03	0.035	-0.241	0.810
Viol. Psic. Fem.	27.22	10.14	28.90	10.06	0.834	-1.286	0.200
Viol. Físic. Fem.	28.11	8.76	28.51	8.21	0.415	-0.365	0.716
Viol. Sexual fem.	29.90	7.91	30.39	8.17	0.381	-0.473	0.637
Est. Conflito próprio	9.18	7.65	9.70	8.65	0.055	-0.488	0.626
Est. N abusivas próprio	15.72	5.50	14.49	5.78	0.262	1.669	0.096
Est. Conflito outro	9.86	7.96	9.54	8.61	0.422	0.289	0.773
Est. N abusivas outro	14.71	5.65	13.99	5.71	0.973	0.978	0.329

Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função da rádio/ televisão como fonte de informação sobre sexualidade

Os resultados alcançados, através do *U Mann Whitney* (cf. Tabela 58), demonstram que os estudantes, que referiram que a rádio/televisão é fonte de informação, obtiveram um valor médio mais elevado, em termos de violência exercida, na violência sexual masculina ($M=126.00$), enquanto os estudantes que não têm estes meios de comunicação como fontes de informação, obtiveram o valor médio mais elevado na violência psicológica feminina ($M=125.24$). No que se refere às estratégias, na globalidade, foram os estudantes que afirmaram ter estes meios de comunicação como fontes de informação a obter as médias mais elevadas, destacando-se as estratégias não abusivo próprio ($M=126.80$).

Não se registram diferenças estaticamente significativas nos tipos de violência exercidos e nas estratégias, sugerindo que esta variável não interfere nos comportamentos violentos, nem nas estratégias utilizadas pelos estudantes.

Tabela 58 - Violência psicológica, sexual e física e estratégias em função da rádio ou televisão como fonte de informação

Variáveis	Fontes inf. rádio/ televisão	Sim OM	Não OM	UMW	p
Viol. Psic. Masc.		123.29	121.44	6110.500	0.851
Viol. Fis. Masc.		121.45	122.24	6165.000	0.936
Viol. Sexual masc.		126.00	120.28	5913.000	0.560
Viol. Psic. Fem.		114.45	125.24	5654.500	0.270
Viol. Fis. Fem.		117.66	123.86	5888.500	0.526
Viol. Sexual Fem.		117.07	124.12	5845.000	0.470
Estra. Conflito prop.		122.03	118.43	5749.500	0.711
Estra. N. abusivas prop.		126.80	116.40	5410.500	0.285
Estra. Conflito outro		124.61	115.92	5382.000	0.371
Estra. N. abusivas outro		124.69	115.84	5418.000	0.359

3. Discussão

Várias foram as etapas percorridas durante este estudo, como tal, o mesmo não se pode dissociar de cada uma delas.

Procura-se, neste ponto, analisar o conjunto dos resultados e interpretá-los segundo o tipo de estudo e o quadro de referência teórica utilizada, tendo em conta o facto de que se visa a descrição dos resultados.

Esta fase do estudo, feita a passagem pela fundamentação teórica existente, pela metodologia adotada e pelos dados obtidos, debruçar-se-á, essencialmente, numa reflexão que se pretende crítica, sobre a discussão dos resultados, comparando-os com o que os investigadores dizem acerca da temática central desta.

Assim, começamos por referir que a amostra em estudo era constituída por 243 adolescentes, com uma idade mínima de 15 anos e uma máxima de 21, sendo a idade média de 16.29 anos. O grupo etário mais prevalente é o de idade superior a 17 anos. As raparigas surgem em maior percentagem do que os rapazes. Os adolescentes habitam principalmente em zonas rurais e são na maioria de nacionalidade portuguesa. Apurámos que as Ciências e Tecnologias foi o curso que representa mais de metade da amostra, tendo igualmente prevalecido os estudantes que frequentam o 10º ano. Verificámos que mais de metade dos adolescentes vive com os pais. Quanto à religião, confirmámos que a grande maioria dos inquiridos eram católicos. As habilitações literárias dos progenitores situaram-se, na sua maioria, até ao 1º Ciclo do Ensino Básico. Verificámos que quase todos os participantes namoram ou já namoraram.

Retomando-se um dos objetivos desse estudo, identificar os fatores que influenciam a violência no namoro nos estudantes que frequentam o ensino secundário, com base no estudo empírico, apurámos que o género foi uma variável que interferiu na violência no namoro, tendo os participantes do género masculino apresentado médias mais elevadas em todos os tipos de violência, sendo o valor médio mais alto o da violência psicológica. Verificou-se que há diferenças estatisticamente significativas em todos os tipos de violência masculina e feminina. Estes resultados comprovam as evidências alcançadas por outros estudos, como são exemplo Saavedra e Machado (2012), Machado et al. (2010); Matos et al. (2006), segundo os quais, existem diferenças significativas na violência perpetrada pelos estudantes do género masculino, em relação aos do género feminino. De acordo com

os mesmos autores, a violência psicológica masculina e feminina é a mais evidente, o que está em conformidade com os dados apurados no nosso estudo.

Saavedra e Machado (2012) também verificaram que a violência sexual é perpetrada maioritariamente pelos adolescentes do sexo masculino. As autoras sustentam que os rapazes apresentaram níveis significativamente mais elevados de tolerância às diferentes formas de violência quer estas fossem perpetradas por rapazes, quer por raparigas. Esta superior legitimação tem sido encontrada em diferentes estudos e por diferentes autores (Machado et al., 2010; Matos et al., 2006), e tem sido explicada, nomeadamente, pelo facto de os rapazes serem socializados no sentido de uma maior agressividade nos seus relacionamentos interpessoais.

Outro resultado importante a que chegámos está relacionado com a variável curso que os estudantes frequentam, na medida em que interferiu estatisticamente nos tipos de violência exercida no namoro pelos participantes. Mais especificamente, verificámos que os participantes que frequentavam o curso Técnico Mobiliário e os que frequentam o curso Técnico de Gestão obtiveram os valores médios mais elevados em todos os tipos de violência, sobressaindo a violência física e sexual masculina. No grupo de estudantes que frequentam o curso Técnico de Gestão a violência psicológica feminina foi a que apresentou um valor médio mais elevado, seguindo-se a violência sexual e física masculina. Estes dados sugerem que o tipo de curso que os estudantes frequentam influencia a tendência para existirem comportamentos violentos no namoro, quer para os rapazes, quer para as raparigas. Deste modo, podemos referir que os dados alcançados corroboram os encontrados por Catarino et al. (2011), na medida em que os autores apuraram que os atos de violência no namoro são comuns em ambos os sexos.

Na presente investigação, as habilitações literárias dos pais foi também uma variável com interferência no tipo de violência no namoro exercido pelos estudantes. Como tal, apurámos que os estudantes, cujos pais têm habilitações literárias até ao 1º Ciclo do Ensino Básico, apresentaram valores de ordenação média mais elevados em todos os tipos de violência, destacando-se a violência psicológica feminina, contrariamente aos pais que têm habilitações literárias ao nível superior que revelam valores médios inferiores, na generalidade, onde se destacam a violência sexual masculina e a violência física feminina. Verificámos, por conseguinte, a existência de diferenças estaticamente significativas ao nível da violência sexual feminina, sugerindo que as habilitações literárias dos pais levaram à existência de comportamentos violentos no namoro. No caso concreto, com destaque para as raparigas, o que não corrobora o estudo de Andrade (2008), segundo o qual os rapazes apresentam índices

maiores de atos de violência no namoro, justificando esses atos com o comportamento das raparigas.

Outro resultado a que chegámos foi que a variável religião influenciou a tendência para a prática de violência sexual masculina. Os estudantes com religião não católica obtiveram médias mais elevadas, em todos os tipos de violência, com destaque para a violência sexual masculina, tendo a violência sexual feminina uma média também considerável, seguindo-se a violência psicológica masculina. No grupo de estudantes de religião católica, o valor médio mais elevado é o da violência física e psicológica feminina.

Swart (2002) constatou, num estudo sobre prevalência da violência física conduzido em África do Sul junto de uma amostra de estudantes do ensino secundário, que 49,8% rapazes e 52,4% raparigas tinham estado envolvidos num relacionamento amoroso violento. Estes resultados veem ao encontro dos encontrados na presente investigação, na medida em que as raparigas também são perpetradoras de atos de violência psicológica e feminina no namoro. Neste âmbito, salientamos o estudo desenvolvido por Paiva e Figueiredo (2003) que demonstra que a legitimação da violência surge mais elevada entre os adolescentes mais novos, com menor formação e rapazes, que são educados para serem mais fortes, emocionalmente pouco expressivos, competitivos e dominadores face às suas parceiras.

Dando continuidade aos resultados apurados no presente estudo, referimos que registámos a existência de diferenças estaticamente significativas em todos os tipos de violência, no que se refere ao facto de os participantes já terem tido relações sexuais. Assim, podemos dizer que esta variável leva à existência de comportamentos violentos no namoro. Neste âmbito, destacou-se a violência sexual masculina, seguindo-se-lhes a violência psicológica masculina e feminina. Estes resultados corroboram os de Caridade e Machado (2008), na medida em que as autoras também concluíram que os adolescentes do ensino secundário que já iniciaram a sua atividade sexual têm mais propensão a comportamentos violentos em relações amorosas, cuja prevalência foi ao nível do género masculino.

Constatámos que existem diferenças estaticamente significativas na violência física feminina, no que se refere ao facto de os pais serem fonte de informação sobre a sexualidade. Assim, salientamos que a violência física e psicológica feminina sobressaiu em termos de valores médios, contudo, também se destacou a violência sexual masculina, ainda que em menor representatividade comparativamente às raparigas. Estes dados estão em conformidade com os apurados por Straus (2004), tendo as raparigas cometido, com alguma forma de violência (psicológica e física),

contra os namorados quase tão frequentemente quanto eles. No caso da violência física, até se destacam negativamente. Segundo estudo da Universidade de Illinois, nos Estados Unidos (2012), 43% das adolescentes reconhecem ter cometido algum ato de violência física em encontros amorosos, contrariamente a 28% dos rapazes. De acordo com o mesmo estudo, no que concerne é a violência sexual, a diferença entre os gêneros torna-se pouco expressiva, tal como constatamos na presente investigação, onde este tipo de violência foi praticamente similar em rapazes e raparigas.

Registaram-se igualmente diferenças estaticamente significativas na violência psicológica e sexual masculina e feminina, quando estabelecemos uma relação com o facto de os profissionais de saúde (médicos/enfermeiros) serem fontes de informação sobre a sexualidade, sugerindo que esta variável resulta em comportamentos violentos no namoro. Ou seja, verificámos que os estudantes que não têm esses profissionais como fonte de informação foram os que obtiveram um valor médio mais elevados em todos os tipos de violência, com destaque para a violência psicológica masculina e violência sexual feminina. Deste modo, inferimos que os profissionais de saúde assumem um papel de relevância no que se refere à prevenção de comportamentos violentos no namoro em adolescentes.

Através da Educação para a Saúde é possível envolver os adolescentes na construção e na manutenção do seu potencial de saúde, tendo os profissionais de saúde um papel fundamental de mentores neste processo de capacitação. Segundo Gomes (2008), a pessoa deve adotar uma atitude participativa ao longo do seu processo de saúde. Para isso, necessita de três características essenciais: tem que ser ativa, isto é, o indivíduo tem que ter de facto poder de decisão; implica o direito e responsabilidade das pessoas fazerem escolhas e de terem controlo sobre as decisões que afetam as suas vidas. Ao longo desse processo, os adolescentes devem estar investidos de *empowerment* para que possam decidir sobre assuntos que lhes digam respeito, nomeadamente os que se relacionam com os seus estilos de vida e a sua saúde (Gomes, 2008). Os profissionais de saúde conjuntamente com os adolescentes devem fazer um levantamento das necessidades e dos recursos que eles dispõem, potenciando capacidades no sentido de colmatar as necessidades e superar as dificuldades relacionadas com a sua saúde, onde se incluem as questões dos relacionamentos com os outros. Este processo visa igualmente uma responsabilização pelas suas escolhas e uma autonomia crescente para a tomada de decisão sobre a sua saúde.

Saavedra e Machado (2012) demonstraram, através do seu estudo com alunos do ensino secundário, a eficácia da intervenção ao nível da diminuição das atitudes de legitimação da violência nos relacionamentos, por parte dos profissionais de saúde.

Confirmámos, com base nos dados empíricos que, na nossa amostra, houve diferenças estaticamente significativas na violência psicológica feminina, quando procurámos saber se há uma influência dos amigos como fonte de informação sobre a sexualidade. Os valores médios mais elevados foram os obtidos no grupo de participantes, cujos amigos são fonte de informação, com destaque para a violência psicológica masculina. Uma vez mais verificámos que os rapazes são muito propensos a comportamentos de violência no namoro, aqui concretamente em termos psicológicos, corroborando o estudo de Schraiber et al. (2006).

Procurámos também determinar a prevalência da violência no namoro nos estudantes que frequentam o ensino secundário, tendo-se apurado que, relativamente às diferentes formas de violência exercidas pelos rapazes, o valor mínimo foi para a violência física e sexual, enquanto os máximos se situaram na violência psicológica, resultando em diferenças estatisticamente significativas para todos os tipos de violência, sendo esta uma situação análoga ao género feminino. Estes resultados corroboram os encontrados por Caridade e Machado (2008), que verificaram que entre os adolescentes, que frequentam o ensino secundário e profissional, a violência psicológica é a mais significativa nas relações de namoro. Também Mota (2011) apurou que a maior parte das situações ocorridas no namoro em adolescentes são de violência psicológica, realçando que a violência física e sexual é mais difícil de identificar. Esta realidade deve-se ao facto das próprias vítimas sentirem vergonha de assumir ou de partilhar com alguém, que são vítimas desse tipo de violência. A mesma autora confirmou que muitas vezes as situações de violência no namoro são identificadas, mas o pedido de ajuda nunca chega a acontecer. As vítimas têm dificuldade em reconhecer que são vítimas e quando o fazem têm medo das consequências desse pedido de ajuda. Perante as dificuldades que são relatadas pelos profissionais que contactam com estes jovens, surge a pertinência de intervir em contexto escolar, no âmbito da prevenção da violência no namoro.

Acresce referirmos que o namoro na adolescência assume-se, para muitos adolescentes, como a sua primeira experiência de relacionamento íntimo e, de acordo com Matos et al. (2006), para 12% dos adolescentes do ensino secundário pode ser um confronto com situações de agressão ou violência, quer seja física, sexual ou psicológica. Por seu turno, outros autores sugerem que a primeira experiência de

violência ocorre no ensino secundário, sendo por volta dos 15 anos o primeiro episódio de violência (Muñoz-Rivas, Graña & González, 2011).

Outro resultado a que chegámos, ao nível da percepção dos adolescentes face às estratégias de conflito de si próprios com as dos outros, bem como as estratégias não abusivas do próprio com as dos outros, foi que as estratégias do conflito do outro se sobrepõem às do próprio, considerando a diferença de médias que se apresentou negativa. Já as estratégias não abusivas do próprio revelaram um índice médio mais elevado quando comparado com as estratégias não abusivas do outro.

Acresce referirmos que, no que concerne aos relatados dos rapazes, estes podem refletir a tentativa de minimizar a adoção de comportamentos agressivos, não os valorizando ou assumindo, optando por uma resposta socialmente mais desejável e menos passível de reprovação social (Feiring et al., 2002). No que se refere à menor utilização de estratégias positivas de resolução de conflitos, tal ocorrência poderá estar associada a uma socialização predominantemente agressiva, em que alternativas não violentas não são tão estimuladas e reforçadas (Saavedra & Machado, 2012).

Por fim, salientamos a importância do impacto positivo das sessões de Educação para a Saúde, como salientam Catarino et al. (2011), os adolescentes adquirem mais conhecimentos sobre a violência no namoro, bem como apreendem mais estratégias para lidarem com a violência perpetrada pelo seu companheiro e ou para evitarem comportamentos desajustados a este nível. Este modelo de intervenção na saúde é destacado por vários autores, citados por Pereira et al. (2009), como apresentando diversas vantagens, entre as quais, o processo de transmissão e compreensão facilitador; desenvolvimento de estratégias motivadoras para alterações comportamentais; a promoção de aprendizagens mais sustentadas no tempo; o facto de os profissionais poderem exercer uma influência positiva e oferecerem apoio emocional e social aos adolescentes e por promoverem o *empowerment*.

Conclusão

O presente estudo procurou verificar os fatores que influenciam a violência no namoro nos estudantes que frequentam o ensino secundário, determinando a sua prevalência, bem como identificar as variáveis sociodemográficas que se relacionam com a violência do namoro e quais os efeitos de variáveis contextuais no desenvolvimento da violência do namoro.

Com base na revisão da literatura, concluímos que a violência nas relações de intimidade ocorre a partir da adolescência e durante a vida adulta, frequentemente no âmbito do casamento ou da coabitação - a começar no namoro - e inclui a violência física, psicológica e sexual. Um número significativo de adolescentes vivencia violência nas relações de namoro, percecionando-a, muitas vezes, como um ato sem relevância. Do ponto de vista social, o fenómeno da violência nas relações amorosas não é isolado, sendo reconhecido como algo complexo que necessita de uma intervenção eficaz (Oliveira, 2009). Intervir significa diminuir as taxas da agressão e as mudanças de atitudes de justificabilidade da mesma (Ribeiro, 2008).

Constatámos que a violência no namoro não é um fenómeno recente. Todavia, o seu estudo científico só ganhou interesse em meados dos anos 90 do século XX, com estudos sobre a prevalência da violência nas relações amorosas em adultos. Só mais recentemente é que esta problemática começou a ser investigada junto dos adolescentes.

Em Portugal existe uma lacuna considerável ao nível da prevenção da violência nos relacionamentos íntimos, sobretudo no que se refere ao namoro entre os adolescentes. A comprovar esta afirmação, no estudo de Saavedra et al. (2011), referido na fundamentação teórica, apenas foi identificado um número residual de iniciativas de informação, sensibilização ou prevenção e, entre estas, foram aferidas variadas falhas ao nível da sustentação teórica da intervenção, da definição de metodologias de avaliação do impacto e da continuidade dos esforços preventivos realizados, neste âmbito.

A investigação desenvolvida contou com uma amostra de 243 adolescentes, maioritariamente com idade superior a 17 anos e do género feminino. Apurámos que as variáveis género curso, as habilitações literárias dos pais e religião interferiram no tipo de violência no namoro exercido pelos estudantes. Registámos a existência de diferenças estaticamente significativas em todos os tipos de violência, nomeadamente nos estudantes que tinham tido relações sexuais. Constatámos diferenças

estaticamente significativas na violência física feminina, no que se refere ao facto de os pais serem fonte de informação sobre a sexualidade. Assim, salientamos que a violência física e psicológica feminina sobressaiu em termos de valores médios, todavia, também se destacou a violência sexual masculina, ainda que em menor representatividade comparativamente às raparigas.

Registaram-se igualmente diferenças estaticamente significativas na violência psicológica e sexual masculina e feminina, quando estabelecemos uma relação com o facto de os profissionais de saúde (médicos/enfermeiros) serem fontes de informação sobre a sexualidade. Ou seja, verificámos que os estudantes que não têm esses profissionais como fonte de informação foram os que obtiveram um valor médio mais elevados em todos os tipos de violência, com destaque para a violência psicológica masculina e violência sexual feminina. Como tal, estes dados permitem inferir que os profissionais de saúde assumem um papel de relevância no que se refere à prevenção de comportamentos violentos no namoro em adolescentes.

Concluímos que houve diferenças estaticamente significativas na violência psicológica feminina, quando procurámos saber se havia uma influência dos amigos como fonte de informação sobre a sexualidade. Os valores médios mais elevados foram os obtidos no grupo de participantes, cujos amigos são fonte de informação, com destaque para a violência psicológica masculina.

Apurou-se que, relativamente às diferentes formas de violência exercidas pelos rapazes, o valor mínimo foi para a violência física e sexual, enquanto os máximos se situaram na violência psicológica, resultando em diferenças estatisticamente significativas para todos os tipos de violência, sendo esta uma situação idêntica ao género feminino.

No que se refere à percepção dos adolescentes face às estratégias de conflito de si próprios com as dos outros, bem como as estratégias não abusivas do próprio com as dos outros, concluímos que as estratégias do conflito do outro se sobrepõem às do próprio, considerando a diferença de médias que se apresentou negativa. Já as estratégias não abusivas do próprio revelaram um índice médio mais elevado quando comparado com as estratégias não abusivas do outro.

Face a estes resultados, considera-se importante a intervenção dos profissionais integrados nos projetos de saúde escolar, tendo os mesmos um papel preponderante na promoção de comportamentos saudáveis nos estudantes, visando mudanças positivas em variáveis cognitivas e comportamentais. Os resultados mostraram a necessidade de prevenir e intervir sobre este assunto logo no início da adolescência, quando se estabelecem as primeiras relações afetivas e amorosas com pares.

Neste sentido, sugere-se que se desenvolvam, em contextos de grupo (salas de aula, ocupação de tempos livres), sessões de esclarecimento, tendo como base a dinâmica de grupo. Apresentação de situações simuladas em que os vários tipos de violência (física, psicológica e sexual) sejam visíveis, promovendo-se a análise e reflexão posterior pelos adolescentes. Utilização de jornais de escola para a divulgação das conclusões das atividades desenvolvidas. Propomos ainda que a temática seja abordada de forma transversal a todo o plano curricular e não apenas nas unidades curriculares não disciplinares. Esta dinâmica poderá ser adaptada à temática da violência nas relações amorosas juvenis, tendo como objetivo levar os jovens a consciencializar-se da gravidade desta problemática. Tem de se fomentar nos mais jovens que o namoro é representa um tipo de relação interpessoal que tem como objetivo a vivência sentimental e/ou sexual, devendo ser pautada por relacionamentos positivos e saudáveis, bem como o respeito pelas diferenças de género.

Como qualquer investigação, também esta teve as suas limitações, destacando-se sobretudo o facto de não se ter acesso a uma amostra maior, o que daria uma visão muito mais lata da realidade estudada. No entanto, os resultados poderão contribuir para um melhor conhecimento desta realidade e, assim, apoiar programas de intervenção que abarquem o acompanhamento de crianças e jovens desde idades precoces, visando-se a modificação de atitudes e crenças erróneas, a fim de se atenuar a violência no namoro, a qual poderá ser preditora de violência na vida adulta.

Bibliografia

- Alvarez, O. (s.d.). *La violencia en el noviazgo: la invisibilidad del inicio del abuso emocional en la pareja*. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.fundamujer.org.ve/Portales/fundamujer%5Cdata%5CArt%C3%ADculoNoviazgo.pdf>> [Consult. janeiro de 2014].
- Hickman, L. J., Jaycox, L. H., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: prevalence, gender distribution and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence & Abuse*, 5: 123-142.
- Anderson, C. A. & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology*, 53: 27–5.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima – APAV – (2013). *Violência no namoro: são poucos os jovens que apresentam queixa*. [em linha]. Disponível em: http://apav.pt/apav_v2/index.php/pt/main-menu-pt/431-p3-publico-violencia-no-namoro-sao-poucos-os-jovens-que-apresentam-queixa. [Consul. mar. de 2014].
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Straus, M.A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence against Women*, 10(7): 790-811.
- Swart, L., Seedat, M., Stevens, G., & Ricardo, I. (2002). Violence in adolescents' romantic relationships: findings from a survey amongst school-going youth in a South African community. *Journal of Adolescence*, 25: 385-395.
- Berry, B. D. (2000). *The domestic violence sourcebook: Everything you need to know*. Los Angeles: Lowell House.
- Black, M.B. & Weisz, N.A. (2003). Dating violence. Help-seeking behaviours of African American middle schoolers. *Violence Against Women*, v. 9, 2: 187-206.
- Vidal, M. (2008). *Percepções de jovens acerca do uso da violência em relações de namoro: estudo exploratório*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Bloom, M. (1996). *Primary prevention practices*. Thousand Oaks: Sage.
- Dahlberg, L., & Krug, E. (2007). *Violência: um problema global de saúde pública*. Organização Mundial de Saúde. Genebra.

- Callahan, M., Tolman, R., & Saunders, D. (2003). Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of adolescent research*. Vol 18 (6): 664-681.
- Caridade, S. & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 4 (24), 485-493.
- Caridade, S., Machado, C. & Vaz, F. (2007). Violência no namoro: Estudo exploratório com jovens estudantes. *Psychologica*, 46: 197-214.
- Matos, M. (2006). *Violência nas relações de intimidade: Estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade do Minho.
- Catarino, H.C.P.B. (2011). *Violência no namoro em adolescentes: Diferenças de género e o impacto de uma sessão de educação*. [Texto policopiado].
- Chaves, E. S.; Ristum, M. & Noronha, C. V. (1997). Estratégias para o Controle e a Prevenção da Violência: uma experiência em saúde que integraliza ações, a partir da atuação de diferentes segmentos. Texto apresentado em Seção Coordenada do III Congresso Nacional da Rede UNI-IDA. Salvador, BA.
- De la Rosa, E. (2005). Violência em el noviazgo: en nombre del amor. *Revista Violeta*, 7: 18-19.
- Dias, I. (2004). *Violência na Família. Uma Abordagem Sociológica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Labrador, F.J.; Rincón, P.P.; Luis, P. & Fernández-Velasco, R. (2005). *Mujeres Víctimas de La Violencia Doméstica: Programa de Actuación*. Madrid: Prámide.
- Dobash, R. P, & Dobash, R. E. (2004). The nature and antecedents of violent events. *British Journal of Criminology*, 24: 269-288.
- Ferreira, A.B. (1993). *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Méndez, R.G. & Hernández, J.D.S. (2001). *Violencia en parejas jóvenes: análisis y prevención*. Madrid: Pirámide.
- Fortin, M. F. (2009). *O Processo de Investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp.
- Grossi, M.P. (1994). Novas/velhas violências contra a mulher no Brasil. *Estudos Feministas*, 2: 473-481.
- Gil, A.C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.

- Hamberger, L. K. & Guse, C. E. (2002). Men`s and women use of intimate partner violence in clinical samples, *Violence Against Women*, 11: 1301-1331.
- Jackson, S. M. (1999). Issues in the dating violence research: a review of the literature. *Agression and Violent Behavior*, 4: 233-247.
- Jenkins, S. S. & Aubé, J. (2002). Gender differences and gender related constructs in dating aggression. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28(8): 1106-1118.
- Jackson, T. L., & Davis, J. L. (2000). Prevention of sexual and physical assault toward women: A program for male athletes. *Journal of Community Psychology*, 28: 589-605.
- Katz, J., Kuffel, S.W., & Coblenz, A. (2002). Are there gender differences in sustaining dating violence? An examination of frequency, severity, and relationship satisfaction. *Journal of Family Violence*, 17: 247-271.
- Sousela, L.M.A. (2006). *Violência Conjugal Feminina: Contextos, motivos e consequências*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Kaura, S.A. & Allen, C.M. (2004). Dissatisfaction with relationships power and dating violence perpetration by men and women. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 19, 5: 576-588.
- Chase, K.; Treboux, D. & O` Leary, K.D. (2002). Characteristics of high-risk adolescents` dating violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 1: 33-49.
- Lewis, S. F., & Fremouw, W. (2001). Dating violence: a critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*, 21: 105-127.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33: 69-83.
- Magalhães, F. (2006). *A psicologia do sorriso humano*. Porto, Universidade Fernando Pessoa.
- Magalhães, T. (2006). *Violência e Abuso. Respostas simples para questões complexas*. Editora: Imprensa Universidade de Coimbra.
- Mahoney, P., Williams, L. M., & West, C. M. (2001). Violence against women by intimate relationships partners. In C. M. Renzetti, J. L. Edleson & R. K. Bergen (Eds.), *Sourcebook on violence against women* (pp. 143-178). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Rodrigues, J., Brino, R., & Williams, L. (2006). Concepção de sexualidade entre adolescentes com ou se histórico de violência sexual. *Paidéia*, 16 (34): 229-346.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro com adolescentes em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8: 55-75.

- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(1): 55-75.
- Medeiros, R. A. & Straus, M.A. (2006). *Risk factors for physical violence between dating partners: implications for gender inclusive prevention and treatment of family violence*. Madrid: Pirâmide.
- Minayo, M. C. S. & Souza, E. R. (1997-1998). Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. *História, Ciências, Saúde*, 1:513-531.
- Muñoz-Rivas, M.J.; Graña, J.L.; O'Leary, K.D.; González, P. (2007). Aggression in adolescent dating relationships: prevalence, justification, and health consequences. *Journal of Adolescent Health*, 40(4):298-304.
- Oliveira, M. (2009). *Violência Intergeracional: da violência na família à violência no namoro*. Dissertação de Mestrado em Ciências Forenses. Universidade do Porto, Porto.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36: 75-107.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36: 75-107.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O Mundo da Criança*. Lisboa: Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- Pestana, M.H. & Gageiro, J.N. (2009). *Análise categórica, árvores de decisão e análise de conteúdo em ciências sociais e da saúde com o SPSS*. Lisboa: Edições Lidel.
- Ribeiro, M. (2008). *Prevenção Primária da Violência: Construção, implementação e avaliação de um programa de intervenção em contexto escolar*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Rougemont, D. (2003). *A história do amor no Ocidente*. São Paulo: Ediouro.
- Saavedra, R., & Machado, C. (2012). *Programas de prevenção primária da violência nos relacionamentos íntimos: Uma revisão sistemática da prática internacional e portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- Saavedra, R., Machado, C., Martins, C., & Vieira, D. (2011). Inventário de conflitos nas relações de namoro entre adolescentes. In C. Machado, M. M. Gonçalves, L. Almeida, & M. R. Simões (Coords.), *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica, Vol. I*. Coimbra: Almedina.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F. & Lucio, P. B. (2006). *Metodologia da Pesquisa em Administração*. São Paulo: McGraw-Hill.

Stuart, G.L. (2003). Reductions in marital violence following treatment for alcohol dependence. *Journal of Interpersonal Violence*, 18:1113-1131.

Tjaden, P. & Thoennes, N. (2000). Prevalence and Consequences of male-to-female and female-to-male intimate partner Violence as measured by the National Violence against Women Survey. *Violence against women*, 6(2):142-161.

Anexos

Anexo A

Pedido de autorização

Ana Lopes

24-05-2012

Para: cmartins@psi.uminho.pt

Exma Sr^a Doutora

Eu, Ana Isabel Silva Lopes, aluna de Mestrado de Educação para a Saúde, da Escola Superior de Saúde de Viseu, estou neste momento a iniciar a dissertação do mestrado e decidi abordar a temática relativa à: “Violência nos namoros”, por ser uma área de interesse pessoal e, como tal, gostaria de ter um conhecimento mais alargado e baseado na evidência científica.

No sentido de identificar e analisar os comportamentos e atitudes dos jovens quanto à violência nas relações de namoro venho por este meio solicitar a sua autorização para utilizar as escalas por si validadas na tese de Doutoramento em Psicologia “Prevenir antes de remediar. Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis”:

- Inventário de conflitos nos relacionamentos de namoro adolescentes (CADRI)
- Escala de atitudes acerca da violência no namoro

Agradeço desde já a atenção dispensada. Fico a aguardar a sua resposta.

Sem mais assunto de momento, os melhores cumprimentos,

Ana Lopes

ANEXO B

QUESTIONÁRIO

Caro estudante:

No âmbito da unidade curricular de Dissertação, está a Escola Superior de Viseu e a aluna Ana Isabel Silva Lopes do 2º ano do Mestrado de Educação para a Saúde a desenvolver um estudo subordinado ao tema "Atitudes dos jovens face à sexualidade: algumas variáveis intervenientes."

Assim, o presente questionário pretende colher informação anónima e confidencial, que servirá apenas para tratamento estatístico.

Pedimos-te que o leias e respondas a todas as perguntas de uma forma espontânea e sincera, de acordo com aquilo que fazes sentes ou pensas. Não existem respostas corretas ou incorretas, o que nos interessa é a tua opinião. Desde já agradecemos a tua colaboração e disponibilidade.

Nas afirmações onde existir um __, deves assinalar com uma cruz (X) a(s) alínea(s) que está(ão) de acordo com o teu caso. Nas questões com um espaço em branco maior _____, deves responder claramente e de forma legível.

Para que seja salvaguardada a validade do questionário, pedimos, por favor, que não deixes nenhuma questão por responder. MUITO OBRIGADO!

PARTE I

- 1- Curso que frequenta _____ Ano _____
- 2- Sexo: Feminino __ Masculino __
- 3- Idade __
- 4- Estado civil: Solteiro(a) __ União de facto __ casado(a) __ Outro __
- 5- Nacionalidade _____
- 6- Residência: Aldeia __ Vila __ Cidade __
- 7- Etnia _____
- 8- Religião _____
- 9- Com quem vives _____
- 10- Tens Irmãos: Sim __ Não __ 12.1- Se sim, qual a idade? _____
- 11- Profissão dos pais: Pai _____ Mãe _____
- 12- Escolaridade dos pais:
- Pai: Antiga 4ª classe__ 6º ano__ 9º ano__ 12ºano__ Bacharelato__ Licenciatura__
Mestrado__ Doutoramento__
- Mãe: Antiga 4ª classe__ 6º ano__ 9º ano__ 12ºano__ Bacharelato__ Licenciatura__
Mestrado__ Doutoramento__
- 13- Na tua opinião há alguma idade mais apropriada para as pessoas iniciarem as relações sexuais? Sim __ Não __
- 13.1- Se **sim** qual é essa idade? Homens __ anos Mulheres __ anos
- 14- Já tiveste relações sexuais? Sim __ Não __
- 14.1- Se **sim**, com que idade? __ anos
- 15- Sentiste pressionado(a) a iniciar a atividade sexual? Sim __ Não __
- 15.1- Se **sim**, por quem: namorado __ grupo de amigos __ Outro. Qual? _____

- 16- Estavas apaixonado(a) pela pessoa com quem tiveste relações pela primeira vez? Sim ___ Não ___
- 17- Essa pessoa era: Mais nova ___ Aproximadamente da mesma idade ___ Bastante mais velha ___
- 18- Alguma vez tiveste relações sexuais/amorosas com alguém do mesmo sexo? Sim ___ Não ___
- 19- Presentemente namoro ou já namorei ___
- 20- Com que idade começaste a namorar? _____
- 21- Durante a tua vida, quantas(os) namoradas(os) já tiveste? _____
- 22- Dessas(es) namoradas(os) com quantas(os) tiveste relações sexuais? _____
- 23- As tuas fontes de informação sobre sexualidade foram: (podes assinalar várias respostas com um X)
- Pais ___ Outros familiares ___ Professores ___ Médicos ou enfermeiros ___ Namorado(a) ___ Amigos(as) ___
Jornais, revistas ou livros ___ Rádio ou televisão ___ Outro. Qual? _____
- 24- Achas que os teus conhecimentos sobre sexualidade são: Muito bons ___ Bons ___ Suficientes ___ Insuficientes ___
- 25- Tens facilidade de acesso às consultas de planeamento familiar? Sim ___ Não ___
- 25.1- Se **não**, qual a principal dificuldade? _____
- 26- Sentes-te à vontade para marcar uma consulta de Planeamento Familiar? Sim ___ Não ___

As perguntas que se seguem questionam-te acerca de coisas que poderão ter acontecido contigo e com o teu namorado ou namorada durante uma discussão. Assinala o quadrado que melhor identifica o número de vezes que essas coisas aconteceram com o teu /tua atual ou ex-namorado(a), no último ano. Por favor, lembra-te que todas as respostas são confidenciais. Como guia de resposta, utiliza a seguinte escala:

Nunca: isto nunca aconteceu no teu relacionamento

Raramente: isto aconteceu apenas 1-2 vezes no teu relacionamento

Às vezes: isto aconteceu cerca de 3-5 vezes no teu relacionamento

Frequentemente: isto aconteceu mais do que 6 vezes no teu relacionamento

DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU(MINHA) NAMORADO(A):	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	FREQUENTEMENTE
1. Eu apresentei os meus motivos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.1 Ele(a) apresentou os motivos dele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Eu toquei-o(a), sexualmente, contra a vontade dele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.1 Ele(a) tocou-me, sexualmente, contra a minha vontade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Eu tentei pôr os amigos dele(a) contra ele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.1. Ele(a) tentou pôr os meus amigos contra mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Eu fiz alguma coisa para lhe provocar ciúmes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.1. Ele(a) fez alguma coisa para me provocar ciúmes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ele(a) gostava.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.1. Ele(a) destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa de que eu gostava.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Eu admiti que tinha alguma culpa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6.1. Ele(a) admitiu que tinha alguma culpa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Eu lembrei uma coisa má que ele(a) tinha feito no passado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7.1. Ele(a) lembrou uma coisa má que eu tinha feito no passado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Eu atirei-lhe alguma coisa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8.1. Ele(a) atirou-me alguma coisa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Eu disse coisas só para o(a) deixar furioso(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9.1. Ele(a) disse coisas só para me deixar furiosa(o).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Eu dei razões para achar que ele(a) estava errado(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10.1. Ele(a) deu razões para achar que eu estava errada(o).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU(MINHA) NAMORADO(A):

	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	FREQUENTEMENTE
11. Eu concordei que ele(a) estava, em parte, certo(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.1. Ele(a) concordou que eu estava, em parte, certa(o).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Eu falei com ele(a) num tom de voz agressivo e mau.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.1. Ele(a) falou comigo num tom de voz agressivo e mau.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Eu forcei-o(a) a ter relações sexuais comigo quando ele(a) não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.1. Ele(a) forçou-me a ter relações sexuais com ele(a) quando eu não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Eu apresentei uma solução que achei boa para os dois.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.1. Ele(a) apresentou uma solução que achou boa para os dois.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Eu ameacei-o(a), para tentar ter relações sexuais com ele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15.1. Ele(a) ameaçou-me, para tentar ter relações sexuais comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Eu deixei de falar até ele(a) se acalmar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16.1. Ele(a) deixou de falar até eu me acalmar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Eu insultei-o(a) com coisas humilhantes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.1. Ele(a) insultou-me com coisas humilhantes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Eu discuti o assunto calmamente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18.1. Ele(a) discutiu o assunto calmamente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Eu beijei-o(a) quando ele(a) não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19.1. Ele(a) beijou-me quando eu não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Eu contei coisas aos amigos dele(a) para os pôr contra ele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.1. Ele(a) contou coisas aos meus amigos para os pôr contra mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Eu gozei-o(a) ou fiz pouco dele(a) em frente de outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21.1. Ele(a) gozou-me ou fez pouco de mim em frente de outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Eu disse-lhe o quanto aborrecida(o) estava.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22.1. Ele(a) disse-me o quanto aborrecido(a) estava.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Eu controlo com quem ele(a) está e onde está.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23.1. Ele(a) controla com quem eu estou e onde estou.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Eu culpei-o(a) pelo problema.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.1. Ele(a) culpou-me pelo problema.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Eu dei-lhe pontapés, bati-lhe ou dei-lhe murros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.1. Ele(a) deu-me pontapés, bateu-me ou deu-me murros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Eu abandonei a sala para me acalmar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26.1. Ele(a) abandonou a sala para se acalmar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Eu desisti só para evitar um conflito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27.1. Ele(a) desistiu só para evitar um conflito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU(MINHA)

	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	FREQUENTEMENTE
28. Eu acusei-o(a) de se meter com outras(os) raparigas/rapazes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28.1 Ele(a) acusou-me de me meter com outros(as) rapazes/raparigas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Eu tentei assustá-lo(a) de propósito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.1 Ele(a) tentou assustar-me de propósito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30.1 Ele(a) deu-me uma bofetada ou puxou-me o cabelo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Eu ameacei magoá-lo(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31.1 Ele(a) ameaçou magoar-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Eu ameacei terminar o namoro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32.1 Ele(a) ameaçou terminar o namoro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. Eu ameacei bater-lhe ou atirar-lhe com qualquer coisa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33.1 Ele(a) ameaçou bater-me ou atirar-me com qualquer coisa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Eu empurrei-o(a), dei-lhe encontrões ou abanei-o(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34.1 Ele(a) empurrou-me, deu-me encontrões ou abanou-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Eu espalhei boatos contra ele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35.1 Ele(a) espalhou boatos contra mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

ANEXO II

ESCALA DE ATITUDES ACERCA DA VIOLÊNCIA NO NAMORO

Escala de atitudes acerca da violência no namoro (E.A.V.N.)

Versão para Investigação

INSTRUÇÕES

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduza o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais.

Obrigado pela tua colaboração!

Por favor, lê atentamente cada afirmação e responde de acordo com as seguintes opções:

Discordo Totalmente

Discordo

Não concordo nem discordo

Concordo

Concordo totalmente

Parte A

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Um rapaz não deve insultar a namorada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Um rapaz não deve dizer à namorada o que fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Uma rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz ameaçar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por vezes, os rapazes não conseguem evitar insultar as namoradas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Uma rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Uma rapariga deve fazer sempre o que o namorado lhe diz para fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Um rapaz não precisa de saber tudo o que a namorada faz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. É normal um rapaz gritar com a namorada quando está furioso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Um rapaz pode dizer mal da namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Não existe nenhuma razão para um rapaz gritar e berrar com a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Uma rapariga não deve estar com os amigos se isso aborrecer o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. É importante que uma rapariga se vista sempre da forma que o namorado quer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte B

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Uma rapariga deve acabar o namoro se o namorado lhe bater.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Não é correto um rapaz bater na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Por vezes os rapazes não conseguem evitar dar murros na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por vezes um rapaz não consegue evitar bater na namorada quando ela o irrita.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Por vezes o ciúme põe um rapaz tão louco que ele bate na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. As raparigas que traem os namorados merecem ser esbofeteadas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Por vezes, o amor faz com que um rapaz fique tão louco que ele bate na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Normalmente um rapaz não bate na namorada a não ser que esta mereça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Um rapaz pode bater na namorada se ela merecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte C

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Quando um rapaz paga a conta num encontro pode pressionar a namorada para ter relações sexuais com ele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Os rapazes não são donos do corpo das namoradas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Quando os rapazes ficam muito excitados sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Os rapazes nunca devem embriagar as namoradas para conseguirem ter relações sexuais com elas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Um rapaz pode forçar a namorada a beijá-lo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Às vezes os rapazes têm de ser brutos com as namoradas para as excitarem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Para provar o seu amor uma rapariga deve ter relações sexuais com o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Uma rapariga que entra no quarto de um rapaz está a concordar ter relações sexuais com ele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais se ela já teve relações no passado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz não tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte D

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados como se devem vestir.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Um rapaz deve fazer sempre o que a namorada lhe diz para fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Se uma rapariga berrar e gritar com o namorado, não o magoa a sério.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados o que fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a namorada quer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Um rapaz deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Uma rapariga pode dizer mal do namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. É normal uma rapariga gritar com o namorado quando fica furiosa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Por vezes as raparigas têm de ameaçar os namorados para eles as ouvirem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Uma rapariga não deve controlar o que o namorado veste.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte E

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Uma rapariga pode bater no namorado se ele merecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Não tem mal se uma rapariga empurrar o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Por vezes, as raparigas não conseguem evitar dar murros nos namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Alguns rapazes merecem levar uma bofetada da namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Por vezes, uma rapariga tem de bater no namorado para ele a respeitar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Normalmente uma rapariga só bate no namorado quando ele merece.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Uma rapariga não deve bater no namorado, independentemente do que ele tenha feito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Puxar o cabelo é uma forma de uma rapariga se vingar do namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Nunca está correto uma rapariga dar uma bofetada ao namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Algumas raparigas têm de bater nos namorados para serem ouvidas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Um rapaz deve terminar o namoro com uma rapariga se esta o esbofetear.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte F

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Uma rapariga não deve tocar no namorado a não ser que ela queira.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Não tem nada de mal um rapaz mudar a sua opinião sobre ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Um rapaz deve terminar o namoro com a namorada se ela o obrigar a ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Uma rapariga só deve tocar no namorado nos sítios onde ele quer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Um rapaz que entra no quarto de uma rapariga está a concordar em ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Não tem nada de mal uma rapariga forçar o namorado a beijá-la.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. As raparigas nunca devem embriagar os namorados para conseguirem ter relações sexuais com eles.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Mesmo se um rapaz tiver dito "sim" sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Depois de um casal assumir um compromisso, a rapariga não tem o direito de forçar o namorado a ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. As raparigas nunca devem mentir aos namorados para eles terem relações sexuais com elas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.. Para provar o seu amor, um rapaz deve ter relações sexuais com a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Uma rapariga pode dizer a um rapaz que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais com ele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

